

ISABEL KEATS

Algo mais
que vizinhos





Algo mais que vizinhos

Isabel Keats

© 2012 Isabel Keats. Todos os direitos reservados.

ALGO MAIS QUE VIZINHOS

Todos os direitos são reservados, incluindo os de reprodução total ou parcial.

Todos os personagens deste livro são fictícios.

Qualquer semelhança com qualquer pessoa, viva ou morta, é pura coincidência.

Imagem de capa: Bigstockphoto

Design da capa: Isabel Keats.

Tradução e Revisão: R. M. Vieira e Vanessa R. Thiago

<http://www.isabelkeats.com/>
[mail to:isabelkeats@gmail.com](mailto:isabelkeats@gmail.com)

Para todos que me ajudaram a chegar até aqui...

Índice de contenido

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Obrigada!](#)

[Meus outros romances são:](#)

[Sobre a autora](#)

Capítulo 1

As noites de final de outubro eram frescas, mas agradáveis. Nessa altura do outono, o céu de Londres, cheio de estrelas brilhantes, era incomum. Deitado sobre uma espreguiçadeira na escuridão, Leopold tentava desconectar sua mente de seu último negócio sem consegui-lo. Estava esgotado, mas reconhecia que havia valido a pena. Depois de quase um mês viajando sem parar de costa a costa dos Estados Unidos, conseguiu fechar a operação de maneira muito satisfatória para sua empresa. Soltou um profundo suspiro; estava consciente de que essa noite custaria dormir, a adrenalina ainda fluía por suas veias a toda velocidade.

De repente, ouviu a porta deslizante de vidro do andar ao lado se abrir e uma mulher sair envolta apenas por uma toalha de banho. A figura sugestiva, completamente alheia à sua presença, apoiou-se nas grades de aço e vidro e ficou parada enquanto observava a vista espetacular dos arranha-céus de Canary Wharf e as docas aos seus pés.

Apesar da escuridão, Leopold admirou as pernas longas, esbeltas e bem torneadas que apareciam sob a toalha branca que mal chegava ao meio da coxa. Era evidente que acabara de tomar um banho quente e, apesar da brisa leve que subia do rio, a possibilidade de pegar um resfriado não parecia preocupá-la nem um pouco. A moça — também não tinha certeza de sua idade, mas algo lhe dizia que era jovem — tinha o cabelo em um coque improvisado, do qual vários fios escapavam, e na penumbra do terraço não conseguia distinguir sua cor.

Leopold estava curioso. Ele ficou surpreso que seu vizinho Paul Winston, que já devia ter sessenta e cinco anos, tivesse se deitado com uma amante jovem; realmente não era um fato extraordinário, apenas nunca pareceu esse tipo de homem. Embora estivesse de costas, havia algo na figura feminina, tão quieta e relaxada, que o atraía com força e, de repente, sentiu um intenso desejo de ver seu rosto.

— Está uma noite linda, não acha?

A garota se virou para ele, visivelmente chocada, e um grito afogado escapou de sua garganta.

— Quem é você? O que faz aí escondido?

Apesar do desgosto que detectou em seu tom, a voz feminina, doce e picante como um bom conhaque, lhe eriçou os cabelos da nuca. Ainda não conseguia distinguir bem as suas feições, mas percebeu que era bonita e que tinha olhos muito grandes, embora também não tenha sido capaz de adivinhar a sua cor.

— Não estou me escondendo. — respondeu calmamente — Sou seu vizinho e limitava-me a desfrutar desta noite tão agradável.

Ela tentou ver através da escuridão, mas a única coisa que distinguia entre as sombras era o tom claro dos cabelos masculinos e uma silhueta poderosa.

— Eu não sabia que tinha um vizinho. Moro aqui há quase um mês e nunca vi nenhuma luz em seu apartamento — disse finalmente.

— Acabo de voltar dos Estados Unidos por motivos de trabalho.

— Viaja muito? — perguntou, curiosa, sem que, o fato de estar meio nua parecesse lhe importar muito.

— Sim, muito. — Mas Leopold não se deixou distrair e voltou ao tema que lhe interessava — Então veio morar com Paul...

— Paul? — Por um segundo, ela pareceu confusa. — Ah, claro, Paul! Bem, eu sempre o chamei de tio Pip.

Sua interlocutora esboçou um sorriso engraçado e Leopold ficou chocado com sua descarada atitude ao revelar a um estranho, com semelhante petulância, os apelativos carinhosos que utilizava com seu amado. Ele próprio ficou surpreso com o quão chocado se sentiu. Por Deus, já era adulto e sabia de sobra como funcionava o mundo! Entretanto, ficou claro que sua misteriosa vizinha não sofria nenhum tipo de desconforto diante da situação. Apesar de tudo, não lhe havia dado em nenhum momento a impressão de ser uma pessoa vulgar; ao contrário, sua entonação era correta e refinada. Além disso, tinha a sensação de que era uma mulher bonita e, não sabia por que, isso lhe fazia sentir ainda mais aborrecido.

— Sim — ela continuou sem perceber seu desconforto —. Mudei-me para este apartamento, embora não saiba por quanto tempo. Tudo depende de tio Pip.

“Se ela está confortável com a situação, eu não vou ser menos”, Leopold

disse a si mesmo, decidido a manter a calma.

— Como vai ser minha nova vizinha, será melhor que nos apresentemos. Sou Leopold Gallagher. — Estendeu a mão sobre a grade de vidro que separava os dois terraços.

— Catalina Stapleton. — A jovem quis apertar sua mão, mas o movimento fez com que lhe afrouxasse a toalha e se não tivesse sido pelos rápidos reflexos de seu vizinho, que agarrou o tecido no último momento, o pano teria caído ao chão.

— Caramba, obrigada! — soltou uma alegre gargalhada — Se não fosse por você, senhor Gallagher, teria dado todo um espetáculo.

Leopold voltou a colocar a ponta da toalha em seu lugar sem poder evitar que o dorso de sua mão roçasse um dos seios firmes femininos e uma forte descarga de desejo o atravessou de repente. Surpreendeu-lhe notar seu grau de excitação, não recordava uma resposta tão rápida aos encantos de uma mulher, sobretudo tendo em conta o quanto estava cansado e que mal tinha visto seu rosto. No entanto, ela continuava tão calma, como se em vez de um homem feito e direito, tivesse sido sua avó centenária a acabar de tocá-la. Tentou se acalmar e deu um passo atrás, estava claro que a tensão dos últimos dias o havia afetado mais do que pensava.

— Catalina... é um nome curioso. — Tentou disfarçar seu ardor.

— Sou meio espanhola. Minha mãe veio trabalhar na Inglaterra quando tinha vinte anos e aqui conheceu meu pai e se casou com ele. — Catalina esfregou os braços com as mãos — Bem, começo a ter frio, será melhor que volte para dentro. Prazer em conhecê-lo senhor Gallagher, imagino que nos veremos de vez em quando por aqui. Boa noite.

—Boa noite — respondeu ele, sem tirar os olhos dela até que desapareceu atrás da porta de vidro.

“Acho que é hora de eu voltar para dentro também”, pensou.

Apesar do cansaço e do fuso horário, Leopold não teve dificuldade em adormecer, embora seus sonhos fossem invadidos por uma presença feminina tentadora, cujo rosto permanecia escondido nas sombras.



No dia seguinte, era sábado e Leopoldo, que acordara bastante tarde,

decidiu — coisa estranha nele — não ir ao escritório. Disse a si mesmo que iria com calma, então pegou o jornal que o zelador deixara no capacho da porta de entrada e, com ele na mão, foi para a cozinha iluminada, onde preparou um café da manhã saudável. Felizmente, a Sra. Jones, sua governanta, cuidava de que sempre houvesse alimento fresco na geladeira e, pela primeira vez em muito tempo, Leopold teve o luxo de tomar um café da manhã tranquilamente folheando o jornal e desfrutar de um longo banho, sem precisar sair correndo para nenhuma reunião.

“Diminuirei o ritmo”, prometeu a si mesmo, embora soubesse bem que não o faria.

Ele ligou o laptop e trabalhou por algumas horas. Mais tarde, saiu à rua e, aproveitando que o sol brilhava com força, sentou-se no terraço de um dos pitorescos restaurantes que povoavam a região, próximo de uma estufa de gás. Enquanto contemplava o relaxante balanço dos barcos na pequena marina, decidiu que no dia seguinte sairia para dar uma volta em seu veleiro; Fazia muito tempo que não desfrutava do prazer de navegar. Hesitou em chamar seu amigo Harry para acompanhá-lo, mas, finalmente, decidiu que preferia estar sozinho. Passava tanto tempo rodeado de pessoas, que pensou que um pouco de solidão resultaria muito agradável para variar.

—Olá Sr. Gallagher! — Leopold reconheceu instantaneamente a voz feminina que soava à sua direita, levantou-se imediatamente e olhou para a mulher que se aproximava com curiosidade.

—Bom dia, Srta. Stapleton! Oi Milo! — Ele se inclinou para acariciar o enorme bulldog branco com manchas pretas que puxava com força a trela enquanto ainda movia o rabo.

Leopold tinha imaginado que sua vizinha seria bonita, mas não até esse ponto. O cabelo ondulado caía-lhe às costas numa gama de cores que ia do castanho ao dourado; os olhos castanhos, emoldurados por cílios longos e grossos, eram imensos e levemente rasgados, e manchas douradas pareciam brilhar dentro deles. Catalina Stapleton era alta e vestia-se casualmente com jeans desgastados que se encaixavam perfeitamente nos quadris delgados, uma blusa regata branca e um velho suéter azul claro, gola barco, bastante deformado.

—Como você me reconheceu? Eu mal podia vê-la no escuro.

Ela deu um sorriso alegre que mostrava dentes pequenos e muito brancos. Um dos dentes da frente era levemente torto e que, embora não diminuísse a perfeição de seu gesto, acrescentava ainda mais charme.

— Confesso que não tinha certeza. Ontem à noite, no terraço, pensei que tinha cabelos claros e, quando o vi sentado aqui, decidi arriscar. Além disso, sinto que Milo, aqui presente, também o conhece muito bem — acrescentou divertida, enquanto acariciava o animal atrás das orelhas.

De fato, pensara que Leopold Gallagher seria loiro, mas seu cabelo, muito curto, resplandecia com o brilho prateado, apesar de que não devia ter mais de quarenta anos. Os olhos também eram de um gélido tom cinza aço e ressaltavam, impenetráveis, no rosto bronzeado. Ele usava um blazer elegante por cima da camisa azul e calça bege bem passada, e o conjunto realçava sua figura esplêndida.

Catalina foi forçada a reconhecer que o Sr. Gallagher era muito atraente, embora não tivesse certeza de ter gostado. Ele parecia um aristocrata elegante recém-saído de uma revista da sociedade, com toda a gentileza e boa educação, mas havia algo nele que era frio e extremamente distante.

—Gostaria de sentar e tomar uma bebida comigo? Uma cerveja, uma coca? — Leopold perguntou educadamente, embora não tivesse certeza de que queria passar a manhã com a amante de vinte anos do vizinho.

— Oh não, muito obrigada. — Catalina se apressou a negar com a cabeça e até ele chegou o agradável aroma de seu cabelo recém lavado — Eu tenho que ir comprar um monte de coisas, esta noite eu convidei alguns amigos para casa. Espero não incomodá-lo. Se quiser, pode passar para tomar uma bebida, será algo muito informal...

— Obrigado pelo convite, senhorita Stapleton, mas o mais seguro é que me deite cedo. Amanhã quero sair a navegar.

—Tem barco? — perguntou sem esconder sua curiosidade.

— É aquele ali. — Leopold apontou para um pequeno veleiro que balançava suavemente, embalado pelas leves ondas que a brisa do rio levantava.

—Sempre quis navegar pelo Tamisa!

Incomodado diante de sua nada dissimulada indireta, Leopold se viu relutantemente obrigado a convidá-la:

— Se quiser, pode vir comigo...

Catalina olhou para as feições duras do vizinho e depois de alguns segundos lançou uma risada nova e contagiosa, que conseguiu irritar ainda mais o homem à sua frente.

— Imagino como soou o que acabei de dizer — disse sem deixar de sorrir dessa maneira, cálida e afetuosa, que colocava Leopold na defensiva —

Se minha mãe tivesse me ouvido, ela teria dito que eu não tenho nenhum tato. Mas não se preocupe, senhor Gallagher, não me aproveitarei de sua boa educação... — lançou-lhe um último olhar zombador e, dando adeus com a mão, continuou seu caminho.

Leopold sentou-se novamente e olhou para a figura graciosa que se afastava rapidamente, levando o imenso bulldog na coleira. Devia reconhecer que a senhorita Stapleton o desconcertava; era incrível que fosse a amante de um homem que poderia ser seu pai, não parecia esse tipo de mulher. Quase instantaneamente, Leopold esboçou uma careta cínica e se repreendeu por ser tão ingênuo. Até a pessoa mais inocente sabia que o dinheiro era um poderoso afrodisíaco, disse a si mesmo, e havia centenas de milhares de Catalinas Stapleton no mundo. No entanto, não sabia por que, não gostava de pensar nela como a amante de um homem mais velho.

“Bobagem”. Irritado, cortou abruptamente o fluxo de seus pensamentos. “Reconheço que é uma mulher bonita e agradável, mas há algo nela que acho exasperante”.

Com um movimento um tanto brusco, pegou o exemplar do *The Times* que havia deixado na mesa e o abriu na seção de economia, determinado a não pensar em sua vizinha misteriosa.

Capítulo 2

Por volta das dez e meia da noite, Leopold subiu os quatorze lances de escadas que levavam ao seu apartamento. Ele correu alguns quilômetros antes do jantar e voltou suado, pensando apenas em tomar um banho. Quando parou na porta de sua casa, ouviu risadas e música vindo da casa adjacente. Era evidente que a festa começara.

“Espero que a coisa não vá mais longe”, disse a si mesmo irritado.

Desde que conhecia Winston, há muitos anos, nunca soube que ele sequer dera um jantar. Embora ele e Paul não se dessem mal, e uma vez, até mesmo, ele passou pela casa para jogar xadrez, sempre o considerou um homem um tanto solitário e um tanto sombrio; estava claro que morar com uma jovem teria um impacto nos seus costumes mais amados. Leopold encolheu os ombros, afinal o que o seu vizinho fazia não era da sua conta.

Já no banheiro, ele tirou a camisa e o short encharcado e os jogou no chão de qualquer maneira. Então entrou sob o jato quente e sentiu como seus músculos relaxavam. Gostava de se exercitar regularmente e, como não tinha tempo para ir à academia, tentava correr pelo menos meia hora todas as noites.

Quando saiu do banho, secou-se bem, enrolou uma toalha em volta dos quadris e foi para a cozinha. Preparou um sanduíche de vários andares, colocou-o ao lado de um copo de água e um copo de vinho tinto em uma bandeja e levou tudo para a sala de estar. Ligou a TV para assistir ao noticiário enquanto jantava, mas, embora tenha aumentado o volume várias vezes, teve que desistir e desligá-la. Então tentou ler por um tempo. No entanto, ouvir Bruce Springsteen gritando em seu ouvido que “tinha nascido nos Estados Unidos” não contribuiu para sua concentração, precisamente, então ele decidiu ir para a cama.

O impressionante nível de decibéis que o recebeu quando entrou no quarto não tinha nada a invejar de nenhum clube da moda. Se sua vizinha não

baixasse o volume, não poderia pregar o olho. Amaldiçoou em silêncio; teria que se vestir e ir lhe dizer que baixasse a música. Irritado, vestiu uma calça jeans e uma camisa e, sem se preocupar em coloca-la dentro da calça, foi para o próximo andar. Ele teve que tocar a campainha várias vezes antes de uma menina baixa de cabelos avermelhados abrir a porta.

— Olá, eu sou a Fiona! — A ruiva o olhou de cima para baixo com evidente apreciação e seu sorriso se tornou mais amplo — Entre, entre, a festa acaba de começar.

— Sou Leopold Gallagher, o vizinho de Catalina, queria falar com ela, por favor.

— Venha, vamos procurá-la — propôs a menina se pendurando em seu braço com impertinência.

O apartamento estava cheio de gente e todo mundo parecia bem embriagado. Em um dos sofás, que pelo menos a Srta. Stapleton tivera a previsão de cobrir com alguns lençóis velhos, um casal se beijava com tanta paixão que logo seriam forçados a procurar a cama mais próxima. A fumaça do tabaco e da maconha flutuava no ambiente como um cogumelo nuclear aromático e, em um canto, Leopold descobriu três caras fazendo malabarismos com alguns ovos de pedra pelos quais seu vizinho tinha muito apreço. Mais uma vez, ele se perguntou o que Paul pensaria do assunto, mas quando Fiona o levou até Catalina, entendeu que Winston não estava lá.

Sua vizinha usava um vestido simples de algodão que enfatizava sua figura esbelta e belas pernas. Brincos grandes de ouro pendiam de suas orelhas, dando-lhe um leve ar cigano e seu cabelo, brilhante como latão polido, emoldurava seu rosto corado enquanto discutia calorosamente com um cabeludo que deveria ser o DJ. Leopold não teve escolha senão reconhecer que estava muito atraente.

— Jake, já te disse vinte vezes para baixar a música de uma vez! — Catalina gritou com os braços levantados e uma carranca.

— Mas, linda, eu já baixei. — A vibração da água de um vaso de vidro colocado em uma mesa próxima parecia negá-lo.

— Senhorita Stapleton — Leopold levantou a voz, tentando se fazer ouvir acima do rugido da música, mas ela não o ouviu e continuou discutindo com o gigante de cabelos compridos.

Entretanto, outro homem alto e muito moreno, de uns trinta e cinco anos —Gallagher supôs que deveria ser bastante atraente para as mulheres ou, pelo menos, o cara parecia acreditar nisso —, se aproximou de Catalina por trás,

afastou os cabelos e beijou o pescoço dela com luxúria manifesta. Ao vê-lo, Leopold cerrou os maxilares e foi forçado a conter o desejo de afastá-lo dela com um soco. Pareceu-lhe o cúmulo do descaramento que sua vizinha se deixasse beijar por outro homem na mesma casa de seu amante. Mas, aparentemente, ele a julgara mal porque Cat se virou com a velocidade de um tornado e se afastou daqueles lábios ávidos, enquanto descansava as palmas das mãos no peito masculino e o afastava.

— Nicholas, não volte a me beijar! Lembre que não saímos mais juntos — disse furiosa.

— Mas Cat, eu ainda sou louco por você...

— Devia ter pensado nisso antes de mexer com a minha melhor amiga quando ainda estava comigo — Ela o interrompeu sem piedade, embora para Leopold não lhe parecesse que o assunto a entristecesse muito. Claro que, agora, tinha um novo namorado muito mais rico o que, possivelmente, acalmava um pouco seu orgulho ferido, disse a si mesmo com ironia.

— Cat! — gritou a ruiva que estava pendurada em seu braço, que quase o deixou surdo — Trago seu lindo vizinho!

Desta vez, Catalina ouviu e virou-se para eles.

— Senhor Gallagher! — Mordeu o lábio inferior com expressão envergonhada — Sinto muito por esse barulho — Fez um gesto confuso com uma mão que abraçou tudo o que a rodeava, e Leopold teve a sensação de que se sentia ultrapassada pelos acontecimentos.

— Receio que alguns vizinhos tenham se queixado e como, agora, sou presidente do codomínio, informo que a festa deve terminar ou, se não, serei forçado a chamar a polícia. — Leopold improvisou uma resposta ao pedido mudo de ajuda daqueles grandes olhos cor castanho. Ao ouvir suas palavras, Catalina deu um sorriso radiante como se fossem as melhores notícias que havia recebido em sua vida.

— Vocês ouviram, rapazes. A festa acabou por hoje.

O cabeludo começou a se queixar. Era evidente que sua taxa de álcool devia ser de pelo menos dois quilos por litro de sangue, então Leopoldo decidiu tirar proveito de toda a sua diplomacia. A última coisa que ele queria era que um indivíduo de tal magnitude se tornasse violento.

— Você é Jake, não é?

O cara tentou fixar nele suas pupilas vidradas.

— Como você sabe? — perguntou com voz pastosa.

— Cara, eu ouvi muito sobre você. É incrível como você toca, eu nunca

tinha ouvido nada parecido. David Guetta não atinge a sola do seu sapato. — Leopold não permanecia ocioso enquanto falava. Com facilidade, ele desligou a música e começou a desconectar os cabos. Depois comentou com falsa admiração. — Este equipamento é seu, não é? Você é realmente incrível.

— Porra, cara, você entende — o grandalhão disse visivelmente lisonjeado, ainda cambaleando para frente e para trás, em um equilíbrio instável. Com dissimulação, Leopold piscou um olho a Catalina que o observava divertida com aquele delicioso sorriso nos lábios.

— Atenção todos, acabou a festa! — A voz profunda de Leopold ecoou acima das conversas e, embora muitos protestos tenham sido ouvidos, finalmente todos, incluindo o casal seminu no sofá, deixaram a casa.

— Graças a Deus! — exclamou Catalina assim que saiu o último convidado, encostando-se contra a porta e fechando os olhos por um momento. Em seguida abriu-os novamente e acrescentou —: E, acima de tudo, obrigada, Sr. Gallagher. Não podia ter chegado num momento mais oportuno.

— E... pode se saber o que Winston pensa de tudo isto?

— Tio Pip? Ah, ficará longe por muito tempo e espero que ele não saiba. — Tal despreocupação fez com que Leopold rangesse os dentes — Amanhã vou limpar tudo e espero que não tenha quebrado nada. Por sorte, retirei os itens mais valiosos antes que meus amigos chegassem. Opa, eu quase esqueci! Vou tirar Milo, deixei-o trancado em um quarto e ele deve estar prestes a jogar a porta abaixo.

Seu vizinho a acompanhou e teve que suportar que o cachorro, feliz por finalmente se libertar de seu confinamento, pulasse alegremente sobre ele e apoiasse as enormes patas dianteiras em seu peito.

— Não me parece bom que se dedique a organizar festas na ausência do dono do apartamento — ele disse severamente enquanto tirava Milo de cima.

— Um pouco de diversão não faz mal a ninguém, não acha? — Cat lhe lançou um olhar malicioso — Embora eu deva admitir que a coisa se descontrolou um pouco. Veja bem, a notícia se espalhou e no final todo mundo chegou com algum conhecido que por sua vez conhecia alguém, que por sua vez...

— Já percebi. — ele a interrompeu, irritado com sua frivolidade — Espero que quando Paul voltar, recupere *suas posses* intactas — ressaltou as palavras sem deixar de olhá-la de forma significativa. Catalina lhe devolveu o

olhar, bastante sentida.

— Imagino que não há nada que uma boa limpeza não possa remediar.
— Encolheu os ombros.

Incapaz de suportar essa expressão inocente por mais um segundo, Leopold respondeu sarcasticamente:

—Você acha que Paul não se importará em compartilhar o que lhe pertence com seus amigos? É engraçado, sou incapaz de entender esses relacionamentos liberais, devo ser mais antiquado do que pensei.

— Não entendo o que quer dizer. — Franziu a testa, perplexa.

— Você é uma grande atriz, senhorita Stapleton, esse olhar ingênuo poderia valer um Oscar. Mas não se preocupe, não é da minha conta o tipo de acordo que meu vizinho tem com suas queridas.

No segundo que as palavras saíram de sua boca, Leopold se arrependeu de tê-las pronunciado. Na verdade, ele não tinha o direito de ser rude com ela; ninguém o convidou para se tornar o defensor de seu vizinho corno. No entanto, a reação de Catalina o surpreendeu e o enervou ainda mais. Ela não apenas parecia ofendida, mas começou a rir com uma risada tão intensa que foi forçada a sentar no sofá enquanto as lágrimas escorriam por suas bochechas. Esse estranho comportamento conseguiu fazê-lo perder a cabeça. Muito zangado, ele se inclinou sobre ela, segurou-a pelos braços e a forçou a se levantar.

— Pode-se saber o que lhe parece tão engraçado?

Catalina tentou conter sua hilaridade, mas a expressão de nojo naquele semblante sombrio era demais para ela. Lutando para manter o controle, enxugou os olhos com as costas das mãos.

— Sinto muito, Sr. Gallagher, mas é tão engraçado...

— Você acredita? — Leopold lhe deu uma leve sacudida.

— Ai, me solte, está me machucando! — queixou-se ela, finalmente se acalmando. Atordoadado com tal perda de controle, Leopold a soltou imediatamente.

— Desculpe-me, Srta. Stapleton, seu relacionamento com Paul não é da minha conta. — Envergonhado, passou uma mão pelos cabelos curtos, nervoso.

Cat esfregou os braços doloridos, na tentativa de fazer o sangue voltar a circular normalmente. Deveria estar zangada, mas a situação lhe parecia tremendamente cômica. Estava claro que havia ofendido o delicado sentido da propriedade de seu vizinho. Ao ver seu rosto carrancudo, com as fortes

mandíbulas apertadas, teve pena dele e lhe lançou um de seus encantadores sorrisos.

— Não se preocupe, não é nada. Simplesmente, achei engraçado que você pensasse que sou a amante do tio Pip. — Agora foi a vez de Leopold olhar para ela com espanto.

— Não é seu amante? Então, o que você está fazendo morando aqui?

— Não sei por que tenho que lhe dar explicações — Catalina respondeu com um beicinho.

— De fato, não é da minha conta — ele assentiu rigidamente.

Cat ficou olhando para ele com zombaria enquanto as faíscas douradas de seus olhos resplandeciam com um brilho travesso.

— Por favor, não se zangue, senhor Gallagher, mas é que é tão divertido quando fica com raiva e me olha com tanta desaprovação, que a tentação de provocá-lo se torna irresistível.

— Fico feliz que se divirta às minhas custas, senhorita Stapleton — disse muito rígido. Não estava acostumado que as mulheres rissem dele, muito pelo contrário, até o momento tinham se dedicado a persegui-lo sem tréguas. Definitivamente, a senhorita Stapleton gostava de uma brincadeira.

Mas em um instante tudo mudou, Catalina ergueu o rosto contrito em sua direção e Leopold notou que seus olhos já não eram zombadores, mas amáveis e afetuosos. Na verdade, toda ela parecia iluminada por um brilho interior, que a tornava a pessoa mais vital que Leopold já conhecera. De repente, algo se revolveu em seu interior e o culpou que Catalina Stapleton lhe resultava uma mulher terrivelmente irritante.

— Me chame de Cat, por favor, tanta formalidade me oprime. Posso chamá-lo de Leo?

Leopold assentiu, se surpreendendo. Ele nunca consentiu, nem mesmo para seus melhores amigos, em chamá-lo pela abreviação de seu nome, por que então fez uma exceção com aquela garota atrevida? Mentalmente, encolheu os ombros e voltou a prestar atenção.

— Olha, Leo, você não se importa que te chame pelo primeiro nome, certo? — continuou sua explicação sem esperar sua resposta — Tio Pip realmente é meu tio. Um dia, ele anunciou que estava cansado do clima inglês e decidiu passar uma temporada na Itália para apreciar a arte e a história que se respira em qualquer canto daquele país e, claro, o sol e a comida italiana. Ele me deixa morar no apartamento dele, desde que eu cuide dele e de Milo.

— Bem, já vejo como você cuida deles... — Sua voz exalava sarcasmo.

— Isso é um golpe baixo — Catalina disse sem ficar brava —, mas reconheço que tem razão; se não fosse por você, a coisa poderia ter ficado um pouco feia. Prometo que não darei mais festas.

— O que faz ou deixa de fazer, não é da minha conta — declarou secamente. De repente, se sentiu completamente estúpido.

— Eu sei. — Ele ficou surpreso que Catalina suportasse suas rejeições sem piscar e, além disso, lhe respondesse com insolência; estava acostumado que a maioria das pessoas o tratasse com um respeito beirando o medo — Bom, é tarde. Será melhor que vá para casa. Ainda tenho que recolher tudo isto.

Novamente, lhe desconcertou que o despedisse com semelhante indiferença. Costumava ser ele que ia embora sem atender aos apelos das mulheres para que ficasse um pouco mais. Sua boa educação o levou a se oferecer para ajudá-la, mesmo que fosse a última coisa que ele queria.

— Você é um amor, Leo — Catalina apertou-lhe o braço, carinhosa, causando-lhe um ligeiro sobressalto – mas não, obrigada.

— Amanhã sairei para navegar por volta do meio-dia, se quiser pode vir. Levarei a comida e passarei o dia no barco, embora não pretendo voltar muito tarde — propôs seguindo um impulso do qual se arrependeu instantaneamente. Por que a convidou era algo para o qual, embora pensasse no assunto mais tarde, não encontrou resposta. Catalina Stapleton o perturbava de uma maneira estranha. Era uma mulher imprevisível. Ele a achou tremendamente atrevida e não tinha certeza se gostava da maneira como o olhava com aqueles olhos provocadores. O mais lógico teria sido evitar todo contato com ela e, no entanto, ali estava ele convidando-a a passar o dia ao seu lado.

Alheia por completo a seus pensamentos, Catalina o olhou agradavelmente surpreendida.

— De verdade? — disse com um entusiasmo transbordante — É engraçado...

— O que você acha engraçado? — ele a pressionou quando ela parou antes de terminar a frase.

Catalina fixou aqueles olhos, tão expressivos, nos dele e respondeu com franqueza:

— Tenho a impressão de que você não gosta de mim nem um pouco. — Mas antes que Leopold pudesse negá-lo educadamente, voltou a soltar uma

de suas inesperadas gargalhadas — Não se preocupe em negar. Também não importa. Terei o maior prazer em velejar com você e não se preocupe com a comida, eu me encarregarei.

— Não é necessário... — Ela o interrompeu, enquanto o empurrava gentilmente em direção à porta.

— Relaxe um pouco, Leo, sinto você tenso. Amanhã ao meio-dia tocarei à campainha da sua porta com uma enorme bolsa cheia de coisas gostosas. Em troca, deixo você cuidar das bebidas. Boa noite. — E sem permitir que ele respondesse, abriu a porta e fechou novamente quase no seu nariz.

Leopold ficou parado sobre o tapete, apertando os punhos com força.

“Esta menina impertinente, vai receber uma lição”, ele prometeu a si mesmo.

Capítulo 3

Depois de limpar tudo, Catalina finalmente foi para a cama, exausta. Felizmente, não precisava dormir muitas horas, então acionou o alarme cedo para lhe dar tempo para preparar tudo no dia seguinte. Quando se levantou, se sentia como nova. Tomou banho, lavou o cabelo e deixou secar ao ar livre, enquanto se vestia com as suas velhas calças e um casaco quente. Abriu a geladeira e viu que dentro dela reinava o vazio mais absoluto, mas, sem perder o entusiasmo, pegou a coleira de Milo e foi com ele fazer compras. Algumas ruas abaixo, um pequeno supermercado administrado por dois índios mantinha suas portas abertas a qualquer hora do dia.

Enquanto preparava uns sanduíches recheados de delícias secretas que eram sua especialidade, Catalina começou a pensar em Leopold Gallagher. Desde o início, seu vizinho parecia um cara frio e distante. A rigidez de sua figura e seus gestos indicavam que ele tentava ficar de fora do que estava acontecendo ao seu redor. No entanto, era um homem demasiado educado para deixar transparecer o desdém que às vezes sentia por seus semelhantes, e essa mesma educação era uma couraça com a qual se protegia deles. Notava-se que não gostava que ninguém se aproximasse dele mais do que o necessário, mas Catalina não era o tipo de pessoa que se livrava das dificuldades, então decidiu transformar seu vizinho em sua nova missão.

Catalina Stapleton tinha grande empatia. Desde tenra idade, quando não recolhia da sarjeta um cão atropelado que lhe faltava uma pata, era um gatinho sarnento e meio torto que tinha encontrado em um caixote no lixo. Na escola, qualquer criança que sofresse bullying de seus colegas de classe sabia que poderia contar com o apoio do mais jovem dos Stapletons, capaz de enfrentar meninos com o triplo do tamanho sem piscar. Seus irmãos mais velhos zombavam dela chamando-a de Santa Catalina de Assis e riam assim que a viam chegar com qualquer criatura infeliz trotando atrás dela com adoração.

“Vou fazer”, prometeu a si mesma resolvida. “Ensinarei esse pobre homem aproveitar um pouco a vida. É muito triste ver o quão infeliz é e perceber que nem sequer está consciente disso”.

Satisfeita, entrou na cozinha enquanto cantarolava uma alegre melodia, colocou água limpa na tigela de Milo, pegou a bolsa com a comida e tocou à campainha da casa de seu vizinho. Em seguida Leopold abriu a porta e, impecavelmente vestido com uma bermuda clara e uma grossa camisa azul marinho de gola alta, convidou-a a entrar. Catalina olhou em volta, curiosa. O piso era elegantemente decorado e era óbvio que um bom designer de interiores cuidara de todos os detalhes. Não havia um livro fora de seu lugar e tudo brilhava intensamente. Na sua opinião, era tão aconchegante quanto a sala fria de um hotel.

— Que casa maravilhosa — disse pouco sincera.

Leopold a encarou por um tempo com olhos cinzentos mais inescrutáveis do que nunca.

— Você não precisa mentir. — Ela mordeu o lábio inferior e olhou meio embaraçada, meio sorridente.

— A decoração é linda, realmente. Simplesmente, é um pouco impessoal, não sei... não parece um lar.

Embora não tenha deixado transparecer, esse comentário o irritou. Não que tivesse trazido muitas mulheres para sua casa; geralmente, preferia ir à casa delas ou a um hotel, mas as poucas que passaram por lá o parabenizaram pela decoração elegante. A sinceridade crua da senhorita Catalina Stapleton era um caso único de má educação, decidiu, e ele, Leopold Gallagher, acreditava firmemente na boa educação como um pilar indispensável para impedir o colapso da sociedade.

— Lamento que não seja do teu agrado — Para Catalina não passou despercebido o velado sarcasmo.

— Perdoe-me, Leo! — suplicou com as mãos juntas em um gesto de oração do mais teatral — Como minha mãe diria: o excesso de sinceridade é uma imperdoável falta de educação. Eu prometo que não direi mais nada que possa incomodá-lo.

Ao ver sua expressão arrependida, Leopold sentiu um impulso quase irrefreável de estender a mão e acariciar a suave pele de sua bochecha. A duras penas conseguiu reprimir e se perguntou como era possível que essa criatura imprevisível lhe fizesse passar em menos de um segundo da raiva à ternura, sendo esta, além disso, uma emoção com a qual não estava muito

familiarizado.

— É melhor irmos agora ou perderemos a maré. — Seu tom sereno não traiu as emoções confusas que se agitaram em seu peito.



Leopold lhe ofereceu sapatos de borracha e um colete salva-vidas, lhe ordenou que se sentasse na popa e garantiu que ele se ocuparia do resto. Catalina obedeceu na hora, tentando incomodar o mínimo possível. A bordo de um barco não se encontrava em seu elemento e lhe dava pavor escorregar e cair às águas sujas e revoltas do rio Tamisa. Observou seu vizinho com interesse; ele também tinha colocado um calçado mais adequado e se movia com desenvoltura pelo convés, amarrando e desatando nós e enrolando cabos com umas manivelas de metal. Não demorou muito tempo para dar partida no motor e liberar ancoradouros, e alguns minutos depois o barco saiu do cais lentamente.

Navegaram a motor até que chegaram a uma região mais tranquila do rio. Ali Leopold lhe indicou que se sentasse a seu lado, desdobrou as velas e começou a deslizar silenciosamente sobre as águas turvas, na direção de Greenwich. Embora morasse em Londres desde os tempos de estudante, Catalina nunca havia embarcado em nenhum dos barcos lotados de turistas que viajavam pelo rio; era a primeira vez que via a cidade do Tamisa e o espetáculo lhe pareceu incrível.

A princípio, ficou bastante assustada quando o barco se inclinou para o lado devido à forte brisa que inchava as velas e, embora não dissesse nada, se agarrou tão firmemente à grade de metal que os nós dos dedos ficaram brancos.

— Não tenha medo, não vamos virar. — Leo olhou para ela divertido enquanto movia o timão com experiência para não perder nenhuma gota de vento.

— Não tenho medo — Catalina negou, sem perceber que seus olhos eram mais expressivos.

— Já vejo, Catalina — ele disse zombando.

— Me chame de Cat, ninguém me chama de Catalina, só minha mãe quando fica brava.

— Então estamos em paz. Ninguém me chama de Leo.

Ela encolheu os ombros e ao ver que, apesar do veleiro ir bastante escorado, não virava, conseguiu relaxar e começou a desfrutar do prazer de sentir o ar frio acariciando seu rosto e cabelo. Pouco tempo depois, os prédios altos se tornaram cada vez mais escassos e deram lugar ao pitoresco campo inglês.

— Você quer assumir o comando por um tempo?

Catalina olhou para ele com evidente sobressalto.

— Acho que não me atrevo — ela confessou com medo.

— Não se preocupe, eu vou ajudá-la.

Catalina pegou a cana com cautela e ele colocou uma mão, grande e quente, sobre a sua.

— Viu? Mova-o com suavidade na direção oposta à que queira tomar. Se mover a cana para bombordo, o lado esquerdo, a proa irá para a direita e vice-versa.

— Que bagunça. — Sem saber por que, Catalina se sentia um pouco desconfortável por sua proximidade; estava tão perto dele, que inclusive podia sentir o sutil e agradável aroma de sua loção pós barba.

Por fim, Leopold a soltou e a deixou levar o leme sozinha. Ao sentir como a pequena embarcação respondia ao mais mínimo de seus movimentos, foi tomada por uma sensação de poder e liberdade que lhe fez soltar uma risada de contente.

— É maravilhoso!

Leopold observou seu rosto, levemente avermelhado pela brisa e entusiasmo, cabelos bagunçados e olhos brilhantes e, mais uma vez, pensou que a senhorita Stapleton era a pessoa mais cheia de vida que ele já vira. Catalina transbordava paixão por todos os poros de sua pele, o que resultava em um fenômeno fascinante e inquietante ao mesmo tempo. De fato, ainda era incapaz de decidir se a borbulhante senhorita Stapleton lhe agradava ou não.

Depois de navegar por algumas de horas, decidiu lançar a âncora em um bucólico trecho do rio do qual se divisava uma antiga igreja de pedra, rodeada de prados verdes nos quais pastava tranquila uma ou outra vaca, completamente alheia à imensa cidade que se erguia a poucos quilômetros.

Estavam tendo muita sorte com o tempo. Embora o céu estivesse coberto de ameaçadoras nuvens cinzentas, de vez em quando o sol saía e, no momento, a chuva parecia que iria respeitá-los. Enquanto ela tirava da bolsa

as provisões que tinha trazido, Leopold fez aparecer, como um mágico da cartola, um par de copos e uma garrafa de vinho.

— Espero que você goste de vinho, Catalina. Em sua homenagem, trouxe um vinho espanhol; a Ribera de Duero — Abriu a garrafa com habilidade.

— Sim, adoro, mas aviso que não posso tomar mais de um copo— lhe avisou muito séria.

— Só um copo? Você tem algum tipo de alergia? — ele perguntou surpreso.

— Trata-se antes de uma pequena doença...

— Não me assuste!

— Bem — encolheu os ombros —, não é nada grave. Simplesmente, não tolero o álcool. Se tomo um pouco mais da conta me empolgo demais e de maneira lamentável.

— Parece um fenômeno interessante — Leopold disse, entregando-lhe um dos copos.

— Acredite em mim, não é — Catalina respirou fundo e depois, com uma expressão pensativa, bebeu um pouco de vinho e acrescentou —: Está delicioso.

— E, se não for indiscrição, o que chama se empolgar demais, exatamente? Vai para a cama com estranhos? Por ficar nua de cabeça para baixo? —insistiu Leopold brincando.

— Não ria. Não tem graça nenhuma. Pelo que me contaram, ainda não cheguei a esses extremos — disse muito séria e lhe deu um dos sanduíches que tinha preparado.

Leopold deu uma boa mordida.

— Hmm, delicioso!

— Você acha? — Seu belo rosto se animou de novo — Esses sanduíches são minha especialidade. Minha única especialidade, realmente. Confesso que na cozinha sou zero à esquerda.

— São os melhores sanduíches que já comi, mas, voltando à nossa conversa, que efeitos o álcool tem sobre você? — Os olhos cinzentos do vizinho agora não pareciam tão frios; era a primeira vez que o via sorrir e teve que admitir que era um homem muito atraente.

“Bem”, disse a si mesma, “Talvez o pobre tenha solução depois de tudo”.

Catalina tomou outro gole de vinho e continuou:

— Veja bem, no dia seguinte não me lembro de nada do que disse ou do que fiz. Aqueles que me viram nesse estado dizem que fico extremamente carinhosa.

— Isso é bom. — Levantou uma sobrancelha com ironia.

— Não acredito. Isso só aconteceu comigo duas vezes na minha vida. A primeira foi quando eu tinha dezesseis anos. Um colega de classe me convidou para uma festa e, pela primeira vez, bebi muito álcool. Até aquele momento, tinha bebido apenas alguns goles de uma cerveja. Tudo o que me lembro foi que, quando acordei na minha cama, minha cabeça doía como se eu tivesse mil alfinetes cravados no meu cérebro e muitos outros nos olhos. Tinha vomitado duas vezes no chão do banheiro e uma no tapete da sala, e minha mãe estava tão furiosa que pensei que lhe explodiria uma veia do pescoço. Minha amiga Fiona me contou mais tarde que não tinha parado de abraçar todo mundo, meninos, garotas, uma moradora de rua que dormia na praça e que pelo visto começou a gritar chamando a polícia, um vira-lata cheio de pulgas...

Vendo sua expressão desolada, Leopold não conseguiu mais se conter e começou a rir. Ela olhou para ele, indignada.

— Desculpe Catalina, continue contando, por favor — implorou, tentando recuperar a seriedade.

— Em resumo, quando voltei para a escola na segunda-feira, havia dois meninos e uma menina, que alegavam ser meus namorados, a quem eu havia jurado amor eterno. — Leopold começou a rir de novo e, embora Catalina estivesse irritada por ele estar brincando sobre sua triste história, não pôde evitar de achá-lo bonito.

— Felizmente, também me ocorreu colocar algumas latas de coca-cola na geladeira! — Disse um pouco mais calmo enquanto pedia outro sanduíche — Diga-me o que aconteceu na segunda vez que você bebeu.

— Acho que não vou. São histórias muito íntimas e não pretendo ser engraçada — Ela respondeu franzindo a testa.

— Por favor, por favor. — As íris cinzentas brilharam cheias de diversão.

— Está bem — aceitou resignada —, mas me prometa que não vai rir.

— Palavra de escoteiro. — Ele levantou a palma da mão com uma expressão solene.

Catarina olhou-o com desconfiança, mas apesar disso continuou com sua história:

— A segunda vez que bebi foi há cerca de quatro anos. Também foi em uma festa. Eu estava um pouco triste porque meu namorado tinha me deixado.

— Ele te deixou? — ele perguntou surpreso.

— Sim, ele me deixou, não sei por que está tão surpreso. Embora, para ser honesta, não me senti realmente triste porque havia me deixado. O que realmente me angustiou foi que, depois de estarmos juntos por mais de dois anos, notei que não estava excessivamente angustuada pelo fato em si. Não sei se me entende...

—Vamos, que você tampouco estava muito apaixonada por ele. — Leo esticou o braço e pegou o terceiro sanduíche.

— De fato, mas fiquei com raiva de me sentir assim, porque, pouco antes de me chutar, Jason me acusou disso mesmo e de ser uma bruxa sem coração, e eu neguei indignada. E no final, descobriu-se que ele estava certo e... — balançou a cabeça —. Voltando ao que estava lhe dizendo, porque fiquei triste e um pouco deprimida e decidi tomar algumas bebidas para me animar. Pensei que talvez o que aconteceu comigo aos dezesseis anos não teria que voltar a se repetir.

— Mas se repetiu.

— Assim é. Não deixei Fiona me contar todos os detalhes, mas ela me disse que dois homens brigaram por mim e que outro cara, bastante bêbado, ameaçou deitar na varanda se eu não promettesse a ele naquele exato momento que me casaria com ele. — Quando conseguiu parar de rir, Leopold percebeu que ela o estava olhando irritado.

— Eu acho que você deveria ter sido um escoteiro lamentável — disse ressentida.

— Reconheço que nunca me aceitaram entre seu nível, mas... —Leopold ficou em silêncio e examinou seu copo quase vazio, desconfiado. Com um movimento rápido, ele o pegou da mão e colocou-o de lado, depois vasculhou a geladeira portátil e tirou uma lata de coca-cola.

— É melhor você não beber mais.

— Não se preocupe. — Catalina lançou-lhe um olhar malévolo — Não te vejo perdendo a cabeça com facilidade.

— Não, mas também não gosto de correr riscos desnecessários — disse muito sério, sem parar de mastigar.

— Bom e agora que você devorou todos os meus sanduíches — comentou sarcasticamente quando viu como o último pedaço do quarto

sanduíche foi engolido —, Só posso oferecer-lhe este humilde tablete de chocolate como sobremesa.

— Perfeito, eu amo chocolate — afirmou seu vizinho, satisfeito.

— Uau, finalmente descobrimos que temos algo em comum...

Capítulo 4

Eles ficaram muito tempo ancorados em frente à antiga igreja de pedra, embalados pelo balanço suave do navio e conversando amigavelmente.

— Diga-me Leo, por que você trabalha tanto? — Catalina perguntou a certa altura, deixando um olhar sonhador deslizar pela paisagem pitoresca.

— Eu não trabalho muito. — Deitado preguiçosamente sobre o banco de plástico da banheira, Leopold a estudava com dissimulação por entre as pálpebras cerradas.

— Uma pessoa que fica mais de um mês sem passar por sua casa tem pinta de trabalhar muito, não é verdade? — Catalina levantou o rosto para o único raio de sol que tinha conseguido atravessar a espessa camada de nuvens.

— Era uma transação especial que me levou mais tempo do que eu pensava. Normalmente, embora viaje muito, não passo mais que dois ou três dias fora. E você, Catalina, o que você faz para viver? — perguntou, por sua vez, ansioso para saber mais sobre sua vizinha desconcertante.

Ao ouvir sua pergunta, Catalina abriu os olhos e virou o rosto para ele.

— Sou professora de desenho. Eu trabalho com pessoas com deficiência. — Leopold ficou olhando-a fixamente; era a última coisa que esperava ouvir — Não acredita? — ela perguntou adivinhando seus pensamentos — Certamente você pensou que eu sou uma garota superficial, que só está interessada em ir a festas e se divertir o máximo possível.

— Admito que me surpreendeu.

— Por outro lado, você não. — Os olhos castanhos brilhavam travessos — Eu sei exatamente a imagem que você tem de mim; você é um cara tão previsível como o tempo na Inglaterra.

Catalina fechou as pálpebras novamente, pronta para apreciar os fracos raios de sol que ocasionalmente atravessavam as nuvens, cada vez mais densas. Mais uma vez, Leopold ficou irritado por tirar sarro dele. Previsível,

não é? Aquela bruxinha iria descobrir o quão previsível era.

— Você realmente acha que eu sou? — Com cuidado, baixou as longas pernas do banco.

— Aha — ela disse sem abrir os olhos — você é o tipo de homem que minha amiga Fiona e eu sempre classificamos como TOP.

— TOP? — se aproximou dela furtivamente.

— Trabalhador obsessivo e “preconceituoso”.

De repente, braços poderosos a seguraram e a forçaram a se levantar. Sem saber muito bem como, Catalina se viu presa contra um peito duro como concreto.

— Eh! Posso saber o que faz? — Abriu os olhos, assustada.

— Eu só quero te mostrar que não sou tão previsível — ele disse em um tom calmo, mesmo que os olhos cinzentos emitissem flashes malignos.

Um enorme sorriso iluminou o rosto feminino ao ver sua expressão e, divertida, lhe perguntou:

— O que vai fazer? Eu não acho que você pode me estuprar nessa pequena concha, na verdade seria terrivelmente desconfortável e, além disso, nós poderíamos virar. — Por um momento, Leopold ficou surpreso; pelo menos ele esperava assustá-la um pouco.

— Acho que não chegarei a tanto. — Segurou o queixo delicado entre o indicador e o polegar e a obrigou a levantar o rosto para ele, enquanto sua cabeça começava a descer com lentidão.

— Será melhor que não faça — Catalina alertou muito séria.

— Por quê? , não creio que seja a primeira vez que te beijam. — O rosto de Leopold parou a menos de cinco centímetros do seu.

— Eu tenho que te dar um aviso.

Curioso, Leopold olhou para aquelas íris marrons, pontilhadas com pó de ouro, que emitiam lampejos ofuscantes, negando sua aparente gravidade.

— Você está me assustando. O que eu preciso saber?

— Todo mundo que me beija se apaixona irremediavelmente por mim...

— Catalina anunciou em uma voz tímida sem perder um pinga de sua seriedade. No entanto, seu vizinho levantou uma sobrancelha, cético, foi um pouco mais perto dela e disse muito determinado:

— Vou arriscar.

Com suavidade, Leopold pousou os lábios sobre a tentadora boca feminina disposta a dar, de uma vez por todas, uma lição a essa mulher irritante. Os lábios de Catalina estavam frios e com um leve sabor de

chocolate. Ele usou sua técnica mais refinada; queria que ela percebesse que não era do tipo entediado e previsível que pensava, mas não estava preparado para a secreção explosiva de hormônios que fez com que os lábios femininos se movessem contra os seus. Deus, ele disse a si mesmo, atordoados. Essa menina deveria ter feito um curso avançado sobre “como virar a cabeça de um homem de cabeça para baixo com um único beijo”!

— Tudo bem, Leo. — Leopold não sabia quanto tempo demorou até sentir as palmas de Catalina contra seu peito, numa tentativa frustrada de afastá-lo, enquanto ouvia sua voz que parecia alcançá-lo a uma distância de centenas de quilômetros. — Reconheço que você beija muito bem e espero que você aceite que eu também não faço isso tão mal.

— Não reclamo, não. — Ficou feliz de que o tom de sua voz, embora um pouco mais rouco, se aproximasse do seu habitual.

— Mas não devemos nos afeiçoar. A última coisa que eu quero é me envolver com um cara como você — disse Catalina com serenidade, embora sua aparente tranquilidade fosse desmentida pela velocidade que seu peito subia e descia debaixo do suéter.

— Te devolvo o elogio — Muito agitado, Leopold deu um passo atrás para se afastar um pouco dela.

— Não fique com raiva, ok. Eu admito que você é um homem bonito e que hoje eu me diverti muito com você, mas você reconhecerá que não podemos ser mais diferentes.

— Eu não estava pedindo para você casar comigo — ele respondeu bruscamente.

— Desperdício. — Catalina olhou para ele com fingida tristeza — Já me pareceu que você era um daqueles homens com alergia a compromisso.

Algo como um rosnado, Leopold finalmente a soltou e anunciou:

— É melhor voltarmos, o céu está ficando muito escuro. — Ela perdeu o sorriso de repente.

— Não haverá perigo, certo? Só de pensar em cair nessas águas me dá arrepios — disse, esfregando os braços.

Os olhos de Leopold se suavizaram quando ele olhou em seu rosto assustado e tentou acalmá-la:

— Eu sou um bom marinheiro. Confie em mim. — Com uma agilidade surpreendente, considerando seu tamanho grande, pulou na pequena cabine e, segundos depois, reapareceu com um par de capas de chuva amarelas — Coloque isso. Você vai precisar.

Catalina vestiu no mesmo instante e, obedientemente, ficou onde ele indicou. O veleiro planava a toda velocidade em direção às águas turbulentas do Tamisa, mas eles tinham apenas meia hora de navegação quando começou a chover. Sem deixar de segurar o leme com mão firme, Leopold lançou um olhar de soslaio a Catalina e um sorriso se desenhou em seus lábios. Apesar do capuz, seus cabelos estavam pingando e a capa de chuva era tão grande que ela parecia uma garota disfarçada. De repente, lhe assaltou uma súbita onda de ternura e passou um braço sobre seus ombros, tentando confortá-la.

— Calma, não há nada a temer! — gritou.

— Não estou com medo! — ela respondeu, tentando se fazer ouvir acima do barulho da chuva e do vento. A julgar pelo brilho de seus olhos, estava dizendo a verdade, e Leopold sentiu uma súbita admiração por aquela mulher que nada parecia assustar.



Uma hora e meia mais tarde, Catalina devolvia-lhe a capa de chuva encharcada em frente à porta de sua casa.

— Muito obrigado pelo seu convite, Leo. Não pensei que navegar fosse tão emocionante. Eu gostei muito!

Leopold examinou o rosto levantado em sua direção e sorriu novamente; ficou claro que não mentia, Catalina não conseguia esconder seu entusiasmo.

— É melhor tomar um banho quente, se você não quer pegar pneumonia.

— Sim, Papai. Boa noite — disse adeus zombeteiramente e desapareceu rapidamente atrás da porta.

“Ela é definitivamente uma mulher das mais exasperantes”, foi sua conclusão.

Apesar de tudo, Leopold reconheceu que tinha se divertido muito. A senhorita Stapleton era um fenômeno de natureza digno de estudo, disse a si mesmo. Claro, não era de todo o tipo de mulher que ele gostava; era muito franca, nada sofisticada e tinha uma tendência irritante para levar tudo na brincadeira. Bom, reconhecia que tinha um rosto encantador, mas seu corpo não era voluptuoso o suficiente para seu gosto... como se sua mente quisesse desmentir essa afirmação, recordou o aumento de testosterona que tinha experimentado ao beijá-la.

“É a novidade, juntamente com o fato de eu não estar com uma mulher há muito tempo. Na próxima semana vou ligar para Alison”, ele prometeu a si mesmo.

Ele e Alison estavam imersos em um relacionamento intermitente que durava quase dois anos. Ela trabalhava em um escritório de advocacia que, no passado, havia assumido vários assuntos da Gallagher & Associados, e costumava ser sua parceira em danças e eventos sociais para os quais era frequentemente convidado. Alison era uma mulher que triunfara em sua carreira. Entendia perfeitamente o quão importante era seu trabalho para ele e não tentava sobrecarregá-lo com demandas impossíveis. Ela também era mundana e bonita e era muito clara sobre o que queria. Leopold suspeitava há muito tempo que queria se casar com ele, e ele próprio estava há um tempo pensando, afinal, ele tinha quarenta e dois anos; Era hora de sossegar e começar uma família.

Sua mãe não parava de lembrá-lo qual era seu dever. Desde 1789 havia havido um Gallagher em Hallcourt Abbey e, como ela lhe repetia tão frequentemente, não estava disposta a que essa tradição morresse com ele. Embora seu caráter sempre, sempre batia de frente com o dele, Leopold não podia negar que, nesse caso, sua mãe estava certa. Qual era o sentido de deixar a pele nos negócios da família se não houvesse filhos a quem legar? Sob o jato ardente do chuveiro, o rosto encantador de sua vizinha entrou em seus pensamentos sem ser convidado.

“Completamente previsível”.

Era o que Catalina pensava dele e não entendia por que aquilo o incomodava tanto; como ela própria admitiu, eles não poderiam ser mais diferentes. Com um suspiro, ele finalmente desligou a torneira, enrolou-se em uma toalha e foi preparar o jantar.



Enquanto isso, deitado na imensa banheira do banheiro de seu tio, com a espuma transbordando pela borda e algumas velas perfumadas acesas iluminando o ambiente, Catalina também pensava em seu vizinho. Seu beijo havia caído sobre ela como a bomba atômica sobre Hiroshima numa cálida manhã de agosto e, embora se felicitasse por ter saído muito bem da situação,

preferia que não se repetisse. Apesar de sua aparência esnobe e distante, não sabia o porquê, mas gostava de Leopold e sentia uma preocupação quase maternal por seu bem-estar.

“Bem, reconheço que as emoções causadas por seu beijo não eram, digamos, muito maternais”. No entanto, ainda pensava que o atraente e bem sucedido Leopold Gallagher não era um homem feliz.

Ficou na banheira, até que a água começou a esfriar e se viu obrigada a sair. Depois, vestiu o pijama e decidiu preparar um jantar leve e deitar-se cedo. No dia seguinte, tinha muito trabalho; teria que finalizar os detalhes da exposição que aconteceria na galeria de arte de um amigo de seu. No sábado era a inauguração e o tempo estava passando. De novo, sem saber por que, pensou em Leopold e um suave sorriso aflorou em seus lábios.

Talvez convidasse seu vizinho arisco...



Durante o resto da semana, Leopold e sua vizinha só se cruzaram uma vez. Catalina saiu para sua caminhada diária à noite com Milo quando, ao abrir a porta do prédio, quase colidiu com uma loira deslumbrante que estava entrando naquele momento.

— Deveria olhar por onde anda — a loira estalou, num tom frio, enquanto observava os cabelos desgrehados de Catalina e os jeans gastos com nojo.

— Desculpe, estava distraída — Catalina respondeu sufocada, tentando segurar o cachorro gigante que estava determinado a pular em Leopold. Como resultado, a correia se enrolou nas pernas esculturais da loira, que perdeu o equilíbrio e estava prestes a cair no chão. Felizmente, seu companheiro a segurou pelo cotovelo bem a tempo.

— Quietos, Milo! — ordenou Leopold com firmeza; por fim, Milo reagiu diante do tom autoritário e os três conseguiram se desembaraçar do que parecia uma armadilha mortal.

— Desculpe, por favor — Catalina, envergonhada, lançou um sorriso de desculpas à mulher irritada.

Ela não respondeu, mas olhou para ela como se fosse o inseto mais desprezível com o qual tivera o infortúnio de atravessar.

— Boa noite, Catalina. — Seu vizinho a cumprimentou impassível.

— Vocês se conhecem? — Os grandes olhos azuis foram de um a outro repentinamente alerta.

— Leo é meu vizinho — Cat informou-a alegremente.

— Leo? — A loira levantou uma de suas bem delineadas sobrancelhas em uma muda pergunta, mas ele se limitou a encolher os ombros.

— Alison, esta é Catalina Stapleton, minha vizinha. Catalina, conheça Alison Parker.

— Prazer em conhecê-la — Catalina estendeu a mão com entusiasmo, como se não tivesse percebido que Alison estava ansiosa por perdê-la de vista. — Aproveitarei esta agradável reunião para convidar vocês dois para a abertura da exposição dos meus meninos. — Olhou dentro da imensa e desgastada bolsa de couro marrom que estava pendurada em seu ombro e, depois de um bom tempo, pegou dois convites bem enrugados e entregou um para cada. — se não tiverem outros planos no sábado, não hesitem em visitar a galeria. Todos os meus alunos estarão lá, orgulhosos como pais de primeira viagem. Haverá um coquetel, bastante simples, mas eu prometo que vamos nos divertir. Todo o dinheiro que arrecadado será destinado a reformar o edifício em que damos as oficinas e... bem, será melhor que eu vá ou Milo arrancará meu braço a puxões. Boa noite! Divirtam-se!

Como um turbilhão, a jovem caótica desapareceu no meio da noite arrastada pelo enorme bulldog. Leopold ficou em silêncio por um tempo, tentando se recuperar do encontro avassalador com sua vizinha; algo lhe dizia que Alison não estava muito feliz em conhecê-la.

— Leo? Eu nunca tinha ouvido alguém te chamar assim.

— Como você observou, essa garota é como um espírito livre. Às vezes é tremendamente impertinente, mas não vale a pena ficar com raiva. Graças a Deus não nos vemos muito — ele disse em um tom que procurava ser o mais indiferente possível.

Um pouco mais tranquila por sua explicação, Alison se apoiou no braço de seu acompanhante.

— Vamos, querido, estou ansiosa por uma bebida.

Uma vez em seu apartamento, Leopold a fez passar ao salão, apertou um botão em uma pequena tela tátil que havia em uma das paredes e, no mesmo instante, uma suave melodia os envolveu. Enquanto trazia as bebidas, Alison se acomodou em um dos imensos sofás de linhas retangulares e olhou ao seu redor com ares de proprietária. Seu anfitrião voltou mais tarde com dois *gim-*

tônica, servidos em taças com gelo e uma rodela de limão, e sentou-se ao seu lado.

Apesar da atmosfera íntima e relaxante da sala, Leopold se sentia um pouco inquieto. Alison insistiu em ir para sua casa e agora ele estava arrependido de ter cedido aos seus pedidos. Observou-a atentamente enquanto dava um gole na sua bebida. Não podia negar que Alison Parker era uma mulher muito bonita; seu cabelo era desse tom loiro nórdico tão pouco comum, e os olhos, muito azuis, tinham um olhar felino e sensual. Sobre o corpo convidativo, cheio de curvas acentuadas, usava um leve vestido de um conhecido designer que se ajustava como uma segunda pele. No entanto, apesar de sua aparência voluptuosa e tentadora, de repente a encontrou tão fria como uma deusa esculpida em mármore.

— Quer ir à exposição no próximo sábado? — ele perguntou, tentando afastar esses pensamentos de sua mente.

— Você está brincando, querido? Eu não gostaria de nada menos do que ir ao antro onde, a julgar pela maneira como ela se veste, sua querida vizinha certamente está nos convidando. Pelo que ele nos disse, *seus meninos* — destacou as palavras com desdém — eles parecem ser meros iniciantes.

Embora as palavras de Alison fossem irritantes, ele respondeu calmamente:

— Não são apenas iniciantes, mas também são deficientes. Certamente não acredito que seja um evento social de primeira magnitude, mas é um plano diferente.

— Sem dúvida, seria diferente; Só de pensar nisso me dá calafrios. Lembre-se também, que sábado é o jantar de gala da Royal Opera House. Mas não falemos mais de sua irritante vizinha; não vim aqui para isso. — Sua voz havia adquirido um tom sensual e lhe lançou um olhar insinuante sob os longos cílios carregados de rímel.

Mais uma vez, Leopold pensou que, às vezes, Alison era um tanto insensível. No entanto, ele aceitou o convite dos belos olhos, abaixou a cabeça e prendeu os lábios cheios com os seus. Ela abriu a boca instantaneamente e, de repente, Leo ficou surpreso ao pensar em outro beijo e outros lábios.

Ele xingou a si mesmo e tentou remover a comparação inconveniente da cabeça, mas sabia que, naquela noite, os beijos especializados de Alison, que até então sempre tinham sido capazes de pressionar a tecla certa, não estavam produzindo nenhum efeito. Apesar de tudo, ele continuou a beijá-la até que

ela notou que as mãos femininas foram introduzidas sob o tecido de sua blusa. De repente, Leopold percebeu que não tinha vontade de continuar com isso, então parou e se afastou dela gentilmente.

— Desculpe Alison. Devo estar mais cansado do que pensei, mas acho que não foi uma boa ideia convidá-la. — Um flash de fúria brilhou por um momento nos olhos azuis, mas, quase imediatamente, se dominou e Leopold admirou, mais uma vez, o controle que ela exercia sobre suas emoções.

— Nesse caso, seria melhor que fosse embora — disse em tom comedido. Decidida, levantou-se do sofá e pegou a bolsa e o casaco que tinha jogado sobre outra poltrona.

— Me desculpe, eu vou te levar para casa.

— Não há necessidade, Leopold, será o suficiente que me peça um táxi.

— Tem certeza? — Ele se sentiu culpado; afinal, a situação não era agradável para nenhum dos dois.

— Não se preocupe, querido, também não me fará mal dormir um pouco. A verdade é que com a transação Fleetwork, ultimamente o ritmo de trabalho é cansativo.

— Estou feliz que você é uma mulher capaz de entender essas coisas. — Leopold se inclinou sobre sua mão e a beijou galantemente.

Lisonjeada por seu comentário, ela esqueceu um pouco da humilhação de alguns minutos antes. Leopold chamou o táxi, que chegou imediatamente, e a acompanhou até a entrada para se despedir. Quando o carro partiu, Catalina apareceu com Milo ou, talvez fosse mais correto dizer, Milo arrastando Catalina de volta para casa.

— Caramba, já está indo? Tão cedo? O que foi? Vocês brigaram? — Olhou para ele com curiosidade.

— Não sei se você está ciente, Catalina, de como é indiscreta muitas vezes — disse, chateado por sua falta de delicadeza.

— Tem razão, minha mãe me diz isso frequentemente — suspirou como se seu coração se partisse, mas depois repetiu —: Vamos, me conte, vocês brigaram?

— Não é da sua conta!

— Acho que a sua linda namorada não gostou muito de me conhecer. Ainda não lhe disse que me considera uma garota irritante e intrometida? — Seu olhar estava carregado de malícia.

Ele revirou os olhos.

— Está errada.

— Sobre o que pensa de mim? — Catalina continuou a provocá-lo. Leopold perdeu a paciência.

— Não, sobre Alison te considerar um perigo — respondeu afiado.

No entanto, assim que ele pronunciou essas palavras, se arrependeu; ele ficou horrorizado com a grosseria e tinha sido terrivelmente rude. Confuso com seu comportamento estranho, ele viu que Catalina se inclinou para acariciar Milo com o rosto escondido pelo cabelo longo.

— Desculpe — Ele se desculpou rigidamente quando sua raiva por ela aumentou paralelamente ao quão ruim ele estava se sentindo. Catalina continuou acariciando Milo como se não o tivesse ouvido e, de repente, percebeu que seus ombros estavam tremendo. Horrorizado, agachou-se ao lado dela e, com suavidade, colocou a mão sobre suas costas — Catalina, perdoe-me, por favor. Desculpe ter insinuado que parecia irritante e intrometida, prometo você que não é assim.

Catalina afastou os cabelos compridos do rosto com uma mão trêmula e virou o rosto congestionado de tanto rir.

— Eu te perdoo, Leo — disse enquanto ainda ria —, mas não sei por que, não acredito em você.

Leopold não podia suportar que uma jovem insignificante como Catalina Stapleton zombasse dele e, de repente, toda a ira acumulada em seu interior por fim explodiu.

— Você se comporta como uma pirralha insuportável! Você faz bem em não acreditar em mim. Na verdade, eu acho que você é a garota mais irritante, intrometida, mal educada e...

Catalina levantou a mão e gentilmente a apoiou contra a face áspera, e esse contato ligeiro o fez calar a boca.

— Perdoe-me, Leo. Mas não consigo resistir ao desejo de irritá-lo, é superior à minha força. Você sempre parece ter tudo tão controlado que é bom quando eu tiro você do sério; de alguma forma faz você parecer mais humano — confessou, sorrindo com simpatia.

Ele afastou o rosto como se o ligeiro toque de seus dedos lhe tivesse queimado e, reprimindo o desejo de lhe dar uma boa palmada, ficou lentamente em pé tentando se acalmar.

— Como estou feliz de ser tão divertido para você. É melhor eu voltar para a minha casa. Boa noite, Catalina. — Com grande dignidade, ele entrou no portal e, sem se deixar levar pelo enorme desejo de bater a posta, fechou-a gentilmente.

Capítulo 5

Catalina viu desaparecer a alta e elegante figura masculina atrás da porta de vidro e suspirou. Não estranhava que ele a odiasse; era consciente de que sua tática para baixar o topete dos homens às vezes levantava bolhas, mas estava convencida de que Leopold Gallagher necessitava dose dupla.

Nunca tinha visto um homem tão sério, tão contido, tão odiosamente educado. Ainda não conseguia entender como um homem assim a beijara apaixonadamente no barco; parecia mais frio que um freezer industrial. E depois havia a sua fabulosa, maravilhosa e linda namorada... Catalina olhou para saber que tipo de mulher ela enfrentava e não tinha dúvida de que era uma daquelas pessoas que se dedicavam a aprimorar as características mais desagradáveis da personalidade do seu namorado infeliz.

“Bem, Leo Gallagher não tem um aspecto muito infeliz, na verdade”, admitiu para si mesma: “Mas não sei por que, não tenho dúvidas de que não é um homem feliz e, além do mais, estou convencida de que ficará muito melhor sem esse tipinho frio e calculista, por muito bonita que seja”.

Convencida da bondade altruísta de seus propósitos de ajudar seu pobre vizinho, ela começou a assobiar uma melodia alegre e subiu de dois em dois os degraus de granito da entrada do imponente prédio de aço e vidro, dois de cada vez, seguida de perto por Milo.



A inauguração estava sendo um sucesso. Há essas horas já haviam vendido muitos quadros e os alunos de Catalina estavam eufóricos pela emoção. A maioria dos participantes era familiar dos meninos e todos eles

expressaram sua imensa gratidão pelo prazer que deram a seus filhos ou irmãos felizes em sentir, pelo menos por um dia, como qualquer outra pessoa. Diego, o dono da galeria de arte, passou um braço pela cintura e sussurrou em seu ouvido:

— Parece que a coisa funciona, meu anjo.

Catalina virou-se para ele, sorrindo.

— Está sendo um grande sucesso. Já arrecadamos quase metade do que precisamos para reformar o edifício. Muito obrigada, Diego, não sei o que teríamos feito sem sua ajuda. — Sua amiga Fiona se aproximou deles naquele momento.

—Caramba, Cat, alguns desses alunos têm mãos muito longas — reclamou, tentando sacudir um menino baixo com olhos grandes e um sorriso perpétuo.

— Martin, querido, deixa a Fiona em paz, agora ela não quer brincar contigo.

O garoto assentiu e, sem perder o sorriso, se afastou na direção de outra garota que estava lá.

— Martin adora garotas bonitas e acho que seu cabelo o deslumbrou. —Catalina admirou os cachos vermelhos de sua amiga.

— Não reclame, Fiona, para uma vez que um homem te presta atenção... — Como de costume, Diego não deixou passar a ocasião de cutucá-la.

— Ha, ha, você é muito engraçado. — Fiona deu um olhar assassino para o dono da galeria.

Ambos mantinham uma relação tempestuosa durante quase três anos, até que Fiona o trocou por um dos jovens artistas que expunham em sua galeria. Desde então, não podiam se ver sem trocar alguma ou outra ofensa.

— Paz queridos, não comecem — Cat implorou, conciliadora.

— Boa noite, Catalina.

Surpreendida, virou-se e descobriu Leopold vestido com um elegante smoking preto e uma camisa de um branco cegador que destacava o tom bronzeado de sua pele.

— Caramba, Leo, esta noite não contava mais com você! Veio muito elegante. — Muito contente de vê-lo por ali, percorreu de cima abaixo a poderosa figura com admiração.

Apesar de tudo, Leopold ficou satisfeito por sentir os olhos femininos em seu corpo. Catalina tirara o eterno jeans rasgado e usava calça e uma camisa preta simples, apenas aliviada pelo cachecol de chiffon colorido em

volta do pescoço. Em contraste, seus cabelos brilhavam com ainda mais reflexos dourados e Leopold não conseguia deixar de pensar, como sempre acontecia, que, embora não usasse roupas elegantes ou de marca, sua vizinha sempre conseguia estar bonita.

Nesse momento interveio Fiona, quem lhe lançou um provocativo olhar sob seus longos cílios.

— Olá, lembra-se de mim? Eu te conheci outro dia na festa. Cat, você deve me apresenta-lo como Deus ordena.

— Cuidado todo mundo: a devoradora de homens local, afia suas garras! — O comentário de Diego e seu inconfundível sarcasmo fizeram Fiona querer estrangular seu ex.

— Vocês dois, não comecem outra vez! — Cat ordenou, cansada de suas disputas eternas — Olha, Leo, apresento você a Diego Torres, o proprietário da galeria, que gentilmente nos cedeu seu local para esta exposição. E, embora já se conheçam, esta é Fiona Danson, minha amiga há não sei quantos anos. Pessoas, este é Leopold Gallagher.

— Da Gallagher & Associados? — Diego parecia impressionado.

— De fato. — Leopold estendeu-lhe a mão, depois de ter feito o mesmo com Fiona.

— Que formal você é... — A ruiva fez beicinho.

— Você não sabe quanto — Cat disse cantarolando o que irritou seu vizinho.

— De onde vem tão bonito, Leopold? — Fiona o devorava com os olhos.

— Acabo de chegar de um jantar de gala na Royal Opera House. Quando terminei de comer, minha acompanhante se sentiu indisposta e vim para cá. Estou muito curioso para ver o trabalho de seus alunos, Catalina.

Nesse momento, uma garota com síndrome de Down de não mais de vinte anos, aproximou-se de Cat e a abraçou com força pela cintura.

— Cat, Cat, vendi meu quadro! Por vinte libras! — Os olhos puxados brilhavam de excitação por trás das lentes grossas dos óculos...

Não escapou a Leopold a expressão de ternura da vizinha quando se inclinou sobre a garota para retribuir o abraço e beijá-la na testa.

— Minha querida Rachel. Não tinha a menor dúvida de que algum entendido se apaixonaria por uma de suas obras assim que a visse e a compraria, não te falo sempre que usa umas cores preciosas?

— Queria que você fosse a primeira a saber, agora vou contar a mamãe.

— A garota se afastou correndo com um enorme sorriso de felicidade desenhado no rosto.

O olhar alegre e afetuoso de Catalina caiu sobre Leopold, que estava olhando tudo com muita seriedade.

— Quer que te mostre os quadros? — se ofereceu com gentileza.

— Eu adoraria.

— Vou mostrar ao Leo a exposição. Gostaria que não tirassem os olhos um do outro durante minha ausência. — E, dando a ambos um olhar de advertência, levou o vizinho a uma das paredes de tijolos expostos, nas quais várias pinturas estavam penduradas.

Na amostra havia de tudo. Algumas pinturas eram pouco mais do que os rabiscos de uma criança e outras foram feitas com uma habilidade surpreendente. Em geral, Leopold ficou surpreso com a qualidade da maioria, pois não sabia o que esperar.

— Deve ser uma boa professora, Catalina, há alguns quadros que são muito bons — ele disse admirado.

— Muito obrigada, Leo, sinto-me lisonjeada, mas o mérito é só dos meus meninos. Não pode imaginar o interesse que mostraram durante todo este tempo e quão perseverantes que são. — Seu belo rosto se iluminava quando falava de seus alunos, e Leopold se sentiu vagamente comovido.

— E este? — Gallagher parou em frente a um retrato feminino com um ar cubista, atraído pelos traços angulares e cores frias que o artista usara que, no entanto, transmitiam uma força intensa e uma grande vitalidade— É você!

Ela olhou para ele impressionada com sua perspicácia.

— Me surpreende, Leo, é o único que se deu conta.

— Não sei, tem algo... — Interrompeu-se sem saber bem o que queria dizer.

— Não pensei que fosse tão receptivo. — Pela primeira vez desde que a conheceu, ele a viu olhar para ele com uma expressão muito séria. — Foi feito pelo meu melhor aluno, Peter Kelly. É um rapaz com certo grau de autismo que, no entanto, possui uma sensibilidade para a arte fora do normal. Estou tentando conseguir uma bolsa para que estude em Saint Martins, embora não seja fácil. O pobre tem sérios problemas para se relacionar com os outros, mas sei de sobra que precisa de mais do que eu posso lhe oferecer.

— Ele é seu aluno favorito? — Os olhos cinzentos a encaravam com curiosidade.

Catalina balançou a cabeça e sorriu levemente.

— Uma boa professora nunca confessará que tem favoritos, digamos que é um garoto muito especial. Olha, aqui está. Vou apresentá-los. Peter, venha aqui!

Um garoto de cerca de vinte anos, baixo e moreno, se aproximou dela imediatamente.

— Meu anjo — disse simplesmente, enquanto agarrava Cat pela cintura e apoiava a bochecha em seu ombro. Ela acariciou seus cabelos negros com suavidade.

— Peter, te apresento o meu amigo Leo, ele gostou muito do seu quadro e queria te conhecer. — O garoto ficou olhando-o com um semblante austero.

— É meu anjo — avisou, possessivo, apertando mais a cintura feminina.

Leopold ficou um pouco deslocado, mas acertou em dizer muito sério:

— Fico feliz, você é um cara de sorte.

Mais tranquilo, o menino olhou a sua professora com adoração.

— Você vem para a minha festa de aniversário?

— Claro, querido, não a perderia por nada do mundo. — Catalina bagunçou seu cabelo mais uma vez. Satisfeito, Peter olhou na direção de uma mulher morena como ele, que lhe acenava de um canto da galeria.

— Mamãe me chama. — Se afastou uns passos, mas de repente, se virou e se aproximou de Catalina novamente. — Anjo, ele não está convidado. — Ele apontou o dedo indicador para Leopold e, sem mais, correu para onde sua mãe estava esperando-o.

— Desculpe, Leo, você ouviu. Você não está convidado para a festa. — Uma faísca maliciosa brilhou nos grandes olhos castanhos.

— Tentarei superar este novo golpe para minha autoestima — disse seu vizinho, solene. Em seguida, levantou uma sobrancelha e acrescentou —: Meu anjo?

— Peter ouviu Diego uma vez e, desde então ele sempre me chama assim.

Leopold ficou olhando-a com uma expressão indecifrável.

— E você, só dá aulas? Não pinta? —disse finalmente.

— Sim, claro que pinto, embora não tenha muito tempo para isso, na verdade. Tenho alguma tela acabada — respondeu vagamente.

— Você tentou vendê-las?

— Na verdade, acho que ainda não estou preparada para expor. — Catalina esperou que sua breve explicação terminasse com o questionamento, mas, embora Leopold percebesse que não gostava de falar sobre isso, isso

não o impediu.

— Por que você não expõe? Está com medo das críticas? — insistiu.

Ela ficou pensativa enquanto enrolava uma mecha do cabelo brilhante ao redor do dedo indicador.

— Não acho que seja isso exatamente — finalmente respondeu — Acho que é mais uma questão de intimidade.

— Intimidade? — Não sabia por que, mas estava muito interessado na resposta.

— Caramba, Leo, parece um cão de caça seguindo um rastro — Ela o olhou com aborrecimento.

— Uau! Vamos, Catalina, não tente mudar de assunto. Intimidade? — repetiu.

— Não sei, é só uma sensação que tenho. Expor minhas obras seria para mim algo como me despir em público. — Falava devagar, como se estivesse procurando as palavras certas.

— Curioso. Nunca me pareceu uma pessoa tímida.

Agora Catalina olhou para ele visivelmente irritada.

— E eu não sou, mas... — Encolheu os ombros; era incapaz de expressar claramente seus sentimentos.

— Já mostrou seus quadros para alguém? — Leopold não estava disposto a terminar o interrogatório até obter respostas satisfatórias.

— Somente Diego.

— E...?

— Me encoraja a expor.

— Mas você não se sente preparada. Entendo — Seu interlocutor observou o rosto corado e sua expressão de desconforto. — E a mim, me ensinará isso?

— Se você tivesse me perguntado ontem, eu teria recusado categoricamente — ela confessou sinceramente — Pensei que sua sensibilidade para os temas artísticos era tão grande como a do Exterminador, mas hoje já não tenho certeza. — Mais uma vez, Catalina percorreu seu corpo de cima para baixo com um olhar especulativo, e com os olhos cintilantes afirmou —: A verdade é que está lindíssimo com esse smoking, Leo. Não entendo porque a bela Alison deixou você escapar hoje à noite.

— Querida Catalina, não conseguirá me distrair. — Ele colocou um dedo sob o queixo feminino, forçando-a a olhar para ele e repetiu —: Vai mostrar pra mim?

Ela levantou os olhos para o céu, impaciente.

— Já veremos.

Um grupo de pessoas, na sua maioria pais de seus alunos, aproximou-se nesse momento para parabenizar Catalina pelo sucesso da exposição e despedir-se dela. Leopold aproveitou a oportunidade para se afastar discretamente e se refugiar em um canto do qual ligou para o seu amigo Harry.

— Olá Harry, eu te acordei? Então eu sinto ainda mais, amigo. Diga a Lisa que vou tentar compensá-la de alguma forma. Preciso que você me faça um favor...

Assim que desligou, se aproximou novamente do círculo de pessoas que rodeava sua vizinha.

— Eu também vou.

— Boa noite, Leo. Agradeço muito que tenha vindo. — Catalina lhe lançou um desses doces sorrisos que lhe produziam um estranho embrulho no estômago.

— E eu estou feliz por ter feito isso. Boa noite, Catalina.

Capítulo 6

Leo abriu a porta de seu apartamento, acendeu a luz e deu uma olhada ao seu redor; tudo estava como sempre, brilhante e sem nada fora do lugar, e pela primeira vez desde que ele morava lá, pensou que sua casa estava um pouco fria. Irritado, ele balançou a cabeça tentando apagar esse pensamento absurdo. Gostava de sua casa, contratara um dos melhores arquitetos de interiores de Londres para decorá-la e ficou satisfeito com o resultado. Não entendi o que era aquele repentino descontentamento.

“Alguns comentários de sua excêntrica vizinha, Gallagher, e muda de ideia como um milionário amante de vinte e poucos anos”, se repreendeu, enojado de si mesmo.

Não entendia o que lhe acontecia ultimamente. Ele se considerava um homem razoavelmente feliz; ele tinha objetivos muito claros e direcionara sua vida para eles, sem se desviar de um milímetro. No entanto, durante algum tempo, essa parte sentia que algo que estava faltando; uma leve insatisfação frequentemente o acompanhava.

“Mas isso não tem nada a ver com Catalina Stapleton”, disse a si mesmo. “Não é nada além da reação ao choque. O choque de perceber que não só não amava Alison, com quem, até algumas semanas atrás, estava considerando a ideia de me casar, mas nem gostava dela.”

Leopold sempre se orgulhara de conhecer cada última dobra de sua alma e não entendia como conseguira se enganar nos últimos dois anos. Essa noite tinha-lhe caído a proverbial venda dos olhos. De repente, sentado ao seu lado na elegante mesa que lhes tinham atribuído, rodeado do mais seletos da sociedade inglesa, deu-se conta de que Allison tinha um riso estridente que o deixava nervoso. Então ele a ouviu fazer alguns comentários que o fizeram se endireitar ainda mais reto do que já estava na cadeira. Os outros riram divertidos, mas pela primeira vez, ele percebeu que o senso de humor de Alison era ofensivo e cruel.

Reconhecia que era uma mulher muito bonita e que muitos homens o invejavam por tê-la como acompanhante. Talvez por isso estivesse cego até então; era lisonjeiro saber que outros cobiçavam o que ele possuía. Ao longo de sua vida, ele se orgulhara de seus sucessos, tanto no local de trabalho quanto no pessoal. Entretanto, essa noite, de repente, lhe pareceu tudo absurdo e sentiu uma vontade terrível de escapar dali o quanto antes.

Alison ficou muito brava quando disse que queria ir embora. Pela primeira vez, não conseguiu esconder seus sentimentos e sua raiva transbordou de uma maneira que fez Leopold endurecer ainda mais do que já era. Teve que usar toda a sua boa educação para ficar indiferente aos comentários de sua acompanhante e anunciou-lhe em um tom muito cortês que estava indo e que ela tinha duas opções: ficar lá ou permitir que a acompanhasse até sua casa. Alison decidiu ficar e imediatamente flertou com um de seus maiores rivais, que estivera meses atrás dela. Incrédulo, Leopold percebeu que não se importava e, sentindo profundo alívio, deixou a festa e dirigiu-se à galeria de arte.

Assim que chegou, descobriu Catalina num canto falando com Diego. Ao ver o braço do dono da galeria rodeando sua cintura, se deteve em seco e ficou observando-os um bom momento sem que se dessem conta. Não pôde descobrir na atitude de Catalina nem o mais leve vislumbre de flerte; era simplesmente uma mulher de quem emanava tanto calor que outros flutuavam ao seu redor como mariposas deslumbradas pelas chamas. Ele percebeu o quanto ela era carinhosa com quem se aproximava, pais, alunos... para todos, tinha uma palavra gentil ou um gesto carinhoso. Não que ele gostasse de Catalina Stapleton.

Em absoluto.

Só havia algo em sua atitude que, de certa forma, era refrescante. Apesar do quanto seu comportamento às vezes o irritava, quando estava ao seu lado, o leve descontentamento que parecia assombrá-lo por um tempo agora desaparecia instantaneamente.

“Besteira”, disse a si mesmo, enquanto tirava o smoking e vestia o pijama.

Ele estava escovando os dentes no banheiro quando, sem saber por que, ficou parado com os olhos fixos no espelho. Pela primeira vez, ele notou as linhas finas nos cantos dos olhos e, de repente, sentiu-se velho, apesar dos quarenta e dois anos. Alarmado, se perguntou se Catalina também pensava que era. Afinal, devia levar mais de dez anos e possivelmente pensava nele

como um ancião venerável. Percebendo para onde suas reflexões o levavam, ele balançou a cabeça com raiva de si mesmo. Que diferença fazia o que aquela garota pensava? Catalina Stapleton não significava nada para ele, então seria melhor parar de brincar; era tarde e no dia seguinte tinha que pegar um avião logo cedo. Terminou de limpar a boca e deitou-se na cama, mas sua mente ainda estava divagando, indisciplinada, e ainda demorou um pouco para adormecer.



Durante o mês seguinte, ele e Catalina se encontraram em raras ocasiões e mal trocaram uma breve saudação. Leopold decidiu que não era conveniente se aproximar mais da vizinha do que o necessário. Afinal, não gostava que ninguém — e menos uma mulher insignificante que não tinha onde cair morta —, lhe fizesse sentir desconfortável. Teriam continuado assim para sempre se, uma das vezes em que ele chegava correndo, suado e ofegante, Catalina, que acabava de sair do hall não tivesse parado ali determinada a conversar com ele.

— Olá, Leo, faz séculos que não conversamos —cumprimentou alegremente.

— Olá, Catalina. Sim, a verdade é que ultimamente estou muito ocupado. Agora mesmo ia tomar um banho, estou esgotado.

Leopold virou-se para sair, mas ela deu um passo decisivo em seu caminho, estendeu a mão e agarrou seu braço suado. Aquele gesto, tão efetivo como se acabasse de disparar-lhe um choque paralisante com uma pistola elétrica, o deteve em seco.

— Trabalhar tanto não pode ser bom. — Fixou suas íris marrons aveludadas nos olhos frios e cinzentos.

— Besteira —Leopold descartou severamente. A mão de Catalina ainda estava apoiada em seu braço, produzindo cócegas estranhas que o endureceram ainda mais, mas, apesar de não ter gostado, era incapaz de se afastar.

— Não é besteira, Leo. — Essa maneira de se dirigir a ele, como se estivesse conversando com um garoto cabeçudo, fez Leopold querer sacudi-la. — A vida não pode ser apenas trabalho e trabalho.

— Por que não? A mim é o que mais me agrada — respondeu desafiadoramente.

— Pobre... — A compaixão que detectou em seus olhos não lhe pareceu fingida, e sua raiva subiu alguns graus.

— Para sua informação, Catalina Stapleton, sou eu quem deveria ter pena de você — disse de maus modos.

— Ah, sim? — lançou um daqueles sorrisos que pareciam iluminá-la completamente, e Leopold teve que piscar algumas vezes, deslumbrado.

— Sim. Uma mulher de vinte e poucos anos...

— Trinta e três — precisou muito séria, embora a cálida faísca de seus olhos desmentisse sua aparente gravidade.

— ...que vive de favor na casa de seu tio — continuou como se não a tivesse ouvido — Com um trabalho que não deve render mais de mil libras por mês...

— Novecentos e cinquenta, para ser exata.

Definitivamente, essa garota resultava exasperante.

— Que futuro te espera? O que aconteceria se, por qualquer coisa, perdesse sua saúde? Tem algum tipo de seguro, plano de aposentadoria, um...?

— Pelo amor de Deus, Leo, você está me deprimindo!

— Queria que chegasses por si mesma à conclusão de qual de nós é mais digno de pena. Está claro, não é? — afirmou triunfante.

— Mas há algo que faz toda a diferença.

— Sim? — Levantou uma sobrancelha, sarcástico; estava claro que ela não queria dar seu braço a torcer por pura teimosia.

— Eu estou desfrutando do presente. Meu trabalho me encanta, o mesmo que a você, mas não se traduz só em cifras; trata de pessoas, com as quais mantenho contato dia a dia, que me transmitem emoções e calor humano. Você tem uma grande empresa, cada dia maior, mas todo esse esforço para que? Quem reclamará os frutos de uma vida de sacrifício?

— Isso não são mais que tolices sentimentais. Eu também trabalho com pessoas. Graças ao meu sacrifício, como você chama, milhares deles desfrutam de um trabalho que, por sua vez, lhes permite aproveitar a vida. E quando não estiver por perto, espero que, espero que até então terei formado uma família e terei filhos a quem possa entregar o resultado de tantos anos de trabalho.

— Família, filhos? Você planeja se casar com a inefável Alison?

—Catalina olhou para ele com curiosidade.

— Minha vida amorosa não é da sua conta.

Apesar de os olhos cinzentos lançarem furiosos estilhaços de gelo, ela não amoleceu.

— E diga-me, querido vizinho, quando você encontrará tempo para se casar, quanto mais ter filhos? A fascinante Alison está disposta para trazer ao mundo o que serão apenas sérios obstáculos em sua carreira?

— Fala do que não sabe! — Ele ficou furioso por não poder controlar o tom de sua voz, que soou mais alto do que desejava.

— Ah, não? — Ela levantou uma sobrancelha, zombando.

Fazendo um esforço sobre-humano para não perder completamente o controle, Leo respirou fundo, agarrou a mão que o segurava e a afastou gentilmente antes de dizer em um tom mais calmo:

— Não quero continuar conversando com você sobre este assunto. Vou tomar banho. Boa noite. — Muito rígido, ele se virou e foi em direção ao hall, mas não pôde deixar de ouvir a voz da sua insuportável vizinha atrás dele.

— Leo, Leo, sinto muito! Prometo que não voltarei a mexer com você! — Apesar de suas desculpas, Leopold pensou ter detectado uma nota de alegria em suas palavras e, furioso, cerrou os punhos com força. — Se voltar a tempo na sexta-feira, te convido a jantar e a uma partida de xadrez! — Catalina gritou antes que ele fechasse a porta sem olhar para ela.

“Essa mulher está louca se acha que vou passar a sexta-feira em seu apartamento para que continue me insultando”, disse a si mesmo com os lábios muito apertados.



Durante o resto do percurso, ela continuou pensando em Leopold Gallagher. Tentara, por todos os meios, fazê-lo perder a cabeça, mas, embora estivesse próximo, não havia conseguido. Esse seu vizinho empertigado era duro de descascar; sua couraça de boa educação era quase inexpugnável, mas Catalina prometeu a si mesma que a atravessaria, embora para isso se visse obrigada a usar jogo sujo.

Ela levantou o punho contra o céu escuro como uma Scarlett O'Hara

moderna e jurou:

— Milo, te coloco como testemunha de que o orgulhoso Leopold Gallagher não terá mais remédio que começar a desfrutar um pouco da vida, goste ou não.

O cão olhou-a com adoração e limitou-se a mexer o rabo, entusiasmado.



Na sexta-feira, Leopold chegou ao seu apartamento por volta das oito da noite; Ele havia acabado de chegar de Nova York e, apesar do cansaço acumulado, sabia que não poderia pregar os olhos. Ao abrir a porta, viu a nota que alguém tinha deslizado por debaixo da porta, se agachou e descobriu uma caligrafia desconhecida e bastante caótica.

“Como sua dona”, pensou ao ver a assinatura que constava no final.

Querido Leo, espero que se lembre do jogo que temos pendente...

Cat

Nada mais que isso. Ele estava prestes a rasgar o bilhete e jogá-lo no lixo, mas, naquele momento, seu celular vibrou e viu que seu amigo Harry tinha deixado uma mensagem.

“Leopold”, ouviu, “Se chegar a tempo, tenho uma mesa reservada no Mason’s às oito e meia. Estaremos nós, os George e uma garota que está desejando te conhecer”.

“Demônios”, ele disse irritado, “Eu não deveria ter dito a Harry que terminei com Alison”.

A última coisa que ele queria naquela noite era ir a um encontro às cegas. Outra possibilidade era ficar em casa zapeando em frente à televisão até o sono chegar, mas essa opção também não o seduzia. Talvez a melhor coisa, afinal, seria ir à casa de sua vizinha. Assim aproveitaria para jantar um pouco, jogar a famosa partida de xadrez — que liquidaria em cinco minutos —, e estaria na cama cedo.

Sim, faria exatamente isso.

Não havia hora no bilhete, então tomou um banho calmo, vestiu jeans gastos, camisa branca e sapatos confortáveis de camurça. Procurou na

pequena adega e pegou uma garrafa de vinho branco, com ela em uma mão tocou a campainha de sua vizinha e esperou vários minutos. Irritado, ele apertou o botão novamente por um bom tempo, até que a porta finalmente abriu.

— Olá Leo, desculpe, eu não pude ouvi-lo com a música — Catalina cumprimentou sem fôlego. Depois olhou para o relógio e ao ver a hora exclamou, agoniada—: Meu Deus, não pensei que fosse tão tarde!

Leopold olhou para os cabelos despenteados, o rosto vermelho e sua expressão angustiada. O jeans rasgado de sempre e sua camiseta de algodão, apesar de protegidos por um avental, exibiam inúmeras manchas do que poderia ser sangue ou, provavelmente, molho de tomate.

— Parece que um tanque de três toneladas passou em cima de você. — Foi o veredicto do seu vizinho.

Ela sorriu para ele sem se ofender e tirou uma mecha emaranhada do rosto com uma mão não tão limpa.

— Obrigado, Leo, mas você está impecável, como sempre.

Leopold agradeceu o elogio com uma ligeira inclinação de cabeça e entrou no apartamento olhando ao seu redor com curiosidade. Não tinha estado ali desde a noite da festa e viu que tudo estava muito mais arrumado; apesar disso, um livro na mesa e algumas revistas abertas aqui e ali, um vaso cheio de flores, o cachorro dormindo em frente à lareira acesa e o leve cheiro de comida que saía da cozinha, davam à casa o ambiente caseiro do qual a sua carecia.

— Qual é a emergência? — ele perguntou muito calmo.

— Eu queria me exhibir —confessou Catalina—, então pedi a Fiona seu livro *Venti deliziose ricette italiane* pensando que seria fácil, mas o fogão me odeia e conspira contra mim. Embora eu tenha seguido as instruções à risca, em vez de *deliziose*, tudo sai para mim “asqueroso”.

Leopold se divertiu com sua aparência desesperada.

— Vamos para a cozinha. — Obediente, sua vizinha o conduziu até lá arrastando os pés.

A cozinha parecia um campo de batalha; o molho de tomate salpicava inclusive as paredes, alguns pedaços de legumes tinham caído no chão, e por toda parte havia utensílios e pratos usados de diferentes tamanhos e cores.

— Meu Deus, você fez isso sozinha?

Catalina suspirou, envergonhada, enquanto ele dava uma olhada na receita e nos ingredientes que estavam espalhados ao redor.

— Acho que posso fazer algo com tudo isso.

— De verdade? — Ela se animou instantaneamente, e Leo achou que o sol tinha acabado de nascer no meio da cozinha desordenada.

— Anda, vá tomar banho. Eu me encarregarei deste código vermelho.

— Nem pensar, Leo —protestou— Não posso deixar você sozinho com essa bagunça. Fui eu quem te convidou, não posso permitir que estando cansado de cuide de tudo. Vou ligar para pedir uma pizza.

Leo colocou as palmas das mãos sobre seus ombros.

— Catalina. — Seu tom não admitia objeções — Vá tomar banho agora e, você sabe, não precisa se apressar.

Então ele a virou e, com um leve tapinha na bunda, mandou-a em direção a porta. Ela virou a cabeça, indignada, mas não se atreveu a protestar. Afinal, ficou tremendamente aliviada ao ver que alguém assumia o desastre.

Seguindo o conselho de sua vizinha, aproveitou a oportunidade para lavar o cabelo, onde também tinham ido parar restos de molho de tomate, secou-o com o secador e vestiu um de seus vestidos simples.

Capítulo 7

Quando entrou na cozinha, mal podia acreditar no que seus olhos viam e, por um instante, pensou que tinha se equivocado de casa. Tudo estava recolhido, o chão reluzia recém lavado e de um par de caçarolas, que borbulhavam com alegria sobre o fogo, saía um cheiro delicioso. Leopold mexia a comida com uma colher de madeira; ele enrolara as mangas da camisa e tinha amarrado um avental limpo na cintura que encontrara em uma gaveta. Para Catalina lhe parecia um dos homens mais atraentes que já vira em sua vida.

— É um milagre! — ela exclamou maravilhada.

Ele ficou olhando sem dizer nada. Apesar do cansaço que sentia umas horas antes, reconheceu que ir a casa de sua vizinha havia resultado um acerto. Era quase inacreditável, mas limpar a bagunça que Catalina havia feito e preparar o jantar o relaxou; ele adorava cozinhar e era muito mais agradável cozinhar para alguém mais que não ele mesmo. Como sempre, sua vizinha se vestiu em um estilo um tanto *hippie* que tanto a favorecia, seus cabelos brilhavam como mel ao sol e a alegria brilhava novamente em seu rosto. Leopold sentiu-se estranhamente reconfortado só de olhar para ela.

— Cheira bem. O que você preparou? — Ela ficou tão perto do fogão que seu vizinho também sentiu o delicioso aroma que a envolvia.

Leopold apertou a colher com mais força e respondeu, tentando manter o tom habitual:

— Eu segui a receita do livro de maneira aproximada para tirar proveito dos legumes que você cortou. Eu renomeei este prato: “Massa especial após o tsunami”, o que você acha?

Catalina começou a rir contagiosamente, e ele foi forçado a sorrir.

— Você é uma joia Leo. Alison vai ter sorte, afinal.

— Não vamos começar... — advertiu severamente.

— Claro que não, querido vizinho, você acha que, depois de tudo em que

trabalhou, vou me dar ao luxo de meter com você? Vou ser eternamente grata por hoje, Leo, e se algum dia precisar da minha ajuda, conte com ela. — Catalina ficou na ponta dos pés, deu um beijo suave em sua bochecha e se afastou em seguida. Abriu a geladeira e pegou a garrafa que Leopold havia trazido, abriu, serviu dois copos e entregou um a ele.

— À saúde deste magnífico cozinheiro! — brindou com um sorriso afetuoso nos lábios.

— À saúde desta atordoada vizinha! — Leopold bateu a taça contra a sua, sentindo ainda um leve formigamento na bochecha.

— Eu vou colocar a mesa. Pelo menos eu sou boa nisso. — Catalina saiu da cozinha a toda pressa.

Quando levou a travessa de macarrão para a sala de jantar, Leo entendeu o que ela quis dizer. A sala estava na penumbra, o brilho dourado das chamas e algumas velas estrategicamente colocadas era a única iluminação. Em vez de arrumar tudo na enorme mesa de jantar, Cat tinha colocado uma menor perto do fogo, mas não o suficiente para tornar o calor irritante. Uma das melhores toalhas de mesa de Paul Winston cobria a mesa, e tinha usado a louça e os cristais mais luxuosos. Talheres de prata brilhavam e um par de pequenos vasos de vidro, cada um com uma flor solitária, decorava a mesa. De repente, parecia como se fossem jantar em um lugar encantado.

— Uma bela mesa — ele afirmou com sua voz séria.

— É mesmo? — Catarina examinou sua obra com satisfação.

— Das mais bonitas que já vi, poderia dedicar-se a isso profissionalmente.

— No começo pensei que talvez estivesse exagerando um pouco. Não queria que pensasse que estava planejando uma noite romântica com a intenção de seduzi-lo com sobremesas — piscou maliciosamente — mas então decidi que, depois do que trabalhou esta noite, você merece o melhor do melhor.

— Muito obrigado, *mademoiselle*. — Leopold curvou-se graciosamente, embora ainda segurasse a travessa de macarrão nas mãos.

— Vou buscar água e pão — ao voltar, ela aproveitou para encher o copo de vinho dele — sente-se. A partir de agora eu me encarrego de tudo.

Catalina sentou-se à frente dele, serviu-lhe uma boa porção de massa antes de fazê-lo ela e, expectante, levou um garfo à boca.

— Hmm... Delicioso. — Saboreou a mistura de sabores com os olhos fechados, fazendo Leopold se sentir absurdamente orgulhoso.

Apesar dos medos de Leopold, o jantar foi um sucesso. Falaram de diversos assuntos e, embora em muitos deles suas opiniões não coincidissem em absoluto, a conversa foi muito animada. Leopold desfrutou da experiência inovadora de falar com uma mulher sem se preocupar em ter que deslumbrá-la e pensou que sua vizinha, quando não pretendia ser irritante, era uma pessoa divertida e encantadora. A ideia de ser seu amigo o atraiu; nunca teve uma amiga.

— Eu tenho ótimas notícias... — ela anunciou de repente.

— Conta. — Ele foi forçado a piscar para resistir ao brilho dourado de seus olhos.

— Uma pessoa anônima comprou o quadro de Peter. Sabe quanto pagou por ele? — perguntou com a boca cheia, sem deixar de gesticular com os talheres.

— Não faço ideia. — Leopold pensou na tela que estava pendurada agora em uma das paredes de seu quarto.

— O suficiente para que possamos reformar o prédio e ainda sobrar um pouco para novos projetos. — Quase podia sentir o entusiasmo de sua vizinha.

— Que bom.

— É incrível. Dá a sensação de que vivemos num mundo espantoso e egoísta em que todos estamos tão ocupados que não temos tempo para pensar em ninguém mais que em nós mesmos, mas quando as coisas ficam realmente ruins, sempre surge uma alma generosa para ajudar.

— Você é uma romântica — Leopold se mexeu desconfortavelmente na cadeira.

— E você é um cínico — replicou ela cheia de indignação.

— Há muito tempo que vivo no mundo real e sei que as coisas não são tão bonitas quanto você as pinta. — Ela levou o copo aos lábios, impassível.

— Bem, você está errado e aí você tem a prova. — Catalina olhou para ele triunfante.



Quando terminaram o jantar, Catalina não o deixou pegar um único garfo; levou tudo para a cozinha e disse que lavaria depois. Em seguida,

removeu a toalha e tirou um tabuleiro de xadrez no qual colocou as antigas peças de marfim de seu tio Paul.

— Não sei se minha cabeça está muito clara depois do jantar e do copo de vinho.

— Desculpas. Eu acabo de chegar de Nova York e comi e bebi mais que você.

“Embora não seja muito mais”, pensou para si mesmo, pois sua vizinha tinha repetido duas vezes.

A verdade era que cozinhar para uma mulher como ela, que desfrutava com a comida — Não como Alison que se limitava a fazer montinhos com o garfo —, era um verdadeiro prazer.

— Brancas ou pretas? — ela perguntou.

— Escolha você.

Catalina escolheu as brancas e começou a partida. Se divertiu com a expressão concentrada de Leopoldo. De repente, lhe deu vontade de estender a mão e alisar com os dedos a testa franzida. Parecia estar vendo a cara de seu tio Paul quando a ensinou a jogar; estava claro que ambos levavam o xadrez muito a sério. Suspirou. Ela gostaria de jogar outros tipos de jogos com seu vizinho atraente, mas não gostava de ficar entre casais. Além disso, tinha decidido fazer com Leopold um trabalho altruísta e se, se envolvesse com ele, sua desinteressada missão perderia o sentido. Suspirou novamente e tentou se concentrar no jogo.

Leopold a ouviu suspirar e pensou que a tinha encurralado. Ele a observou enquanto ela continuava estudando o tabuleiro, os cotovelos na mesa e as palmas das mãos segurando o queixo afiado. Mais uma vez, pensou que ela era muito bonita; talvez devesse se comportar como um cavalheiro e deixá-la vencer sem muito aviso prévio. Então Catalina estendeu a mão com dedos longos e finos, nos quais nenhum anel brilhava, pegou uma das peças com relutância e moveu-a mais alguns quadrados, enquanto dizia:

— Xeque.

Incapaz de acreditar no que estava ouvindo, Leopold olhou para o tabuleiro e viu que estava mesmo prestes a perder o jogo. De repente, ele esqueceu seus propósitos cavalheirescos e começou a jogar como se sua vida dependesse disso; teve que usar todas as suas habilidades para vencer. Quase uma hora se passou quando ele se ouviu dizer isso em voz alta, prestes a explodir de emoção:

— Xeque-Mate!

— Muito bem, Leo.

Olhou-a com desconfiança e, de repente, veio a sua mente um pensamento terrível.

— Não me deixou ganhar, certo?

Ela arregalou os olhos e lançou-lhe um olhar tão inocente que Leopold ficou ainda mais desconfiado.

— Leopold Gallagher, não fale bobagem! — Leopold tentou se lembrar das últimas jogadas, mas Catalina aproveitou a oportunidade para recolher rapidamente o tabuleiro e as peças — Querido Leo, deve estar cansado depois de sua viagem. Será melhor que vá dormir.

Não podia acreditar! Pela segunda vez desde que a conheceu, sua vizinha estava tentando se livrar dele; se isso continuasse, sua autoestima cairia ainda mais agora que ele estava convencido de que a própria bruxa se deixara vencer para terminar imediatamente.

— Está bem, eu vou. Mas que conste que isto não vai ficar assim. Teremos que jogar outra vez.

— Quando quiser — ela respondeu quase arrastando-o para a porta.

— Por que você está com tanta pressa de se livrar de mim? — perguntou desconcertado.

— É que, de repente, me assaltaram maus pensamentos. — Catalina deu um sorriso irônico e, sem dar tempo para perguntar o que queria dizer, fechou a porta na cara dele.

Leopold ficou parado, olhando para a porta de madeira, enquanto tentava decifrar aquelas palavras enigmáticas. Quando conseguiu, sua respiração acelerou, mas ele culpou a exasperação e prometeu a si mesmo que sua vizinha perversa pagaria: não só ganharia no xadrez de forma que não ficasse nenhuma dúvida sobre sua superioridade na matéria, senão que faria que se arrastasse diante dele, suplicando seu perdão por ter ousado expulsá-lo duas vezes de sua casa nada menos que a Leopold John Saint Clair Gallagher de Hallcourt Abbey. Com esses bons propósitos, ele voltou para casa, vestiu a calça do pijama, escovou os dentes, deitou-se na cama e adormeceu em seguida.



Do outro lado da parede, Cat recolhia os restos do jantar. Enquanto colocava os pratos sujos na máquina de lavar louça, Catalina se perguntou qual mosca a teria mordido. Compreendia a confusão de Leopold; ela mesma estava surpreendida com seu comportamento.

A verdade era que, a certa altura, levantou os olhos do tabuleiro e o viu sentado, muito sério, passando a mão pelos cabelos grisalhos várias vezes, até que cada uma das mechas curtas apontava em uma direção diferente. Os olhos prateados brilhavam de excitação ao pensar na jogada que estava a ponto de realizar e o achou tão atrativo, que teve que se sujeitar aos braços da cadeira para não se levantar por cima da mesa e depositar um beijo sobre esses lábios firmes, nem muito grossos nem muito finos, que pareciam chamá-la a gritos.

Talvez devesse parar de ver seu vizinho esnobe que, quando perdia um pouco de força, se tornava um cara adorável, disse a si mesmo. Agora mesmo não estava preparada para ter um caso com nenhum homem, adorável ou não, assim talvez fosse melhor não brincar com fogo. Nem era que não gostasse de brincar com nada; ela adoraria flertar um pouco com ele, trocar um beijo aqui, um abraço ali... mas estava claro que Leopold não era o tipo de homem que se deixava manipular e sabia que os problemas viriam mais tarde.

Além disso, pelo pouco que lhe dissera, estava prestes a se casar com a bela Alison. Catalina fechou a porta da máquina de lavar louça com determinação e prometeu a si mesma que, entre Catalina Stapleton e o severo Sr. Gallagher, nada aconteceria que não fosse completamente inocente. Orgulhosa de sua determinação, ligou a máquina e foi para a cama.



As semanas seguintes passaram por uma rotina agradável: Catalina seguiu sua vida normal, mas seu caminho muitas vezes cruzava o de seu vizinho. Ocasionalmente, Leopold aparecia sem aviso prévio com alguns chocolates ou uma garrafa de champanhe e a desafiava a um jogo e, se quisesse, jogavam xadrez por horas, até que um deles perdesse.

Para sua surpresa, sua vizinha se mostrou uma jogadora experiente e foi forçado a usar toda sua habilidade para vencê-la, embora na metade do tempo ele não tenha conseguido. Em uma dessas ocasiões em que se levantou com o

triunfo, ao ver a expressão desolada com que ele contemplava o tabuleiro, Catalina não pode evitar lançar uma gargalhada.

— Não é muito elegante celebrar uma vitória rindo dos derrotados — disse, severo, com as costas rígidas como um pau.

— Deveria ver seu rosto. Então entenderia do que rio. — Os olhos castanhos brilhavam maliciosamente.

Leopold olhou-a com rancor, mas preferiu mudar de assunto.

— Na quarta-feira passada eu toquei a campainha para jogar. Você não estava.

— Ah, não? — Catalina não vacilou.

— Seriam às oito...

Ela se limitou a olhá-lo risonha.

— Logo voltei a passar às nove. Tampouco estava.

— Céus!

Leopold não suportava o modo como Catalina zombava dele, mas, para seu pesar, foi incapaz de deixar a conversa nesse ponto.

— Também passei às dez...

— Deixe-me adivinhar! — ela interrompeu descaradamente, enquanto segurava a ponte do nariz entre o indicador e o polegar. — Não estava!

— Nem as onze.

— Vamos lá, Leo, esquece. Não vou permitir que você se comporte como um solteiro frustrado, porque seu rival no xadrez não está em casa quando você sentir vontade de jogar uma partida.

Solteirão frustrado, aquela maldita bruxa sabia como tocá-lo!

— Não sou nenhum solteirão e menos frustrado! — afirmou de forma patética.

— Claro que não, Leo. Eu não quis te ofender, foi apenas um comentário inocente. — Deu-lhe razão como se falasse com um atrasado mental.

Irritado, ele puxou a cadeira para trás e se levantou.

— Você está me enlouquecendo — ele avisou muito a sério.

— Uh, que medo! — Catalina começou a recolher o xadrez.

— Deveria estar. — Com um movimento rápido, ele agarrou o braço dela e a virou na direção dele.

— Está bem. Estou aterrorizada. — Abriu muito os olhos com fingido pavor.

— Você não sabe quando calar a boca, Catalina?

— Na realidade... — começou, mas Leopold não a deixou terminar.

Olhos emitindo faíscas prateadas, ele colocou um braço em volta da cintura dela, ergueu o queixo com dedos imperiosos e começou a beijá-la apaixonadamente. A princípio, a pegou tão de surpresa, que Catalina não resistiu e permitiu o contato de sua boca sem protestar, até que, de repente, ela começou a sentir como se lhe tivessem fundido lava ardente nas veias. Incapaz de se rebelar, desistiu sem sequer lutar; seus lábios se separaram e o beijo se tornou mais íntimo. Depois de muito tempo, Leopold, após uma intensa luta consigo mesmo, parou e, ofegante, deu um passo para trás. Ela agradeceu que continuasse a segurá-la, pois caso contrário, tinha certeza de que suas pernas cederiam e cairia no chão como uma donzela vitoriana vítima de uma tontura.

— Perdoe-me, Catalina, sei que é de muito má educação perder a calma.
— Leopold fazia o possível para tentar controlar sua respiração.

Catalina ouviu suas desculpas bastante atordoada ainda.

— Certamente, não denota muito boas maneiras — Disse muito séria, tentando, por sua vez, que seu coração baixasse a intensidade de seus batimentos.

— Sinto muito. Não voltará a se repetir — se desculpou de novo e apertou os lábios.

— Fico feliz em ouvir isso — Catalina disse, apesar de não saber muito bem se estava falando sério ou não.

Deus, já fazia muito tempo desde que um beijo a afetara tanto!

— Estou saindo agora mesmo.

— Bom.

Quando Leopold chegou à porta, acrescentou:

— Leopold Gallagher, você se atreveu a desafiar o destino pela segunda vez. — Ele a olhou confuso, mas Catalina continuou no mesmo tom cavernoso, como se ela fosse Cassandra e se dedicasse a adivinhar o futuro.
—: Eu já te disse que todo mundo que me beija se apaixona por mim.

— Bem, nada aconteceu na outra vez... — Ele fez um gesto evasivo com a mão.

— Depois não quero que diga que não te avisei — ela disse com uma expressão solene.

— Está bem, não vou dizer. Boa noite, Catalina, espero que isso não signifique que não voltará a jogar xadrez comigo.

— Não sei Leo, talvez seja melhor deixarmos um pouco de tempo antes do próximo jogo. Agora temos uma espécie de amizade e não gostaria de

desperdiçá-la.

— Entendo. — Leopold tentou disfarçar sua desilusão — Boa noite, Catalina.

— Boa noite, Leo.



Ao chegar em casa, Leopold decidiu tomar um banho, ainda sentia a excitação que havia lhe provocado beijar sua vizinha. Não entendia o que tinha acontecido com ele, disse-se zangado. Tinha estragado tudo. Estava convencido de que Catalina era apenas uma amiga; gostava de saber que, quando voltasse para casa, poderia passar para jogar uma partida de xadrez. Às vezes, durante suas viagens de negócios, se encontrava desejando chegar e poder conversar um momento com ela. Nunca teve um relacionamento semelhante com nenhuma mulher; Era um pouco como conversar com Harry, embora admitisse que não sentia o mesmo prazer ao olhar para o rosto de seu amigo que quando contemplava os delicados traços femininos.

Lembrou-se, surpreendido, do trabalho que lhe tinha custado separar-se dela. Por alguns minutos, ele só conseguiu pensar em quanto gostaria de levá-la em seus braços e levá-la para a cama mais próxima; acariciar as longas pernas, a pele sedosa de seu pescoço, enredar os dedos nos brilhantes cabelos... Moveu a cabeça, tentando afastar esses pensamentos, enquanto baixava um pouco mais a temperatura da água.

Não que ele estivesse atraído pela vizinha. Meu Deus, que absurdo! Reconhecia que era uma garota agradável e amena com a que se podia conversar, nada mais. A única coisa que acontecia é que fazia tempo que não dormia com uma mulher. Desde que deixou Alison, não saiu com ninguém e, é claro que a natureza humana era a natureza humana.

Satisfeito com essa explicação, Leopold desligou o chuveiro e começou a se secar com uma toalha. Faria o que ela havia dito: espaçaria suas visitas. Seria uma pena, mas era melhor renunciar ao xadrez por um tempo do que se envolver com uma pessoa que o tirava do sério tão frequentemente.

Um pouco mais calmo, ele deitou-se na cama e tentou dormir, mas ainda parecia sentir o toque dos suaves lábios pressionados contra os seus, em uma apaixonada resposta a suas carícias. Com um gemido de frustração, Leopold

abraçou o travesseiro e enterrou o rosto nele. Assim que pudesse, prometeu a si mesmo, diria a Harry que lhe apresentasse a essa garota da qual tinha falado.

Capítulo 8

Em meados de dezembro, as temperaturas eram tão baixas que, quando Catalina levou Milo para passear, ela teve que usar várias camadas de roupa, além de um gorro quente, um cachecol de lã e grossas luvas de esqui.

Leopold não tinha voltado a passar por sua casa desde a noite em que a beijou. No entanto, Catalina o viu sair pelo hall algumas vezes, muito elegante, então deduziu que havia retomado sua vida social. Ela também não podia reclamar, estava indo para almoços e jantares de Natal desde o final de novembro e estava começando a ficar saturada com tanta comida; além disso, ela estava muito ocupada com a peça de teatro que seus alunos apresentariam antes das férias. Como era a professora de arte, ela teve que cuidar dos figurinos e cenários e, embora estivesse se divertindo muito, mal tinha tempo para qualquer coisa.

Por isso ficou surpresa ao ouvir a campainha da porta numa sexta-feira que tinha decidido ficar em casa para dar os últimos toques em um dos cenários. Com cuidado, deixou o pincel em cima da paleta e foi abrir, limpando as mãos na velha bata que usava para pintar.

— Olá Leo, fico feliz em vê-lo novamente! — A aparência abatida de seu vizinho não lhe escapou. Ele parecia exausto. Tinha os cabelos despenteados, olhos irritados e muito brilhantes e, sob o bronzeado, estava um pouco pálido. — Você está bem? — Preocupada, ela se afastou para deixá-lo passar.

— A verdade é que não. Desculpe incomodá-la, Catalina, mas vim pedir paracetamol ou algo parecido. Não encontrei nada em casa.

— Você acabou de chegar?

— Sim, desta vez eu venho de Sydney. Estou um pouco cansado — ele confessou, enquanto passava a mão pela testa, em um claro gesto de exaustão.

— Não precisa explicar, você está horrível.

— Bem, muito obrigado. — Fez uma careta.

— Entre e sente-se antes que você desmaie. Se você cair, não poderei levantá-lo do chão.

Seu vizinho estava tão exausto que obedeceu sem questionar; caiu em uma das poltronas confortáveis da sala e fechou os olhos. Ele os abriu novamente quando notou uma mão fria descansando em sua testa, ao seu lado Catalina o observava com a testa franzida.

— Você está queimando de febre.

— Bem, não é tão ruim, me dê um comprimido e eu não vou mais incomodá-la. — Tentou se fazer de forte, apesar de se sentir como um pano de prato.

— Eu não entendo como você pode ser tão descuidado, Leo, você sabe que, a qualquer momento, essas coisas podem degenerar em pneumonia? Cale a boca, não diga nada! — ela ordenou quando o viu abrir a boca para responder a sua bronca — Vou pegar algo.

Correu para a cozinha, aqueceu uma xícara de leite no microondas, adicionou uma colher de mel e de um armário tirou uma caixa de paracetamol. Colocou tudo em uma bandeja e voltou para a sala de estar. Leopold havia afrouxado a gravata e ainda estava deitado no sofá com os olhos fechados. Quando a ouviu deixar a bandeja sobre a mesa, voltou a abri-los trabalhosamente.

— Não quero... — Ele apontou para a xícara de leite.

— Beba ou eu vou te forçar! — Vendo seu olhar ameaçador, Leopold não tentou argumentar.

— Está bem. Você é pior que uma madrasta — rosnou sem querer admitir que, no fundo, gostava que alguém se importasse um pouco com ele para variar.

Ele bebeu o leite, tomou os comprimidos que Catalina colocou na palma da mão e quase instantaneamente começou a se sentir melhor. Ele estava tão confortável que, só de pensar em se levantar e voltar para a solidão de seu apartamento, sentiu calafrios.

— Você está tremendo. — ela pareceu ler sua mente — Você não pode passar a noite sozinho em sua casa, é melhor você ficar aqui.

— Bobagem — ele respondeu, embora seus dentes batessem.

— Você vai ficar no sofá! — Seu tom não admitia discussão e, uma vez mais, Leopold se sentiu incapaz de contrariá-la — Vou ajudar com a roupa.

Determinada, ela tirou os sapatos e as meias pretas, depois o ajudou a

tirar o paletó e começou a desabotoar a camisa. Leopold agarrou suas mãos em uma fraca tentativa de detê-la, mas Catalina se soltou facilmente e continuou sua tarefa de uma maneira que parecia completamente impessoal para ele. Então soltou o cinto, mas quando Leopold notou aqueles dedos hábeis tentando abrir o botão da calça, seu protesto se tornou mais enérgico.

— Não se preocupe, eu tenho três irmãos mais velhos. Ajudei minha mãe inúmeras vezes a despi-los quando chegavam em casa bêbados.

Leopold contemplou o rosto, sereno e delicado, emoldurado pelas sedosas ondas castanhas.

— Vou tirá-la. Não sou inválido.

— Como quiser. — Catalina se afastou discretamente enquanto ele terminava de desabotoá-las e as tirava com alguma dificuldade.

Leopold pegou uma suave manta escocesa que repousava em um dos braços da cadeira e a jogou sobre ele, cobrindo sua semi nudez. Catalina trouxe um travesseiro, enfiou-o embaixo da cabeça e o cobriu um pouco melhor com a manta.

— É melhor descansar, acho que é disso que você mais precisa agora — ela disse ajoelhada ao lado do sofá enquanto gentilmente escovava os cabelos da testa dele.

A delicada carícia o fez mergulhar em um agradável bem-estar. Leopold fechou os olhos e logo dormiu como um recém-nascido.



Por volta do amanhecer, Leopold ouviu uma voz suave em seus ouvidos e braços o ajudaram a se sentar um pouco, enquanto sua cabeça descansava em um seio feminino.

— Abra a boca.

Ele obedeceu imediatamente e alguém colocou um comprimido na língua e lhe trouxe um copo de água, do qual ele bebeu ansiosamente. Então ela o ajudou a se deitar no travesseiro novamente, cobriu-o bem com a manta e foi embora. Leopold adormeceu em seguida e, quando acordou novamente, muito mais tarde, a julgar pela luz que entrava pela janela, estava muito melhor.

— Parece que você não tem mais febre.

Catalina estava ajoelhada ao lado dele com a mão na testa dele. Leopold sentou-se e a examinou atentamente. Ela usava o cabelo preso em um rabo de cavalo, exibia uma mancha de tinta na bochecha e jeans velhos apareciam debaixo de uma túnica branca. Apesar de tudo, ele pensou que era uma das visões mais agradáveis que já teve ao acordar. Esfregou a mão no queixo, notando desconfortavelmente a aspereza da barba matinal e disse a si mesmo que devia ter uma aparência lamentável.

— Eu tenho que ir pra casa tomar banho.

— Não tão rápido. Precisa tomar café da manhã primeiro.

— Como você gosta de dar ordens! — protestou.

— Nota-se que voltou a ser você mesmo — ela disse com um olhar engraçado — Ontem à noite você me obedeceu como um cordeirinho fofo.

A comparação pareceu um pouco humilhante para Leopold, mas ele deixou passar.

— Vou fazer um bom café da manhã para você — anunciou Catalina sem lhe dar mais atenção.

Enquanto ela trabalhava na cozinha, Leopold aproveitou a oportunidade para colocar as calças e a camisa de volta, embora ele só abotoasse alguns botões. Quando Catarina voltou carregada com a imensa bandeja que lhe havia preparado, pensou que seu vizinho era muito sedutor quando acabava de se levantar. Com cabelos despenteados, um peito largo mal coberto por sua camisa e uma barba levemente crescida, parecia recém saído das páginas de um exemplar do *Tatler* mais sexy do que o habitual, com certeza, Leopold Gallagher era um dos tipos mais cativantes que jamais tinha visto.

“Pena que já tenha dona”, disse a si mesma com um encolher de ombros.

— Muito obrigado, Catalina, reconheço que tenho tanta fome que comeria um boi e não deixaria nem os cascos.

Na bandeja havia ovos mexidos, salsichas, torradas, geleia e manteiga, e um café bastante forte que Leopold achou delicioso. Ao ver que ela se limitava a contemplá-lo, satisfeita, enquanto ele comia com vontade perguntou um pouco envergonhado:

— Você não toma nada?

— Tomei café da manhã há várias horas, fui passear em Milo e aproveitei a oportunidade para comprar algumas coisas.

Quando restavam apenas algumas migalhas na bandeja, Leopold a olhou satisfeito e agradeceu.

— De nada, Leo — Catalina sorriu docemente — Para isso servem os

amigos.

Suas palavras o irritaram sem saber o porquê, mas ele disfarçou.

— Estou feliz que somos amigos. Você vai me mostrar o que está pintando agora?

— Estou terminando alguns painéis para a decoração da peça de teatro que estaremos na festa de Natal. — Catalina o levou a um quarto em que ele nunca tinha entrado; estava quase vazio e o chão coberto de grandes plásticos manchados de tinta. Um grande fluxo de luz indireta entrava pelas janelas transparentes sem cortinas, e um cavalete de madeira ficava ao lado de uma velha mesa cheia de tubos de tinta, pincéis e potes de vidro.

— Então este é o seu estúdio. — Leopold olhou ao seu redor com interesse.

— Sim, reconheço que sou uma privilegiada por ter um lugar como este para pintar. A luz é magnífica.

Leopold se aproximou de um dos grandes painéis que, neste momento, estava encostado contra o cavalete. Representava uma floresta e dava a impressão de que, a qualquer momento, um bando de pássaros cantando sairia da tela e voaria em todas as direções.

— Você é uma grande artista! — ele disse com admiração.

Catalina ficou lisonjeada e comentou com falsa modéstia:

— É apenas um simples cenário para um pequeno trabalho amador.

Ele ficou um tempo na frente do painel, observando-o fascinado.

— Você me mostrará alguns de seus quadros? — implorou mais uma vez.

Ela balançou a cabeça de um lado para o outro com um olhar divertido.

— Agora entendo por que você está indo tão bem nos negócios, Leo, é como um bulldog que não solta a presa que tem entre os dentes. Quando algo entra em sua cabeça, você não para até conseguir.

— Quão bem você já me conhece, Catalina. Vamos lá, me mostre um... —Ele olhou para ela suplicante e, por um momento, Catalina lembrou o olhar esperançoso de Milo quando se aproximava do local onde guardava a correia. Incapaz de resistir, ela deu de ombros e suspirou resignadamente.

— Está bem... Eu imagino que você usou esse olhar muitas vezes ao longo de sua vida. — O sorriso orgulhoso desenhado nos firmes lábios masculinos não escapou dela e teve que se conter para ela não sorrir também.

Dirigiu-se a uma das paredes onde estavam apoiados vários quadros virados. Vasculhou entre eles e finalmente pegou um de tamanho médio e o

colocou perto da janela, para que a luz caísse diretamente sobre ele.

Leopold se aproximou e examinou-o cuidadosamente. Não sabia o que esperar, mas o quadro o surpreendeu e, ao mesmo tempo, achou que era muito “Catalina Stapleton”. Era uma paisagem a meio caminho entre o abstrato e o concreto; a jovem capturou um instante fugaz e luminoso com pinceladas vibrantes, cheias de vitalidade como ela mesma, e Leopold, que não era ignorante no assunto da pintura, sentiu-se estranhamente emocionado.

Por fim, levantou a vista do quadro e, olhando-a nos olhos, afirmou:

— É muito bom.

Catalina, que o observava atentamente, tentando capturar o que passava por sua mente, ficou muito satisfeita com sua reação e devolveu a olhar, sentindo um calor agradável que se espalhou por seu corpo.

— Obrigada.

— Diego está certo. Deveria expor.

— Sim. Talvez um dia eu faça — ela disse vagamente.

Leopold fixou os olhos nos dela sem dizer nada, e ela se mexeu um pouco desconfortavelmente sob o peso daquelas pupilas severas que pareciam perceber tudo.

— É melhor você tomar banho. — Catalina tentou mudar de assunto de uma maneira nada sutil.

Devia ser que já estava se acostumando, pois desta vez Leopold não se importava em perceber que ela estava querendo se livrar dele.

— Muito bem, Catalina, mas pense bem, às vezes não temos escolha a não ser enfrentar nossos medos.

Sem mais, ele pegou sua jaqueta, sapatos e meias e, descalço, dirigiu-se para a porta. Antes de sair, ele se virou novamente, pegou a mão dela, gentilmente a levou aos lábios e beijou a palma da mão.

— Obrigada, Catalina.

Quando ele saiu, Catalina ficou parada junto à porta, um pouco atordoada. Foi a primeira vez que ela mostrou uma de suas pinturas para alguém que não fosse Diego; nem mesmo Fiona, sua melhor amiga, jamais as vira. Ela não entendia por que escolheu seu vizinho esnobe para lhe dar a honra, mas ficou surpresa com o olhar deslumbrante que viu nos olhos cinzentos enquanto examinava sua pintura. Ela estava feliz por não estar errada na primeira vez que o viu; agora ela tinha certeza de que por baixo daquele exterior frio e distante havia um homem escondido capaz de entender e se empolgar com outras coisas além dos negócios.

Capítulo 9

Embora mais de um dos atores tenha esquecido seu roteiro, e o personagem principal tropeçou na espada em seu cinto e caiu enquanto estava no palco, a peça foi um sucesso. Para celebrá-la, um grupo de professores da escola, Catalina, Diego Torres, Fiona e seu jovem acompanhante foram a um restaurante para uma bebida. Fiona passou a maior parte da noite flertando atrevidamente com seu amigo, enquanto Diego tomava cerveja após cerveja. No final, a ruiva e seu parceiro saíram juntos, e Diego se ofereceu para acompanhar Catalina a sua casa.

— Talvez eu devesse acompanhar você — ela disse preocupada, notando que Diego estava sofrendo com o consumo excessivo de álcool.

— Não fale bobagem, meu anjo, eu controlo perfeitamente. — Seu amigo ficou um pouco preso com as palavras.

— Quer que eu chame um táxi?

— Eu posso caminhar facilmente pelos três bairros que me separam da minha casa! — ele respondeu ofendido.

— Nesse caso, boa noite. — Catalina aproximou-se para lhe dar um beijo na bochecha, mas Diego, que era quase de sua altura, virou a cabeça e ela não pôde impedir que seus lábios se tocassem.

— Cat... — Ele a abraçou com força enquanto sua boca ficava mais insistente. Catalina colocou as palmas das mãos contra o peito dele e o empurrou com força, tentando se afastar. Não foi muito difícil; seu amigo estava tão bêbado que por pouco o joga no chão.

— Diego, não sou Fiona — lembrou-o, armando-se com paciência.

— Eu sei, Cat, porque acha que eu gostaria que fosse a Fiona? Fiona é uma bruxa. Você, por outro lado, é bonita e boa. Quer ser minha namorada, Cat?

— Shh! Abaixue sua voz, Diego, você vai acordar os vizinhos.

— Não quero saber dos teus vizinhos?! —ele respondeu aos gritos—

Ouçame bem, eu pedi Cat para ser minha namorada!

Naquele momento, um táxi vazio passou e Catalina levantou o braço para detê-lo. Com esforço, conseguiu colocar o amigo no banco de trás e fechou a porta. Depois indicou ao motorista direção que devia levá-lo e se despediu dele, não sem antes se certificar de que tivesse dinheiro suficiente para pagar a corrida.

— Adeus meu anjo! — Diego gritou com metade do corpo inclinado para fora da janela e balançando os braços, frenético, enquanto o táxi se afastava.

Catalina deu um suspiro de alívio. Estava prestes a entrar no hall quando uma sombra de um tamanho ameaçador apareceu do nada. Aterrorizada, ela apertou os lábios, tentando abafar o grito que subia em sua garganta, mas, quase instantaneamente, reconheceu a figura alta de seu vizinho, tão impecável como sempre.

— Caramba, Leo, quase tive um infarto! — Protestou, colocando a mão no coração, que parecia prestes a escapar do peito.

Ele encarou os lábios avermelhados dela, um sinal óbvio de que tinham acabado de serem beijados intensamente.

— Não é à toa que você não me ouviu, Catalina, que cenazinha —disse com desdém.

— O que ocorre, acaso nunca teve um amigo que estivesse passando por um momento ruim? Bah! Não sei por que me incomodo, você tem a mesma empatia que a unha do dedão do meu pé direito. — Pela primeira vez, tinha conseguido irritá-la de verdade.

Leopold cruzou os braços e balançou a cabeça em desaprovação.

— Não me pareceu que passasse tão mal; ao contrário, me deu a sensação de que desfrutava bastante te beijando. — Seu sarcasmo era evidente.

— Homens! — Cat exclamou com desdém — Você não é capaz de ver além do seu nariz.

— E o que tinha para ver, se posso saber?

— Diego está feito pó. Esteve toda a noite aguentando Fiona paquerando com um tipo diante de seu nariz e bebeu mais da conta.

Seu vizinho não parecia convencido por seus argumentos.

— Se, como insinua, ele está apaixonado pela sua amiga, por que ele pede que você seja namorada dele? Não tem sentido.

— Ai, Leo, tenho que explicar tudo! —disse exasperada— É claro que

ele quer transar com ela, afinal, eu sou a melhor amiga de Fiona.

— Não sei como pode considerar seu amigo a um tipo semelhante, poderia te fazer mal.

— Por Deus, não seja ridículo! Diego não pretende me machucar, sabe que nunca me apaixonaria por ele.

— Por que você tem tanta certeza? Você está apaixonada por outro? — Ele franziu o cenho levemente.

— O que importa a você? Você é muito questionador — fez uma careta de aborrecimento — Mas não, eu não estou apaixonado por outro. Diego me conhece há anos, sabe perfeitamente como eu sou.

— Ah, sim? — Essa resposta o incomodou ainda mais — E como você é, se posso saber?

— Diego sabe que não me apaixono com facilidade — ela disse muito calma.

— Talvez seja porque você *nunca* esteve apaixonada — salientou o advérbio com uma expressão de triunfo.

Agora Catalina estava furiosa, o que aquele cara esnobe sabia sobre sua vida ou seus sentimentos?

— Claro que estive apaixonada. Muitas vezes, para ser exata. Tive vários namorados e morei com um deles por mais de dois anos. — Furiosa, se perguntou que diabos fazia dando explicações a esse cara — E o que me diz de você? — rapidamente entrou no contra-ataque — Não parece um homem que permita que ninguém toque, nem um pouco, seu coração. Vai se casar com a bela Alison, mas tenho certeza de que não está apaixonado por ela. Na verdade, acho que não faz ideia do que significa o amor.

— Pois parece que já somos dois — disse ironicamente enquanto se perguntava por que não esclareceu de uma vez que tinha terminado com Alison.

De repente, Catalina começou a rir e pareceu recuperar o bom humor...

— Essa conversa não faz sentido. Nenhum de nós sabe nada sobre os sentimentos um do outro, então é melhor conversarmos sobre outra coisa, ou talvez não falarmos mais de nada, porque tenho que dormir. Amanhã vou viajar e preciso descansar.

Vendo seu sorriso novamente, Leopold também relaxou.

— Onde vai? — perguntou curioso.

— Eu vou para a casa dos meus pais em Herefordshire, sempre encontramos toda a família lá no Natal. Você vai para sua casa?

— Não, não tenho pensado em ir.

— Então passará as festas com amigos?

— Eu não organizei nada.

— Você quer dizer que pretende passar o Natal sozinho em seu apartamento? — Ela olhou para ele horrorizada.

— Que tem de ruim? Para mim, o Natal não tem sentido. Minha mãe nunca deu uma importância especial a essas datas e, desde os dezoito anos, não volto a passá-los em casa.

Os olhos da Cat estavam cada vez maiores e, quando ele acabou de falar, ela apertou os lábios e disse com determinação:

— Não permitirei. Virá a minha casa e passará o Natal com minha família.

— Você está louca? Você pretende aparecer sem aviso prévio na casa de seus pais com um estranho e em datas tão especiais? — Agora foi ele quem olhou para ela estupefato.

— Claro, eu não vou deixar você passar o Natal sozinho em seu apartamento como um cachorro abandonado que ninguém quer.

A comparação o atingiu na alma.

— Para tua informação, Catalina — A voz de Leopoldo assumiu um tom gelado — passei os últimos vinte e poucos natais sozinho ou em alguma praia paradisíaca na companhia de uma mulher e não me considero um sujeito digno de pena.

— Bem, você é! — ela declarou categoricamente.

Cada vez mais irritado, Leopold estava prestes a mandá-la as favas, mas tomou todo o seu autocontrole e apenas disse em um tom muito calmo:

— Eu não sou e vou passar o Natal em minha casa, sozinho, porque é isso que eu quero. — Incrédulo, ele viu os olhos de Catalina se encherem de lágrimas e seus lábios começarem a tremer.

— Leo, eu imploro para você não tornar minhas férias mais amargas. Juro que não conseguiria aproveitar sabendo que você está aqui, sem ninguém com quem compartilhar esses dias especiais. Você não pode ser tão cruel.

Como São Thomas, ele estendeu a mão, tocou um dedo nos longos cílios escuros e, fascinado, verificou sua umidade.

— Caramba, Catalina, não posso acreditar que você está prestes a chorar por esse absurdo.

— Para mim, não é um absurdo! Eu não desejaria algo assim, nem

mesmo para meu pior inimigo, e eu quase considero você um amigo. — Era evidente que Catalina sentia de verdade o que estava dizendo e, embora, de novo, essa palavra o irritou sem saber por que, se sentiu estranhamente comovido por seu interesse e notou que estava a ponto de ceder.

— Mas o que vou parecer para sua família? Eles não vão tirar sarro. Vão pensar que eu sou seu namorado.

— Não se preocupe com isso. — Ela parecia muito mais animada, como se suspeitasse que estava a ponto de se render — Não é a primeira vez que apareço com alguém. Por favor Leo...

Leopoldo estava começando a se sentir como mais uma criatura patética que sua vizinha caridosa decidiu pegar nas ruas, mas, embora não gostasse muito do sentimento, não conseguiu resistir ao seu olhar suplicante.

— Está bem — relutantemente cedeu — A que horas você planeja sair?

— Eu tinha pensado em pegar o trem das nove horas.

— É melhor irmos no meu carro

— Mas pode haver neve nas estradas e, além disso, tenho que levar Milo.

— Não há nenhum problema. Vou pegar o Range Rover. — Leopold resolveu o assunto.

— Quantos carros você tem? — Ela olhou para ele desconfiada.

— Só dois. — Catalina não fez nenhum comentário e ele agradeceu; não estava preparado para receber um discurso apaixonado sobre desigualdades sociais — Tudo bem, então às nove horas, tocarei sua campainha.

— Perfeito. Muito obrigada, Leo. — Ela ficou na ponta dos pés e o beijou na bochecha. As narinas de Leopold se abriram quando ele respirou seu perfume agradável, e desejou que um dia sua afetuosa vizinha abandonasse seu hábito desesperado de beijar a todos.

— Sou eu quem tem que agradecer — disse muito formal.

— Ainda não, querido Leo, é melhor esperar até conhecer os meus irmãos... — Piscou-lhe um olho com expressão travessa, antes de seguir para o hall. De lá, voltou-se uma vez mais para lhe dizer adeus com a mão.

Apesar do frio, Leopold ficou do lado de fora por um longo tempo pensando no que acabara de acontecer. Era inédito que sua imprevisível vizinha o tivesse embarcado em semelhante aventura. Ainda não conseguia acreditar que iria passar os próximos dias comemorando o Natal em uma casa de campo, cercada por um monte de pessoas que não conhecia. Se alguém lhe dissesse para escolher o plano menos apetitoso do mundo, teria escolhido

precisamente esse. Pelo menos ele estava com Catalina, disse a si mesmo com um encolher de ombros, e se havia uma coisa de que não podia acusá-la, era ser uma pessoa chata.

Lembrou à mulher que acabava de acompanhar até sua casa e moveu a cabeça. Ele disse para Harry apresentá-lo à garota sobre quem ele havia falado tanto, e seu amigo correu organizar um jantar para quatro. No início a coisa não foi ruim, a jovem era seu tipo ou, pelo menos, do tipo que gostava até então, loira e cheia de curvas, assim decidiu, que uma noite a convidaria para jantar os dois sozinhos e hoje era essa noite.

Ele não conseguia se lembrar de ficar mais entediado durante uma noite. A pobrezinha fez o possível para agradá-lo e se ofereceu em uma bandeja, mas Leopold não desejava tirar proveito da oferta. Dez minutos após o início do jantar, ele estava querendo terminar e sair dali. Ela ficou surpresa quando, logo depois de sair do restaurante, Leopold a acompanhou até sua casa e ficou ainda mais surpresa no momento em que ele recusou o convite para ir ao apartamento dela para tomar uma bebida; Era óbvio que era a primeira vez que isso lhe acontecia.

Assim que saiu do táxi, ainda com uma sensação desconfortável de insatisfação roendo o interior, viu Catalina nos braços de Diego e a imagem o paralisou. Sem que o vissem, aproximou-se deles e ouviu tudo o que diziam. De repente, ele sentiu uma vontade terrível de dar dois socos naquele bêbado encenqueiro e sacudir Catalina até os dentes dela baterem. Alguém tinha que ensinar àquela mulher exasperante que não deveria dar beijos e abraços a torto e direito. Se ela continuasse assim, um dia estaria em sérios problemas.

Ele suspirou e uma nuvem de vapor condensado flutuou diante de seu rosto. Seria melhor se entrasse em casa se não quisesse uma pneumonia, disse a si mesmo. Além disso, tinha que fazer as malas para as suas *férias*.

Capítulo 10

Na manhã seguinte, quando tocou a campainha da vizinha, mal teve que esperar alguns segundos. Catalina já estava pronta, vestida com uns jeans apertados, um grosso suéter de gola virado e umas botas altas forradas com pelo de ovelha. No chão, havia uma mala enorme com uma jaqueta quente por cima e muito material de pintura. Um Milo obediente estava esperando ao lado dela, cercado por sua própria bagagem.

— Muito pontual. — Leopold olhou para ela com aprovação — Você avisou sua mãe da minha chegada?

— Sim. Telefonei-lhe esta manhã e disse que ficaria encantada de te receber.

— Perfeito. — Ele pegou a maioria dos pacotes e foi para o elevador enquanto ela seguia com Milo.

Colocaram o cachorro no porta-malas junto com o resto da bagagem e se sentaram na frente. Catarina olhou com dissimulação para o seu atraente vizinho, que nesse dia usava uma elegante jaqueta *sport*, e gostou do que viu; sabia que sua mãe também gostaria de Leopold, e só esperava que não lhe metessem ideias absurdas a respeito deles dois na cabeça.

A paisagem voou diante de seus olhos cobertos por uma espessa camada de neve que aumentava sua beleza serena. Felizmente, não havia mais vestígios de gelo no asfalto, então eles não tiveram problemas ao longo da viagem, o que foi mais agradável.

Catalina ficou surpresa ao encontrar seu vizinho tão animado. Leopold também ficou intrigado; de repente, ele ficou muito alegre por ter decidido acompanhá-la e ficou feliz por não ter que passar sozinho aquelas festas que sempre foram um pouco deprimentes. Só pararam uma vez para abastecer e tomar um café, e chegaram na casa de seus pais bem na hora do almoço.

Deviam ter ouvido o som do motor, pois quando Catalina e Leopold saíram do carro, um comitê de boas vindas, composto por seus pais e seus

três irmãos, os esperava na porta da casa para recebê-los.

Leopold notou que Catalina ficou muito rígida a seu lado e, surpreso, viu como, de repente, deu meia volta e saiu correndo pelo jardim nevado em direção contrária. A explicação veio rapidamente, na forma de três caras enormes que a perseguiam gritando como loucos. No final, um deles se lançou e a jogou no chão congelado, enquanto os outros dois jogaram punhados de neve pelo pescoço.

Embora Catalina estivesse gritando por socorro, seus pais assistiam a cena com diversão, então Leopold não se atreveu a intervir. Por fim, os homens julgaram que a tortura tinha durado o suficiente e ajudaram a sua pobre vizinha a ficar de pé.

— Vocês três me pagarão! — Catalina empunhou um punho diante de seus rostos, embora sua expressão sorridente contradissesse a ameaça.

Voltou junto a Leopold, com os cabelos desgrenhados e o rosto congestionado da corrida, e os apresentou.

— Leopold Gallagher, meus três horríveis irmãos mais velhos, Roberto, Richard y David. — Então ela o levou até a entrada da casa e o apresentou aos pais.

— Pai, mãe, este é Leopold Gallagher. Leo, meus pais Marisa e Martin.

Leopold apertou as mãos e agradeceu a gentileza de recebê-lo em casa quase sem aviso prévio.

— Não se preocupe Leo, posso te chamar assim? — Ele assentiu com um sorriso, e a mãe de Catalina continuou com um olhar de aprovação — Me chame de Marisa. Os amigos dos meus filhos são sempre bem-vindos.

Leopold ficou surpreso com o calor que irradiava de toda a família; possivelmente eram seus genes latinos que faziam que se mostrassem tão carinhosos uns com os outros, trocando continuamente beijos e abraços sem nenhum tipo de embaraço. Para ele, que provinha de uma família pouco dada à exibição de sentimentos em público, os Stapleton eram uma grande novidade. Agora entendia de onde vinha de sua vizinha essa necessidade de tocar e beijar todo o mundo.

A casa, uma antiga fazenda em estilo Tudor, com telhado de ardósia e paredes de estuque branco atadas com pedaços de carvalho escuro, era muito charmosa e, apesar de não ser muito espaçosa, era muito aconchegante. Catalina o acompanhou até um pequeno quarto com um teto inclinado e avisou que ele teria que compartilhar com ela o banheiro no final do corredor.

Quando terminou de desfazer as malas, Leopold foi até a sala como

Catalina indicara e a encontrou ali, sentada no colo do pai e abraçando o pescoço como se ainda fosse uma menina. Enquanto contemplava a terna cena, uma cálida sensação inundou seu corpo e, uma vez mais, ficou feliz por ter vindo.

Em seguida, Marisa anunciou que a comida estava pronta e todos se sentaram ao redor da grande mesa de madeira da sala de jantar. O almoço foi muito alegre. Os irmãos de Catalina a alfinetavam incessantemente, mas poderia se dizer que ela estava acostumada a esse tratamento e respondia com sagacidade, nunca ficando com raiva.

O Sr. Stapleton era professor e Leopold não teve dificuldade em encontrar tópicos de conversa para discutir com ele. Marisa, a mãe, era a alma da casa; estava preocupada em facilitar a vida do marido distraído, sem que ele percebesse e administrar seus filhos avassaladores. — Inclusive Catalina— com mão de ferro, embora se notasse que sentia adoração por todos eles. Leopold logo se sentiu um a mais e, em pouco tempo, a mesma Marisa o repreendia por não querer repetir pela terceira vez.

Após o almoço gigantesco, todos ajudaram a recolher as panelas. Mais tarde, os pais de Catalina foram tirar uma soneca e ela propôs dar um passeio para baixar a comida. Seus irmãos preferiram ficar em casa, mas Leo se prontificou encantado; ele se sentia terrivelmente pesado e queria conhecer os arredores da pitoresca fazenda. Assim, bem agasalhados e acompanhados por um entusiasta Milo, que desta vez não estava sujeito pela correia, saíram. Eles vagaram por um longo tempo pelos prados cobertos de neve sem mal falar, ouvindo no profundo silêncio que os cercava e o som de seus passos que, ao esmagar a neve, estalavam como um chicote.

— O campo é muito bonito nesta região.

— É mesmo. —Catalina assentiu com entusiasmo— Eu amo voltar para casa.

Leopold olhou para o rosto corado de frio, emoldurado pelo gorro e cachecol de lã de cores vivas, e ele também a achou adorável.

— Você passou sua infância aqui?

— Sim, eu cresci aqui. Adoro passear pelos prados, andar a cavalo, tomar banho na lagoa que fica a alguns metros mais à frente. — Apontou para a direita com uma mão — Como minha mãe diria, sempre fui seu quarto filho. Quando era pequena, era um menino de verdade.

— Ninguém que te visse agora acreditaria.

— Caramba, Leo — Ela olhou para ele com seus grandes olhos

castanhos sorridentes —, Eu acho que você acabou de me elogiar.

— Talvez — ele disse vagamente.

— Vamos apostar uma corrida, o primeiro a chegar naquele carvalho lá ganha! — ela gritou e saiu disparada.

Leopold reagiu em seguida e a perseguiu a toda velocidade, mas ela foi muito rápida e ele teve dificuldade em alcançá-la. Para detê-la antes que pudesse alcançar a meta, ele se jogou sobre ela e a cobriu como seu irmão havia feito, e mais uma vez Catalina se viu deitada enquanto estava no chão nevado. Leo a virou, subiu sobre ela e a imobilizou.

— E agora, o que? — ele perguntou, segurando os pulsos sobre a cabeça com uma mão e aproximando o rosto do dela.

Apesar de sua situação crítica, sua prisioneira ria com esse riso contagioso e Leopold não pôde evitar esboçar um sorriso.

— Está bem, você ganhou —disse sorridente.

— E minha recompensa? — Leopold olhou para as delicadas feições com intensidade.

— Não falamos de nenhuma recompensa, senhor Gallagher.

— Então eu mesmo vou escolher meu prêmio... — Ele inclinou a cabeça ainda mais, até que seus lábios estavam a apenas alguns centímetros da boca feminina.

Catalina se contorceu sob o corpo dele, mas suas vãs tentativas de se libertar só serviram para despertar em Leopold um ardor intenso.

— Não faça isso, Leo, lembre-se da maldição — sussurrou e o ar quente de sua respiração o roçou, deixando-o ainda mais excitado.

— Eu já te disse que sou um empresário pragmático, Catalina. Eu não acredito em maldições.

Com delicadeza, Leopold pousou os lábios sobre os dela sentindo o frescor de sua boca e, tal e como lhe tinha acontecido nas outras duas ocasiões em que a beijou, sua mente se desligou de repente. Percebendo a resposta inconfundível de Catalina, ele começou a beijá-la com uma ansiedade infinita. Por um momento, ele esqueceu completamente onde eles estavam e como chegaram lá; seu único pensamento coerente era que ele deveria fazê-la sua agora.

Deslizou a mão embaixo do suéter de Catalina, colocou-a em um dos seios firmes e notou satisfeito, que se encaixava perfeitamente na cavidade de sua mão. Ele sentiu o jeito que ela arqueou contra ele e sua paixão atingiu um ponto de ebulição. No entanto, logo depois ele sentiu os punhos enluvados

batendo em seus ombros e ele percebeu que não era que Catalina estivesse excitada, mas que estava lutando contra ele. Horrorizado, ele parou de beijá-la imediatamente e levantou a cabeça.

— Leo, para, por favor — suplicou, olhando-o e para ele, pareceu um olhar de puro terror.

— Sinto muito, Catalina, me perdoe — disse com voz rouca e se apressou a sair de cima dela, e a ajudou a levantar-se.

Catalina conseguiu ficar de pé apesar das pernas trêmulas. Por Deus, ela não entendia por que esse homem conseguiu excitá-la dessa maneira! Foi necessário um esforço sobre-humano para pedir que ele parasse, mas sabia que não deveria se deixar levar por seu corpo traidor.

— Não há nada a perdoar, Leo, mas não devemos deixar que isso aconteça novamente. Eu já te disse uma vez que você não beija mal, na verdade você beija muito bem, mas eu não quero ter um caso com um homem que está prestes a se casar. — Leopold abriu a boca para negar essa possibilidade, mas ela o interrompeu — É inútil negar. Sei que está chateado agora, mas quando recuperar o bom senso vai ficar feliz por eu tê-lo parado antes de fazer algo estúpido. Eu te considero um bom amigo, Leo, e acho que seria uma estupidez jogar fora algo tão incomum, para trocá-lo por um sexo sem importância.

Leopoldo recebeu aquelas palavras prudentes como um saco de pancada, uma série de golpes. Atordoadado, olhou os lábios femininos que acabavam de pronunciá-las, vermelhos e ligeiramente inchados, e desejou inclinar-se de novo sobre eles e beijá-los até que lhe suplicasse por misericórdia. Ele não entendia o que diabos havia de errado com ele. Nunca tinha perdido o controle assim antes; Se Catalina não o tivesse parado, ele teria feito amor com ela ali, naquele chão congelado.

Ele balançou a cabeça tentando recuperar a sanidade. Ela ainda acreditava que ia se casar com Alison, ele tinha que tirá-la do erro, mas, quase instantaneamente, se perguntou por que deveria fazê-lo; afinal, não pretendia ter um relacionamento sério com Catalina Stapleton, não é?

Os dois eram tão diferentes quanto a noite e o dia, e Catalina nem sequer pertencia ao tipo loiro curvilíneo pelo qual ele era atraído. Além disso, ele sabia que ela nunca entenderia seus intermináveis horários de trabalho ou suas contínuas viagens de negócios, e ele não podia arriscar apresentá-la a seus colegas; era capaz de largar a primeira frivolidade que lhe passava pela cabeça.

Não, Catalina Stapleton não era a mulher adequada para ele. Sua reação era normal dentro de uma ordem. Fazia quase quatro meses desde que dormiu com uma mulher, e essa energia enclausurada tinha que escapar para algum lugar. Um pouco mais calmo, sua voz voltou.

— Você está certa, Catalina. Eu vou me casar com Alison. Além disso, perdoe minha sinceridade, não é que eu esteja atraído por você, é apenas porque fui levado por um impulso estranho.

— Não diga mais nada! Agora eu entendo tudo — ela o interrompeu com uma expressão muito misteriosa.

— Sim? — perguntou hesitante; nem ele mesmo estava seguro de compreendê-lo de todo.

— É sobre o guisado da mamãe... — Fez-lhe um sinal para que baixasse a cabeça. intrigado, Leopold aproximou a orelha a seus lábios e Catalina sussurrou em seu ouvido —: Tem efeitos afrodisíacos.

Incapaz de se conter outro minuto, ela se contorceu de rir e ele a encarou com frieza desdenhosa. Catalina Stapleton era definitivamente imatura, disse a si mesmo. Levava tudo na brincadeira.

— Quando você se cansar de rir, é melhor voltarmos — ele disse muito rígido.

— Vamos, Leo — ela enganchou naturalmente no braço dele —, não fique nervoso. É muito melhor ter um amigo-vizinho do que um vizinho-bagunceiro-e-briguento, você não concorda?

— Claro — ele afirmou na tentativa de salvaguardar sua dignidade.

Se o episódio não tinha significado nada para ela, para ele tampouco. Ao longo de sua vida tinha beijado dezenas de mulheres, assim não tinha que lhe dar maior importância. Era verdade que beijar a srta. Stapleton fora especialmente agradável, mas, sem dúvida, como ela concluiu antes, isso se devia apenas aos longos meses de celibato.



Leopold não teve tempo de se aborrecer como tinha temido antes de sair de Londres. Todas as manhãs montavam a cavalo pelos arredores, e Catalina aproveitava para mostrar-lhe os lugares mais interessantes do condado. Às vezes os irmãos os acompanhavam e depois galopavam para ver quem era o

mais rápido, e intermináveis jogos de cartas aconteciam junto à lareira na sala de estar, da qual os Stapletons gostavam muito. Leopold ajudou Marisa a preparar o peru de Natal e, assim que terminaram de comer, receberam aplausos calorosos do resto dos presentes.

O único momento tenso durante sua estadia na fazenda ocorreu na mesma manhã de Natal. Depois de tomar um banho quente, Leopold estava saindo do banheiro com uma toalha enrolada nos quadris quando cruzou com Catalina que estava indo para lá, sonolenta. A jovem, coberta apenas com um pijama minúsculo, cujos shorts expunham suas longas pernas, atingiu o enorme tronco masculino e ele não teve outra escolha senão segurá-la com força pelos braços para impedir que ela caísse.

— Perdão.

Leopold contemplou o rosto adormecido, ainda corado pelo sono, erguido para ele, o brilhante cabelo revolto, e o peito feminino, que subia e descia agitado pelo choque, e teve que usar toda a sua força de vontade para não pressioná-la contra ele e beijá-la como a tinha beijado naquele dia na neve.

Sem dizer nada, ele a soltou lentamente e a observou entrar no banheiro e fechar a porta atrás dela. Enquanto andava descalço pelos poucos metros que o separavam do quarto, Leopold prometeu a si mesmo que, assim que voltasse a Londres, encontraria uma companhia adequada para apagar o fogo que ardia dentro dele.



Os dias de férias chegaram ao fim e eles foram forçados a voltar à cidade. Leopold se despediu de todos, especialmente agradecendo a Marisa por sua hospitalidade e por quão gentil ela tinha sido com ele.

— Volte sempre que quiser, Leopold, você foi o melhor hóspede que Cat já trouxe.

— Isso é verdade — disse Roberto, o irmão mais velho, colocando um braço em volta dos ombros de Catalina — Minha querida irmãzinha gosta muito de trazer aqui qualquer coitado que ela encontrar no caminho. Você se lembra quando apareceu com o inefável Henry?

— Não me lembre. — A mãe de Cat colocou a mão na testa, oprimida

— Ele era vegetariano e não podia comer nada que tivesse sido, mesmo remotamente, parte de um animal. Naquele ano, tive que fazer um peru de Natal sem um peru. Imagine.

— E o que me diz do Ringo? — Richard interveio apesar dos protestos de sua irmã — Ainda há uma mancha no teto da sala de quando decidi encher a casa de velas, para recuperar o espírito dos Natais passados. Pete, meu amigo bombeiro, ainda me culpa por perder o pudim por ter vindo apagar o fogo da cortina.

Leopold jogou a cabeça para trás e riu alto. A família Stapleton era carinhosa e com eles tinha passado os melhores Natais faz anos. Quando terminaram as despedidas, subiram no carro e partiram.

— Eu me diverti muito, Catalina.

— Fico feliz.

— Sua família é maravilhosa, eu raramente encontro pessoas tão agradáveis.

— Muito obrigada, Leo, eles gostaram de você também.

Por um tempo, eles continuaram viajando em silêncio, até Leopold, que estava girando um certo assunto em sua cabeça por vários minutos, de repente o quebrou:

— Então eu sou mais uma de suas obras de caridade... — Ele olhou de soslaio para ela. Irritou-o que ela o colocasse no mesmo saco que qualquer um de seus amigos patéticos.

— Não dê ouvidos a eles, Leo. Eles também eram caras legais.

— Eu acho que você tem um coração muito terno.

Catalina olhou para ele como se tivesse adivinhado seus pensamentos.

— Você não é uma obra de caridade, Leo, você é um cara de sucesso, bonito e engraçado, é apenas... — Se interrompeu, mordendo o lábio inferior.

— Só que? — Desta vez, ele não estava disposto a deixá-la escapar.

— Desde que te conheci, pensei que você não era feliz — Catalina soltou quase sem fôlego e ficou esperando.

Ele franziu a testa, surpreso.

— Por que não deveria ser feliz? Tenho tudo o que poderia desejar.

— Você acha? — Ela olhou para ele com os olhos afetuosos e Leopold pensou ter detectado uma pitada de piedade. Como se atrevia a sentir pena dele?

Catalina notou as costas de Leopold enrijecerem enquanto as íris

cinzentas ficavam mais e mais frias, e imaginou que mais uma vez o vizinho se apressava para reforçar as defesas inexpugnáveis ao seu redor. As mãos masculinas apertavam com força o volante; era evidente que estava muito zangado, mas ela sabia que não o demonstraria. Sua boa educação era mais grossa que a pele de um elefante e poucas coisas podia atravessá-la. Ela suspirou arrependida; não deveria ter dito nada.

Leopold continuou dirigindo em silêncio até chegarem a Londres e quando ele deixou Catalina e Milo em frente à porta de seu apartamento, ele apenas disse:

— Boa noite.

— Por favor, Leo, não fique bravo comigo.

Catalina levantou a mão e acariciou sua bochecha. Para o vizinho, parecia o tipo de carícia que também dedicaria a um cachorro sarnento e se afastou de sua mão como se queimasse.

— Não estou zangado. — mentiu muito digno — Boa noite, Catalina.

— Boa noite, Leo.

Capítulo 11

Nas semanas que se seguiram, Leopold cumpriu sua promessa e participou de todos os eventos, jantares e compromissos sociais para os quais foi convidado. Conheceu muitas mulheres, mas em todas encontrava algo que lhe desagradava: uma era muito séria, outra muito baixa, muito barulhenta, muito agradável. Harry estava desesperado com ele e anunciou que, se continuasse assim, teria que encomendar o famoso herdeiro do império Gallagher em um laboratório.

Leopold estava esgotado; seu ritmo de trabalho seguia sendo o mesmo e, com tantas saídas, mal dormia. Já não tinha tempo para correr nem para jogar xadrez, assim que não tinha voltado a ver a sua vizinha. Nem falta lhe fazia, disse a si mesmo.

Às vezes, quando chegava ao apartamento, imaculado e silencioso, ficava surpreso ao pensar que era tão aconchegante quanto a sala de operações de um hospital. Ultimamente, ele estava sempre de mau humor e descontava injustamente em pessoas inocentes, o que o fazia se sentir ainda pior. Uma intensa insatisfação parecia comê-lo o tempo todo e, apesar de repetir para si mesmo que era uma pessoa completamente feliz, amaldiçoou Catalina Stapleton, a quem considerava responsável por seu estado de espírito miserável.

— Você não pode continuar assim, Leopold — seu amigo Harry disse um dia a ele ao observar as olheiras profundas e a palidez de seu rosto.

— Assim como?

— Vai acabar lhe dando um ataque cardíaco. Vamos lá, confesse imediatamente, o que está acontecendo? É sua mãe? Ela ainda te incomoda com sua mesquinharia?

— Minha mãe não tem nada a ver com isso. Não seja idiota, Harry, não há nada errado comigo.

Harry deixou passar por um momento, mas assim que chegou em casa,

comentou com a esposa.

— Aposto meu pescoço que é uma mulher — Lisa disse, muito convencida.

— Bobagem. Eu o apresentei a todas as mulheres solteiras gostosas de Londres, e ele não gostou de nenhuma.

— Isso só demonstra que não se trata de uma dessas estúpidas loiras peitudas que insiste em lhe procurar — respondeu sua mulher com desdém.

— Mas, então quem? Leopold não tem tempo material para conhecer outras mulheres.

— Isso é verdade. — O rosto de Lisa refletia certa perplexidade.



Enquanto isso, Catalina continuou sua vida como sempre. Sentia falta dos jogos de xadrez e das conversas interessantes, mas sabia que, se não quisesse vê-la, não havia nada a fazer. Sabia que Leopold era um homem extremamente orgulhoso e que ela o havia atingido onde mais doía. Suspirou com alguma tristeza; lamentava ter perdido um amigo, mas esperava que, a longo prazo, tudo isso beneficiasse seu vizinho.

As coisas teriam continuado assim para sempre se um dia Leopold não estivesse em uma situação um tanto peculiar. Tinha recebido um convite para participar de um jantar de gala de caridade à qual compareceriam os melhores da alta sociedade de Londres, organizada por um poderoso empresário com quem estava interessado em fechar uma operação muito importante.

Era suposto as pessoas irem com uma acompanhante a esse tipo de noites, mas naquele momento Leopold não tinha nenhuma. Ele sabia que qualquer uma das mulheres a quem Harry o apresentara daria qualquer coisa a ele; não porque ele era um cara irresistível — não tinha ilusões sobre isso também —, mas era rico, de boa família e a festa de gala prometia converter-se no evento social do ano. No entanto, como não queria ir com nenhuma delas, decidiu resolver o orgulho e perguntar a vizinha; pelo menos ela não entenderia mal as intenções dele.

Sem se dar tempo para se arrepender, pôs-se diante da porta do apartamento de sua vizinha e tocar à campainha. Teve que tocar mais duas vezes até que a porta se abriu e uma Catalina com o rosto e as mãos cobertas

de tinta, o cabelo em um coque desgrenhado e os jeans velhos cobertos pelo decrépito roupão cheio de manchas, ficou olhando, pasmada.

— Leo!

— Olá Catalina, vim pedir um favor — ele disse como se tivessem se encontrado no dia anterior.

— Entre. Eu estava pintando, mas acabei de terminar e estava prestes a jantar, você quer se juntar a mim?

Leopold entrou na aconchegante sala de estar onde um fogo crepitava alegremente na lareira. Milo estava cochilando nas proximidades e mal levantou a cabeça quando entrou. Como sempre, havia flores frescas em um imenso vaso de vidro e alguns objetos, aqui e ali, que imediatamente fizeram o visitante perceber que a casa era habitada.

— Você está cheia de tinta. — Sem conseguir evitá-lo, ele estendeu a mão e, com o polegar, tentou remover uma mancha azul índigo que adornava a mandíbula feminina, mas a tinta estava seca e a única coisa que conseguiu foi que seu dedo lhe fizesse cócegas durante um bom tempo. Apesar de sua aparência desgrenhada, Leopold achou que ela estava linda. Ele não sabia o que era, mas havia algo no rosto dela que o relaxava.

— Se quiser posso preparar algo rápido enquanto se limpa um pouco.

— Ótimo, Leo, prometo que não vou demorar. — Ela deu um sorriso que o deixou sem fôlego.

Leopold se dirigiu à cozinha e abriu a geladeira; dentro não havia grande coisa, mas ao fundo descobriu um pouco de alface, um par de tomates, presunto e queijo e, depois de fazer uma maionese caseira, preparou uns sanduíches. Para beber, só tinha água ou Coca-Cola, então ele pegou duas latas, encheu alguns copos com gelo e os colocou na bandeja. Levou tudo para a sala e, em alguns minutos, Catalina apareceu.

Tinha trocado o jeans por outro um pouco mais novo, usava um suéter de colarinho alto preto e só calçava umas grossas meias de lã. O cabelo, depois de uma importante escovação, tinha sido recolhido em um rabo de cavalo e seu rosto, sem deixar vestígios de maquiagem e já sem tinta, parecia liso e perfeito. Catalina sentou-se de pernas cruzadas no sofá e parecia absurdamente jovem para Leo. Ele entregou a ela um dos sanduíches e um prato e serviu a coca em um copo que ele deixou ao alcance da mesa de centro. Ela atacou o sanduíche e deu uma boa mordida. Com a boca cheia disse:

— Hmm, delicioso.

Leopold sorriu para ela, ciente de quanto sentira sua falta; Apesar de sua impertinência e tom extrovertido, ele gostava de estar com ela. Ele começou a comer seu sanduíche deu os parabéns a si mesmo, estava muito bom. Quando terminaram de jantar, sua vizinha encostou a cabeça no encosto do sofá e fechou as pálpebras como se estivesse cansada.

— Qual é o favor que você queria me pedir?

— Preciso de um par para ir a um baile.

Os olhos de Catalina se abriram e ela o encarou, incrédula.

— Está brincando!

— Absolutamente não, preciso de uma acompanhante para participar da gala de caridade Health4U.

— Você está brincando comigo! A maioria das mulheres mataria para ser convidada para a festa de gala. E que aconteceu com a Alison? Vocês brigaram?

— Digamos que a coisa mais segura é que Alison acompanhe um dos meus rivais mais odiados.

— Entendo. — Ele lhe deu um sorriso travesso — Então você quer deixar a bela Alison com ciúmes...

— Não exatamente. — No entanto, ele não se importava que Catalina acreditasse que esse era seu verdadeiro motivo. Na realidade, não sabia qual era o verdadeiro motivo pelo qual tinha decidido pedir a sua vizinha que o acompanhasse, mas, por enquanto, preferia não pensar nisso.

— Então posso contar com você?

— Não perderia por nada nesse mundo! — ela respondeu com entusiasmo.

— Quanto ao vestido, eu pagarei por ele. Você não precisa gastar seu dinheiro.

— Não se preocupe com isso, Leo. Minha amiga Fiona tem uma boutique de roupas de segunda mão e nós duas certamente encontraremos algo.

Ele olhou para ela com dúvida, mas decidiu não dizer nada.

— Perfeito. Então, na sexta-feira passarei pegá-la às nove.



Na sexta-feira às nove horas, Leopold tocou a campainha do apartamento da vizinha. A porta se abriu e ele ficou imóvel no limiar, incapaz de pronunciar uma palavra.

Catalina usava um elegante vestido vermelho, que combinava com sua figura esbelta como uma luva de látex e realçava o tom cremoso de sua pele. Algumas mechas onduladas e sedosas escaparam, reunidas em um coque alto. Um decote profundo deixava as costas completamente abertas e, em um dos lados do vestido, a fenda sedutora, que chegava ao meio da coxa, permitia vislumbrar uma de suas maravilhosas pernas. Os saltos das sandálias eram de dez centímetros e, com eles postos, a testa de Cat quase chegava até seu nariz. Leopold percebeu que continuava a contemplá-la com a boca aberta e a fechou de repente, tratando de reunir de novo seu julgamento disperso.

— Está maravilhosa — finalmente conseguiu articular.

Os convidativos lábios femininos, pintados em um tom discreto, delinearam um sorriso satisfeito.

— Muito obrigada, Leo, você também não está nada mal. — Catalina varreu seu olhar sobre a figura distinta, vestindo um elegante smoking preto. — Hoje à noite a bela Alison vai morrer de inveja.

Leopold notou o brilho malicioso em seus olhos e sentiu um pouco de pena da pobre Alison.

— Permita-me. — Ele pegou o casaco que ela tinha pendurado no braço e a ajudou a vestir.

A combinação do perfume suave de Catalina com o aroma exalado pela pele fez com que, mais uma vez, as narinas de Leopold se expandissem e ele foi forçado a engolir saliva. Tentando conter os pensamentos inadequados que giravam em sua cabeça, ele descansou levemente uma de suas mãos fortes na cintura dela e a levou em direção à porta.

Durante o trajeto de carro, Leopold mal conseguia tirar os olhos da mulher que estava conversando com ele tão animada como de costume e teve que respirar fundo algumas vezes, numa tentativa desesperada de recuperar a calma. Ao chegar à entrada do palácio iluminado onde o evento aconteceria, os flashes dos paparazzi brilharam incansavelmente, e Leopold sabia que a foto de ambos apareceria no dia seguinte na seção social de todos os jornais.

Finalmente, eles conseguiram chegar ao topo da escada onde o anfitrião recebia os convidados. O empresário os recebeu cordialmente e os convidou a entrar no salão, decorados com uma profusão de flores e velas. Leopold notou que os homens não tiravam os olhos de Catalina, enquanto as mulheres

a examinavam de cima a baixo com curiosidade e sentia uma mistura de irritação e orgulho por levar essa mulher pelo braço. Vários conhecidos o procuraram, forçando-o a fazer novas apresentações, e Catalina era natural e amigável com todos eles.

— Olha quem está aqui. Leo e sua encantadora vizinha.

A voz aguda de Alison o assustou um pouco, mas ele escondeu bem.

— Olá, Alison. Stuart. Querida, já conhece Alison, este é Brad Stuart. Stuart, esta é Catalina Stapleton. — Brad levou a mão de Catalina aos lábios, sem tentar esconder o olhar libidinoso com o qual percorreu seu corpo.

— Uau, Gallagher! Você certamente tem um bom olho para a beleza.

Se olhares pudessem matar, Brad Stuart teria entrado em colapso logo depois de receber o que Alison lançou contra ele, carregado com uma dose letal de veneno.

— Acho que estamos na mesma mesa, querido. — Alison sorriu para Leopold de uma maneira tão insinuante que Catalina quis arrancar seus grossos lábios pintados de vermelho, jogá-los no chão e pisar neles com os saltos afiados de suas sandálias.

— Vou mostrar a Catalina tudo isto. Logo nos vemos.

— Eu não sei como você pode ter ciúmes de Brad — Catalina disse que quando eles estavam a uma distância segura do casal — É um homem BAH.

— BAH? Não é TOP? — Seu acompanhante levantou uma sobrancelha com curiosidade.

— Não, é BAH. Barrigudo, arrogante e hipócrita.

Leopold escondeu um sorriso e disse muito sério:

— Acho que acertou em cheio o retrato psicológico.

— Sério? — Catalina deu um sorriso presunçoso.

— Mas, para sua informação, direi que não tenho ciúmes dele. Alison não significa nada para mim.

— Querido Leo, você não precisa fingir comigo, mas hoje à noite Alison se arrependerá com toda a alma por ter deixado você escapar...



Catherine achou o jantar tremendamente interessante e revelador, e concluiu que os ricos e poderosos eram tão previsíveis e chorosos quanto os

não-ricos e zero-poderosos; até gostou das provocações sorrateiras que Alison lhe lançava assim que tinha uma oportunidade. Não lhe escaparam os olhares sedutores que sua rival disparava sem pausa sobre seu vizinho e notou, satisfeita, que ele parecia ser imune a eles.

Leopold a observava conversar com seus acompanhantes de mesa e defender-se com habilidade das más intensões de Alison. Ao lado de Catalina estava o anfitrião, o homem que tinha que convencer a fechar uma série de acordos, e durante a maior parte do jantar os dois conversaram animadamente. Leopold, que o conhecia bem e sabia que ele era um cara amargo e desagradável, viu com espanto como, duas vezes, ele ria alto de algo que ela lhe dizia. Catalina estava se transformando em uma verdadeira caixa surpresa e estava feliz por ter vindo com ela; Ter uma amiga poderia ser muito útil às vezes, disse a si mesmo.

Quando o jantar terminou, a orquestra começou a tocar. Ele se aproximou de Catalina e, naquele momento, seu anfitrião se levantou para dançar com sua esposa.

— Bem, Gallagher. Não me lembro de um evento em que me diverti tanto. Você tem que trazer Cat com frequência, ela é uma diabinha. — O empresário beliscou suavemente o queixo da garota antes de sair com a esposa em direção à pista de dança, e Leopold aproveitou a oportunidade para se sentar na cadeira vaga.

— Você está se divertindo?

— Maravilhosamente. Agradeço por me convidar. Fiona ficou com inveja quando eu disse a ela. — Mais uma vez, seu maravilhoso sorriso o deslumbrou.

— Seu vestido é muito bonito. — Ele tentou não devorá-la com os olhos.

— Obrigado, é um modelo Valentino. Fiona tem verdadeiras maravilhas em sua loja.

— Todos os homens me invejam — afirmou muito sério.

Ela sorriu para ele e respondeu da mesma maneira:

— As mulheres querem arranhar meu rosto por estar com você; especialmente a bela Alison.

— Você se defendeu muito bem dos seus ataques.

— Não é a primeira mulher desprezada que enfrento. — Nesse momento, a orquestra começou a tocar as primeiras notas de uma música lenta.

— Dança Comigo?

— Encantada.

Se levantou e Leopold colocou os braços em volta da cintura. Catalina apoiou as mãos nos largos ombros masculinos e olhou para ele com os olhos castanhos aveludados.

— Christopher gostou de você. — Leopold tentou se concentrar em algo que não fosse o calor dessa pele, que atravessava o fino tecido do vestido e lhe queimava as pontas dos dedos.

— Chris? É um homem encantador.

— Quanta confiança, também decidiu encurtar o nome dele? — Ele se sentiu estranhamente irritado.

— Ele mesmo me pediu.

Leopold franziu a testa, atordoado.

— Pediu para você chamá-lo de Chris? Eu não posso acreditar, Christopher Harrison é o cara mais esnobe e antipático que conheço.

— Eu acho que você está errado, Leo — ela disse seriamente —, não só ri muito com ele durante o jantar, mas prometeu fazer uma grande doação para a escola onde trabalho. Como pode entender, não acredito que é verdade que odeia o resto da humanidade.

— Você é incrível, não vi nada igual.

— Imagino que seja um elogio, não, querido Leo? — Catalina levantou uma sobrancelha, zombando.

— Não tenho certeza — ele respondeu severamente.

— Seria conveniente para você mudar de cara. — deu um sorriso tão insinuante que Leopold esqueceu de respirar por alguns segundos. — A bela Alison está nos olhando.

— De verdade? Então é melhor você fazer isso. — O vizinho a pressionou ainda mais, até Catalina sentir cada um dos músculos poderosos contra sua pele. Então ele se inclinou e a beijou gentilmente na testa.

— Caramba, Leo, não sabia que você era um ator tão bom.

— Ah, não? — ele murmurou e deslizou os dedos quentes lentamente pelas costas nuas, fazendo Catalina querer ronronar.

Preso no papel, ela se recostou no ombro masculino e fechou os olhos. Leopold descansou a bochecha no cabelo e teve que se conter de enterrar o rosto na cavidade do pescoço e morder a pele cremosa que parecia hipnotizá-lo. Durante o tempo em que a música durou, ambos perderam a noção do tempo e, abraçados, deslizaram pela pista ao ritmo cadencioso da melodia. Quando as últimas notas desapareceram, demorou alguns segundos para eles

se separarem. Finalmente, Catalina levantou o rosto para ele, piscando lentamente como se estivesse acordando de um sonho.

— Acho que devemos ter cuidado com essas manobras para deixar Alison com ciúmes, querido Leo, poderiam se tornar viciantes. — Sua voz era um sussurro rouco.

Ele apenas a encarou atentamente e não disse nada. Catalina sentiu que algo havia mudado entre eles e, a partir desse momento, o percebeu tenso durante o resto da noite. Apesar de o vizinho estar ao seu lado a maior parte da noite e conversarem amigavelmente com todos que se aproximavam, percebeu que havia levantado uma nova barreira entre eles. Muitos homens vieram para levá-la para a pista de dança, mas Leopold não dançou com ela novamente a noite toda.

Quando, finalmente, seu vizinho disse-lhe boa noite do lado de fora da porta de sua casa, Catalina virou-se para ele e agradeceu:

— Eu me diverti muito, Leo. Foi uma festa esplêndida.

— Fico feliz que tenha gostado, Catalina — respondeu rigidamente.

— Algo está errado? Eu disse outra vez alguma coisa que te desagradou?

— Ele fixou seus olhos nos afetuosos olhos castanhos dela.

— Claro que não! — Leopold deu um sorriso pouco sincero — Senhorita Catalina Stapleton, você foi perfeita a noite toda.

Ela o encarou por alguns segundos sem dizer nada. Finalmente, ficou na ponta dos pés, beijou-o na bochecha e se despediu.

— Boa noite, Leo.

Assim que Catalina fechou a porta, seu vizinho se permitiu afrouxar os punhos que haviam sido pressionados contra suas coxas nos últimos minutos; foi a única coisa que lhe ocorreu para evitar agarrá-la, segurá-la contra ele e beijá-la até que ela estivesse sem fôlego.

Lentamente, ele foi para o apartamento. Assim que entrou, jogou o blazer de smoking em uma poltrona, afrouxou a gravata e abriu os primeiros botões de sua camisa, como se ao fazê-lo, sua respiração recuperasse seu ritmo calmo habitual, mas não aconteceu dessa maneira. Estava ofegando como se tivesse acabado de correr uma maratona.

“Não pode ser” disse a si mesmo, passando a mão pelos cabelos grisalhos curtos em um gesto desesperado.

Soube quando a música que dançaram juntos terminou e Catalina levantou o rosto para ele. Olhando para aqueles olhos castanhos que pareciam acariciar quando o olhavam, ele percebeu que, pela primeira vez em sua vida,

havia se apaixonado loucamente por uma mulher.

“É impossível”, repetiu para si mesmo, levantando-se do sofá e andando pela sala como um tigre enjaulado. “Essa mulher me deixa louco a maior parte do tempo, constantemente ri de mim, é atrevida e impertinente, pertencemos a mundos diferentes...”.

Pensou nas sensações contraditórias que se reuniram em seu peito enquanto dançavam juntos, com a cabeça dela apoiada no ombro dele. Ele queria fazer amor com ela ali mesmo, mas ao mesmo tempo, queria abraçá-la; protegê-la de tudo e de todos, como se toda a ternura que não sabia que tinha por dentro lutasse para transbordar. Queria que ela só tivesse olhos para ele, que fosse só sua. Ninguém produziu esse efeito nele. Nunca.

“Bobagem. Não é amor, é apenas desejo. A excitação causada por sua mera presença pode desaparecer se formos para a cama. Sim”, continuou com seu monólogo interior, “Tenho que ir para a cama com ela, uma vez, algumas vezes, as que são necessárias para apagar esse fogo que atormenta meu interior. Então posso esquecê-la e continuar com minha vida como era antes de conhecê-la”.

Leopold sempre se orgulhara de exercer controle rígido sobre suas emoções e não estava disposto a fazer com que uma vizinha insolente mudasse isso. Nas vezes em que ele a beijara, ela estava bastante disposta, embora depois se afastasse. Tinha dito algo sobre não querer se envolver com ninguém, mas jogar uma pequena vara no ar não importava. Ele faria tudo ao seu alcance para convencê-la. Quanto mais cedo dormisse com ela, mais cedo ele a tiraria da cabeça.

Mais calmo depois dessas reflexões, Leopold foi para o quarto, jogou-se de costas na cama e, com os braços cruzados atrás da nuca, ergueu os olhos para contemplar a pintura que havia comprado na galeria de Diego Torres. Ele amava aquela pintura; Isso lhe dava uma serenidade que precisava urgentemente ultimamente, mas não era porque seus olhos com faíscas douradas eram os mesmos que os da vizinha ou porque algo na pintura refletia sua vitalidade. Não. Não era por isso. O garoto era talentoso.

Nada mais.

Capítulo 12

Nos dias que se seguiram, Leopold mal conseguiu se concentrar em seu trabalho. Quando alguém lhe dizia algo, demorava um momento para processá-lo e ele nem sempre dava a resposta apropriada. Sua secretária, uma mulher de meia-idade, que trabalhava com ele há mais de quinze anos, olhou-o com preocupação e teve que assegurar-lhe em várias ocasiões que nada estava errado com ele.

Toda a sua ansiedade estava concentrada em encontrar uma estratégia que lhe permitisse levar a vizinha para a cama. Assim que decidiu um plano, abandonava e projetava outro com detalhes ainda mais elaborados. O assunto estava se tornando uma obsessão e ele sentia que estava correndo o risco de enlouquecer.

Algumas semanas depois, ele decidiu levá-la para jantar em um dos restaurantes da moda de Londres, onde a lista de espera não passava de três meses. Graças a seus contatos, ele conseguiu uma mesa para duas pessoas na mesma noite e foi contar a vizinha sobre isso. Ele tocou a campainha uma vez, duas vezes... cinco vezes, até ficar claro que Catalina não estava em casa. Frustrado, ele voltou ao seu apartamento e, naquele exato momento, o telefone tocou.

— Olá?

— Leo... Leo? — reconheceu a voz da vizinha, mas parecia estar vindo de muito longe e tinha um desagradável ruído de fundo.

— Catalina? Pode falar, estou escutando.

— Preciso que me faça um favor, Leo.

— Um favor?

— Eu preciso que você leve Milo para passear, não sei a que horas chegarei hoje à noite.

— Onde você está? — Ele não pôde deixar de perguntar, mas a voz de Catalina parou de ser ouvida por alguns segundos e ele não entendeu a

resposta.

— ...a chave está atrás do extintor nas escadas — ela continuou dizendo quando a comunicação se recuperou.

— Está bem, Catalina, não se preocupe, agora mesmo vou levá-lo.

— Obrigada, Leo! Sabia que podia contar con... — Nesse momento, a conversa foi completamente interrompida.

— Demônios! — Leopold estava preocupado; teve a sensação de que algo estava perturbando sua vizinha.

Saiu novamente, pegou as chaves e entrou no apartamento de Catalina. Por um momento, sentiu-se tentado em ir ao estúdio para examinar o restante de suas pinturas, mas resistiu à vontade; fazer algo assim seria como ler seu diário, ele disse a si mesmo.

— Olá, Milo — respondeu à saudação impetuosa do enorme animal.

Ele encontrou a correia, colocou-a e em seguida estavam na rua, onde fizeram uma longa caminhada pelas docas. Quando voltaram, Catalina ainda não havia retornado. Leopold deu ao cão sua ração e ficou sentado na cadeira por um tempo folheando um livro de pintura. Por volta das dez, ele decidiu ir para casa. Preparou o jantar, mas não ligou a televisão, aguardando a volta da vizinha. Era quase meia-noite quando ouviu o elevador parar no andar. Rapidamente, ele saiu e viu sua vizinha tentando girar a chave na fechadura sem sucesso. Por um momento, ele pensou que tinha bebido, mas quando Catalina se virou para ele e viu as sombras escuras sob seus olhos, percebeu que estava realmente exausta. Instantaneamente, todos os seus planos de sedução foram apagados de sua mente.

— Catalina, o que aconteceu? — foi até ela, afastou-a gentilmente e girou a chave.

— Boa noite, Leo, obrigada por cuidar de Milo. — Tentou sorrir com os lábios trêmulos, mas era óbvio que o esforço era grande demais.

— Já jantou? — Leopold entrou atrás dela.

— Não, mas não poderia comer qualquer coisa.

— Vou te aquecer um pouco de leite. — Determinado, ele foi para a cozinha.

Sem forças para argumentar, Catalina desabou no sofá. Depois de alguns minutos, seu vizinho voltou com uma bandeja com um copo de leite e alguns biscoitos, sentou-se ao lado dela no sofá e estendeu o copo. Ela tomou alguns goles e colocou de volta na mesa.

— Eu estava preocupado com você.

— Como você pode ver, não aconteceu comigo — Catalina ficou em silêncio por alguns segundos e depois continuou — É sobre Rachel...

Seus lábios começaram a tremer novamente, e Leopold lembrou-se da garota com síndrome de Down que conhecera no dia da exposição.

— O que aconteceu? — Ele se aproximou dela e a abraçou, forçando-a a descansar a cabeça na cavidade do braço dele.

— Estávamos pintando na sala de aula e, de repente, ela caiu no chão, fulminada. Eu chamei a emergência. Eles imediatamente enviaram uma ambulância e eu a acompanhei ao hospital. Por horas, eles fizeram praticamente tudo, mas... — Catalina, que até aquele momento havia relatado os eventos em tom monótono, entrou em colapso. Ela enterrou a cabeça no peito masculino e começou a chorar inconsolavelmente. Leopold apertou-a com mais força, sentindo-se impotente.

— Ela morreu... Quando... sua mãe chegou, eu tive... que dar as notícias. — Soluçando contra a camisa masculina — Oh, Leo, foi tão horrível...

Ele apenas acariciou seus cabelos e suas costas com um toque tranquilizador, e a deixou chorar até que a camisa dele estivesse encharcada. Depois de alguns minutos, as lágrimas pararam de fluir e apenas um estremecimento isolado sacudia o corpo esbelto de vez em quando. Finalmente, Catalina levantou o rosto quebrado para ele.

— Muito obrigada, Leo. Eu precisava contar para alguém.

— Não me agradeça, Catalina — Leopold enxugou as lágrimas com as pontas dos polegares.

Ela tentou se levantar, mas seus joelhos estavam tão frouxos que ela foi forçada a se deixar cair novamente no sofá. Seu vizinho levantou-se, pegou-a como se ela não pesasse nada e seguiu para o quarto. Gentilmente, ele a deitou na cama e a ajudou a remover a jaqueta e as botas que ela estava vestindo.

— Realmente, Leo, não há necessidade...

— Você fez o mesmo por mim, lembra? Só te devolvo o favor.

Catalina sorriu levemente e pegou o pijama que seu vizinho estendeu para ela.

— Vista-o e voltarei para te cobrir — ele disse ternamente antes de sair do quarto.

Ao retornar, Catalina estava esticada na cama larga do tio, com os lençóis puxados até o queixo. Leopold sentou-se ao lado dela no colchão e pegou-lhe a mão.

—Você se sente um pouco melhor?

— Um pouco, mas acho que não conseguirei pregar o olho esta noite.

Leopold examinou o rosto exausto.

— Deixe comigo. Feche os olhos e tente relaxar.

Obedientemente, Catalina fechou as pálpebras e instantaneamente sentiu os dedos masculinos, leves como o toque de uma cílio, deslizando pelo arco das sobrancelhas, delineando o septo nasal, traçando o contorno dos olhos, as maçãs do rosto, a linha do rosto, sua mandíbula e, sem perceber, seus músculos tensos começaram a relaxar até que, finalmente, a fadiga e o estresse acumulados tomaram seu preço e ela adormeceu profundamente.

Leopold afastou uma mecha macia do rosto pálido e olhou para a figura exausta. Incapaz de se conter, ele inclinou a cabeça e apoiou a boca nos delicados lábios femininos; Catalina nem se mexeu. Com esforço, ele se afastou dela, dobrou os lençóis um pouco e saiu do quarto.



Catalina abriu os olhos e se perguntou por que ela sentia como se o peso do universo estivesse sobre seus ombros. Imediatamente se lembrou do que havia acontecido na noite anterior e foi tomada por tanta tristeza que queria fechá-los novamente, cobrir a cabeça com os lençóis e nunca mais sair da cama, mas, naquele momento, ouviu a porta do quarto abrir e seu vizinho entrou com uma bandeja.

— Café e croissants — ele anunciou, aproximando-se da cama.

Catalina sentou-se e encostou as costas na cabeceira da cama.

— Você esteve aqui a noite toda? — Leopold, recém barbeado e vestido com um elegante terno escuro, camisa clara e uma bela gravata de seda, parecia imbatível.

— Não, eu fui para casa. Mas achei que seria uma boa ideia fazer o café da manhã antes de ir para o escritório. Você não jantou ontem. — Ele gentilmente colocou a bandeja nas suas coxas.

O delicioso aroma do café recém-feito assaltou o nariz de Catalina e a visão do croissant à chapa untado com manteiga e geleia fez que começasse a salivar.

— Não sei como te agradecer Leo — disse, depois de engolir um pedaço

do delicioso bolo — Tenho que confessar que me enganei completamente com você.

— Ah, sim? — O vizinho sentou-se ao lado do colchão e olhou para os cabelos despenteados e para o rosto encantador que retornara à sua cor habitual.

— Uhum. — Catalina assentiu, pois novamente sua boca estava cheia. Leopold olhou para ela divertido.

— E como você achou que era? Estou curioso.

— Eu pensei que você era um cara frio, insensível, completamente indiferente aos problemas que as pessoas ao seu redor pudessem ter.

— Uma imagem linda — ele afirmou, enquanto afastava com os longos dedos uma longa mecha de cabelo castanho que deslizou sobre a testa de Catalina e o colocou atrás de uma das delicadas orelhas.

— Mas já te disse que estava completamente errada. — Catalina deu um gole no café — Você é um homem amável, cortês, encantador, e acima de tudo, cozinha divinamente...

— Fico feliz que já não me considere um ogro — disse com ironia.

— Não, de forma alguma. — Catalina apoiou a palma sobre o dorso da mão do homem, que descansava sobre os lençóis e o olhou com uma expressão tão terna que começou a faltar o ar a Leopold — Obrigada, Leo, não sei como seria minha noite se você não estivesse aqui.

— É melhor não sermos sentimentais. — Ele retirou a mão de uma vez e levantou-se rapidamente. Se não saísse daquele quarto imediatamente, sabia que se lançaria sobre ela e faria amor como sonhava há dias. Com nada em sua expressão severa traindo a agitação de seu espírito, ele pegou a bandeja vazia e se preparou para levá-la à cozinha.

— Tenho que ir trabalhar.

— Chegue mais perto, por favor.

De má vontade, Leopold se aproximou de novo da cama.

— Eu preciso que você se abaixe.

Ainda mais relutante, ele se inclinou até que sua cabeça estava quase no nível da de Catalina. Nesse momento, ela levantou um dos braços, passou pelo pescoço dele e, puxando-o para mais perto, deu um beijo suave nos lábios firmes. Uma sacudida de desejo varreu-o de cima a baixo, e se não fosse a bandeja que mantinha em equilíbrio precário, ele a teria segurado em seus braços e não a deixaria escapar.

— É um bom amigo. — Catalina o soltou lentamente, e ele teve que

respirar algumas vezes antes de voltar a falar.

— Até mais, Catalina, te vejo mais tarde — ele disse com voz rouca e saiu do quarto o mais rápido possível.

Já na cozinha, ele descansou a testa na porta fria da geladeira e tentou recuperar a serenidade; ele precisou usar todo seu autocontrole para se afastar de Catalina e o esforço o deixou exausto.



Catalina tinha acabado de trancar a porta do apartamento quando ouviu uma voz atrás dela.

— Bom dia, Catalina. Eu vou te levar.

Assustada, ela se virou e encontrou o vizinho, tão elegante como sempre, vestido com calças escuras e um casaco cinza justo.

— Como você sabe para onde estou indo? — ela perguntou surpresa. Ela também usava um casaco escuro, meias pretas e sapatos de salto baixo.

— Liguei para a escola para perguntar quando seria o funeral. Vamos. — Sem mais nem menos, agarrou-a pela cintura e levou-a até ao elevador.

Apesar do fato de que em qualquer outro momento essas maneiras autoritárias a teriam incomodado, desta vez Catalina não resistiu. Pelo contrário, ela estava agradecida por poder contar com a companhia de seu vizinho de confiança nesse momento difícil.

A igreja de St. Luke, na Old Street, estava lotada, e Leopold e Cat estavam sentados em um dos últimos bancos. A cerimônia foi muito emocionante; o coro da paróquia cantou maravilhosamente e a homilia do padre, que devia conhecer bem a família, foi comovente. Leopold olhava para ela com frequência e percebeu que, embora ela não chorasse, seus lábios tremiam.

Quando a celebração terminou, eles foram aos primeiros bancos para oferecer suas condolências aos pais de Rachel. A mãe ficou arrasada e abraçou a jovem com força. Catalina não resistiu mais e começou a chorar também. Não sabia como deixara a igreja, só sabia que Leopoldo estava sempre ao seu lado, com o braço firmemente em volta da cintura, e cuidava de tudo.

De repente, ela se viu sentada no grande carro esportivo preto do

vizinho, de volta a sua casa. Enxugou os olhos novamente com um lenço de papel e respirou fundo, tentando se acalmar.

— Leo, você se importa...? — Catalina parou, incapaz de controlar o tremor em sua voz.

— Diga-me Catalina, o que você quer? — O tom calmo de seu vizinho a tranquilizou imediatamente.

— Eu... eu não quero ficar sozinha, Leo —disse por fim.

— Claro que não vou deixar você sozinha, Catalina. O que você quer fazer? Quer jantar em um restaurante? Prefere que te leve ao cinema para distraí-la? —perguntou solícito.

— Não, não quero ver gente, quero estar tranquila.

— Então, eu tenho o plano perfeito —disse ele— Nós vamos para minha casa, vamos ver um filme e eu vou fazer um jantar para você.

— Eu não estou com fome.

— Bobagem, não poderá resistir a uma de minhas saladas – afirmou, convencido.

Leopold dirigiu habilmente no tráfego pesado de Londres e logo depois eles estavam em sua sala de estar. Catalina tirou o casaco e os sapatos e sentou-se na poltrona com as pernas reunidas em um lado do corpo, enquanto o vizinho, franzindo a testa, revisava sua extensa videoteca.

— Não sei se, no final, será uma ideia tão boa quanto eu pensava. Receio, Catalina, que não tenha nada além de filmes policiais e de guerra.

— Claro que é uma boa ideia, Leo. Escolha o que você quer, eu realmente gosto de filme.

Por fim, Leopold escolheu um e foi à cozinha preparar o jantar. Catalina beliscou um pouco da salada, mas rapidamente colocou o prato de lado, sem apetite. Pela primeira vez, apesar da preocupação de que sua vizinha não estivesse se alimentando bem, Leopold decidiu não dizer nada e, sem mais demoras, colocou o filme na televisão gigantesca. Então ele se sentou ao lado dela, esticou as pernas compridas na mesa de centro, colocou o braço direito nos ombros de Catalina e a puxou em sua direção. Agradecida, ela se inclinou na dobra do braço e eles ficaram assim durante o filme.

Enquanto cenas ensurdecedoras seguiam na tela, homens musculosos, armados até os dentes, disparavam para a esquerda e para a direita, e helicópteros de último modelo caíam em bolas de fogo volumosas. Cada vez que Leopold desviava o olhar e pousava em sua vizinha disfarçadamente, uma nova trilha de lágrimas silenciosas deslizava por suas bochechas lisas. O

pacote de lenços descartáveis que tirara do bolso estava quase vazio e, entre os dedos finos, estava apertando as bolas encharcadas dos que estava usando.

Completamente alheia à ternura que produzia no homem sentado ao lado dela, Catalina continuava olhando para a tela sem realmente vê-la, embora, de tempos em tempos, notasse que Leopoldo a segurava com mais força ainda contra ele e lhe dava um beijo suave na testa ou nos cabelos. Ela não sabia quanto tempo chorou cercada pelos braços fortes e reconfortantes do vizinho, mas quando as últimas explosões finalmente terminaram e os créditos começaram, ela se sentiu muito melhor, então com os olhos vermelhos olhou para Leopold e disse:

— Muito obrigada, Leo, é um filme lindo. Um pouco triste, isso sim.

Leopold quase riu alto, mas se conteve. Embora fosse óbvio que, se alguém perguntasse à vizinha sobre que filme acabavam de ver, ela não teria a menor ideia do que responder, também era evidente que a intensa choradeira a ajudara bastante.

— Estou feliz que você tenha gostado — ele respondeu muito sério.

— E estou feliz por ter um amigo como você, sério, Leo. Eu não sei o que eu teria feito sem você hoje. — Leopold olhou para os doces olhos castanhos levemente irritados que olhavam para ele sorrindo; as bochechas encharcadas, um pouco mais pálidas do que o habitual, e, no entanto, ela lhe parecia a mulher mais bonita que ele já vira, e novamente ele sentiu um puxão familiar na virilha. Irritado consigo mesmo por permitir que seus impulsos libidinosos estivessem presentes no momento em que tudo o que Catalina precisava dele era conforto, se afastou decididamente dela.

— Estou feliz por ter podido ajudá-la. — Ficou satisfeito por não notar nenhuma nuance traiçoeira em sua voz.

— Vou para casa agora, estou exausta. — Catalina pendurou o casaco no braço e agarrou os sapatos com a mesma mão, cansada demais para sequer pensar em colocá-los. Então, descalço, o vizinho a acompanhou até a porta.

— Abaixese, Leo.

Oh oh. Leopold podia sentir o cheiro do que estava por vir, então ele relutantemente obedeceu e se inclinou até que seu rosto estivesse nivelado com o dela. Então Catalina colocou a mão livre na bochecha masculina e acariciou sua testa com o polegar enquanto seu vizinho sofredor cerrava suas mandíbulas em um esforço heroico para suprimir o gemido que estava lutando para sair da garganta dele.

— Obrigada, meu amigo. — Gentilmente, ela pousou os lábios nos dele.

Sem poder conter-se, Leopold a apertou com força. Sua vizinha se agarrou a sua cintura e ele notou o bater dos sapatos nas costas. Então colocou os lábios sobre sua testa pela última vez e, com resolução, afastou-se dela.

— Durma bem, Catalina — ele disse com voz rouca e se virou rapidamente, antes que ela pudesse ver sua expressão.



Os meses seguintes passaram rapidamente; Catalina e Leopold se viam com frequência, embora, apesar disso, seu projeto de seduzir a vizinha não estivesse indo bem. Algumas noites eles jogavam xadrez na casa de Paul ou se encontravam quando ela passeava com o cachorro e ele saía para se exercitar. Leopold a convidara a velejar mais algumas vezes e eles se divertiram muito; no entanto, ele não estava mais perto de dormir com ela do que alguns meses atrás.

Ele sabia que Catalina o classificara como um simples “amigo” e embora, de tempos em tempos, ela o acariciasse ou o beijasse carinhosamente, ele não tinha ilusões; Ele a conhecia bem o suficiente para saber que ela era tão carinhosa com todos. Então, cada vez mais frustrado, Leopold decidiu jogar sujo e criou um plano maquiavélico que não poderia falhar...



Durante o período anterior à Páscoa, quando o clima começou a ficar mais ameno, a escola organizou inúmeras excursões e passeios para que seus alunos pudessem pintar ao ar livre. Por um lado, a mudança na rotina era agradável, mas, por outro lado, ter que ficar de olho neles o tempo todo era cansativo para os professores; portanto, quando Catalina chegava em casa, tudo o que queria era deitar e dormir.

Num sábado, Leopold a convidou para jantar no mesmo restaurante onde

ele planejava levá-la no dia em que sua aluna morreu; eles não se viam há alguns dias e Catalina aceitou de bom grado o convite. Quando ele foi buscá-la naquela noite, pareceu a Leopold que não a via há meses. Sua vizinha usava calça preta justa, uma vaporosa blusa semitransparente em tons azuis e uns elegantes sapatos com um salto alto. Ele a achou irresistível, o que ajudou a reforçar sua determinação de levar seu plano maligno até o fim.

— Desta vez você se superou, Leo. — Catalina cumprimentou-o com um de seus sorrisos deslumbrantes.

— Em que sentido? — ele perguntou, enquanto se inclinava para beijá-la na bochecha.

Como sempre, o cheiro de Catalina, uma mistura de shampoo, colônia fresca e roupas limpas subiu à sua cabeça, mas lembrou a si mesmo que ainda tinha muitas noites pela frente e fez um esforço para se acalmar.

— Minha amiga Fiona ficou verde de inveja quando eu disse a ela onde você me levaria para jantar. Expliquei que essas são as vantagens de ter amigos ricos e influentes... — Ela olhou para ele maliciosamente.

“E acima de tudo, amigos que passaram meses sem dormir com uma mulher e estão à beira da resistência”, Leopold disse para si mesmo, mesmo que nada em seu rosto lhe permitisse adivinhar seus pensamentos.

— Estou feliz que você gosta do plano, tenho certeza que será memorável – garantiu com expressão enigmática.

Ao chegar ao restaurante, o *maitre* os escoltou até uma mesa para dois, localizada ao lado da enorme janela da qual era possível admirar uma vista espetacular do *horizonte* de Londres, com os prédios altos da área financeira, onde, contra o céu iridescente, se destacavam a torre arredondada do edifício Gherkin, que os londrinos apelidaram de *Pepinillo*, e a cúpula da Catedral de São Paulo.

Catarina olhou ao seu redor, entusiasmada.

— Eu amei este lugar!

— Você também vai gostar da comida, é deliciosa — afirmou— Vou pedir um bom vinho tinto.

— Lembre-se que eu só posso tomar uma taça — lembrou, sem tirar os olhos do magnífico panorama.

— Não se preocupe. — Leopold ficou feliz que Catalina, que estava olhando para a janela, não notou sua expressão levemente culpada.

O jantar passou sem incidentes. Leopold se esforçou para ser especialmente agradável, e eles conversaram animadamente durante a noite.

Absorvida como estava na conversa, Catalina não percebeu que ele havia enchido o copo novamente e continuou bebendo, confiante. Quando encheu o copo pela terceira vez, Leopold já havia começado a notar uma mudança sutil na aparência da garota. Seus olhos estavam ainda mais brilhantes que o normal, as bochechas coradas e sua tremenda vitalidade havia dobrado. Leopold decidiu que sua vizinha, com algumas taças a mais, era mais poderosa que um fenômeno atmosférico eletrizante.

Toda vez que falava com ela, Catalina pegava sua mão e a apertava carinhosamente, e quando o garçom se aproximou com o cardápio de sobremesas, ela comentou que nunca havia sido tão bem servida em lugar nenhum. O olhar caloroso que acompanhou suas palavras fez o jovem corar até as orelhas e a encarou espantado. Fascinado, Leopoldo observou os efeitos devastadores do álcool em sua vizinha, sentindo-se um pouco culpado, no entanto, quando Catalina perguntou se ele tinha visto o garçom enchendo seu copo, ele negou inocentemente. Para a sobremesa, Catalina continuou tomando pequenos goles de sua taça de vinho, até que Leopold decidiu que era o suficiente e afastou para o lado sem, a essa altura, que ela percebesse.

— Preciso ir ao banheiro — anunciou de repente tentando se levantar.

Ao vê-la balançar um pouco, Leopold pagou rapidamente, agarrou seu braço e a acompanhou até a porta do banheiro feminino. Como demorou muito tempo para sair, ele escolheu espiar discretamente e a viu segurando a faxineira enquanto ela chorava, desconsolada, em seu ombro.

— Olá, Leo, que bom que você veio. Olhe, esta é Lisa. Seu senhorio ameaça com expulsá-la e está desesperada. — Seus olhos emitiam faíscas douradas de indignação.

— Uma situação terrível — Ele assentiu calmamente enquanto vasculhava o bolso interno do paletó e tirava a carteira. Então entregou à mulher uma nota de cem libras e acrescentou — Aqui, Lisa, talvez isso possa tirá-la de problemas por um tempo.

Um pouco envergonhada e ainda incapaz de acreditar no que seus olhos estavam vendo, Lisa agradeceu calorosamente e abraçou Catalina mais uma vez, com lágrimas nos olhos. Assim que conseguiu separá-las, Leopold colocou um braço em volta da cintura estreita de sua vizinha e apressou-a a sair dali. Enquanto se dirigiam para o carro, Catalina não parou de agradecer por sua generosidade.

— Leo Gallagher, você é o homem mais gentil que eu conheço, você é

um verdadeiro cavaleiro, um santo, um... — Habilmente, Leopold a empurrou para o banco do passageiro antes que ela pudesse continuar a lista.

Durante o trajeto de volta, Catalina colocou a mão quente na coxa do vizinho e acariciou-o de cima a baixo, carinhosamente, causando-lhe uma ereção instantânea; mas sem perceber nada, continuou agradecendo veementemente por sua atitude.

— Você é a melhor pessoa do mundo, direi a Diego. Ele disse que tinha certeza de que você era um verdadeiro idiota; mas vou lhe dizer a verdade, vou abrir seus olhos...

— Já chegamos — anunciou, aliviado, ao remover gentilmente a mão indiscreta de sua perna antes de seu autocontrole ir pelos ares.

Leopold a agarrou pela cintura e a guiou até a porta de seu apartamento, pegou a bolsa na qual lutou em vão para encontrar as chaves, tirou-as e abriu a porta. Tropeçando, Catalina conseguiu chegar à sala e tentou desabotoar o casaco com dedos desajeitados. Vendo que era incapaz de fazê-lo, seu vizinho tirou suas mãos e terminou a tarefa para ela. Agora sem o casaco, um pouco desgrehada e com os olhos ligeiramente vidrados, Catalina levantou os braços e os envolveu em volta do pescoço dele.

“Desta vez eu vou conseguir!”, ele disse a si mesmo satisfeito, tentando silenciar a voz de sua consciência culpada, que lutava para se fazer ouvir em seu cérebro.

— Obrigada por tudo, Leo. Eu te amo muito.

Catalina colocou os lábios na boca masculina e, sentindo o contato, Leopold esqueceu completamente que era um cavaleiro e que um cavaleiro nunca se aproveitava de uma dama, por mais bêbada que estivesse. Com um tapa imaginário, ele afastou o anjinho que estava sussurrando em seu ouvido, enquanto um diabrete vermelho pousava em seu ombro para assistir ao show. Com um desejo muito contido, ele começou a explorar a boca de Catalina com a língua e sua resposta apaixonada o fez inflamar ainda mais, então ele agarrou suas nádegas e a segurou firmemente contra ele enquanto sentia o sangue inundar seu cérebro.

Ainda a beijando, ele enfiou a mão sob a blusa e deslizou-a para um de seus seios, empurrando o sutiã de renda para fora do caminho. Com o polegar, ele começou a circular o mamilo e o gemido suave que veio da garganta de Catalina tirou qualquer vestígio de sanidade que pudesse permanecer.

Então, ele deixou os lábios dela, inclinou-se sobre o pescoço e

mordiscou gentilmente, os olhos fechados, pressionando ainda mais contra ele, fazendo-o sentir inequivocamente a intensidade de seu desejo. Uma mão feminina começou a explorar embaixo da camisa e o toque suave daqueles dedos nos músculos do peito o levou à beira da explosão.

Com certa grosseria, ele a deitou no sofá da sala, se jogou sobre ela e empurrou a blusa de chiffon para o lado até que um peito cremoso e perfeito ficasse exposto diante de seus olhos. Com um desejo até então desconhecido, o atacou e começou a chupar ansiosamente quando Catalina, envolvida em uma espessa névoa de desejo e álcool, levantou os quadris em um convite claro, com um gemido desesperado. Leopold lutou ansiosamente com a fivela do cinto e, quando estava prestes a desabotoar a calça, sua vizinha anunciou com um murmúrio vacilante:

— Acho que vou vomitar.

Leopold levantou a cabeça e olhou para o rosto lívido, incrédulo. No entanto, ele reagiu com velocidade sobre-humana e a pegou. A toda velocidade, ele a levou para o banheiro mais próximo, abriu a tampa do vaso e segurou a cabeça enquanto ela vomitava o jantar inteiro. Quando, finalmente, parecia que Catalina não tinha mais nada no estômago, Leopold a deixou sentada no chão gelado de mármore, pegou uma toalha da pia e a mergulhou na água corrente e fria antes de limpar o rosto de jovem mulher.

Catalina estava meio inconsciente, então seu vizinho a pegou novamente e caminhou com ela para o quarto. Ele a deitou gentilmente na cama, tirou os sapatos, terminou de desabotoar as calças apertadas e, com esforço, deslizou-as pelos quadris, tentando desviar o olhar. Então desabotoou a blusa e a deixou de lado.

Por alguns segundos, o maravilhoso corpo feminino, coberto tão somente pela breve lingerie de renda preta, ficou exposto ante seus olhos e o olhou de boca aberta. Com um suspiro profundo, ele a cobriu com os lençóis e olhou para o rosto dela, no qual os cílios longos e escuros se destacavam contra as bochechas pálidas.

É claro que sua vizinha não o enganara, dizendo-lhe o efeito que o álcool exercia sobre ela, pensou enquanto tirava uma mecha de cabelo úmida da testa com infinita ternura; nesse momento, se sentia terrivelmente culpado por querer tirar vantagem das circunstâncias. Deitada contra o travesseiro branco, com os ombros acetinados aparecendo nus ousadamente, Catalina parecia muito jovem e vulnerável e, mais uma vez, Leopold lamentou seu comportamento desprezível. Ele ainda tinha restos de uma formidável

excitação que sentira minutos antes, mas não era mais dominado por ela.

Pelo amor de Deus! Se ela não tivesse anunciado seu desconforto dessa maneira inevitável, ele a teria tomado ali mesmo no sofá, não se importando até que ponto Catalina estivesse ciente disso.

Não poderia ter caído mais baixo.

Nunca em sua vida, ele precisou embebedar uma mulher para fazer amor com ela; não sabia o que estava acontecendo com ele, o que o fez perder a cabeça dessa maneira. De repente, percebeu que nem tinha tirado a jaqueta. Com movimentos cansados, ele se livrou dela e fez o mesmo com os sapatos; desabotoou alguns botões da camisa e se esticou na cama ao lado dela, observando os lençóis subirem e descerem devido à respiração regular.

Catalina virou-se para ele e deitou-se de lado, as pernas dobradas e uma mão debaixo do travesseiro. Apesar de sua palidez e os restos de seu rímel que manchavam suas bochechas pálidas, Leopold ficou boquiaberto. Cuidadosamente, ele se aproximou e colocou um braço em volta da cintura dela.

“Em alguns minutos eu irei para casa”, ele prometeu a si mesmo sonolento, mas, sem perceber, suas pálpebras se fecharam e ele caiu em um sono profundo.

Capítulo 13

Os raios do sol arrancaram Catalina do estupor em que ela mergulhou. Sua cabeça roncava como se milhares de bateristas tivessem se reunido em seu cérebro para celebrar as festas do santo padroeiro. Com esforço sobre humano, ela conseguiu erguer uma das pálpebras por alguns segundos, mas a intensa claridade que entrava pela janela a fez fechar o olho quase instantaneamente.

Um tempo depois, tentou novamente e quase engasgou quando viu Leopold deitado ao seu lado, em sua própria cama, com os dedos emaranhados com familiaridade em seus cabelos. Deus santo! O que aconteceu na noite anterior?

A mente de Catalina estava em branco. Desesperada, ela tentou se lembrar e, aos poucos, algumas imagens começaram a surgir em seu cérebro. Ela saiu para jantar com Leo... sim, ela estava começando a se lembrar de pequenas coisas: o restaurante era bonito e tinha uma vista espetacular, eles conversaram e riam juntos... mas, apesar de todos os esforços que fazia, não conseguia se lembrar de mais nada.

Ele olhou para Leopold, que continuava dormindo alheio a tudo. Os cabelos prateados estavam muito despenteados e os pelos da barba começava a aparecer em seu rosto. A camisa, meio desabotoada, revelava seu peito bronzeado e tinha uma expressão levemente vulnerável durante o sono, o que o fazia parecer mais jovem. De repente, ela percebeu que a única coisa que vestia debaixo das cobertas era sua calcinha. Oh Senhor! Ela dormiu com ele? Angustiada, mordeu o lábio inferior e sentiu um calor repentino nas bochechas; parecia que sim. Ele dormiu com o vizinho e não se lembrava absolutamente de nada!

Cuidadosamente, tentando não acordá-lo, Catalina soltou sua mão do seu cabelo, arrastou-se pela cama e levantou-se, sentindo a cabeça prestes a

explodir. Já no banheiro, colocou as duas mãos nas laterais da pia e, quando viu o rosto borrado no espelho, soltou um gemido. No armário de remédios, pegou dois comprimidos que engoliu com um pouco de água, abriu a tampa do creme de limpeza e removeu os restos da maquiagem.

Voltou para o quarto, pegando uma bermuda, camiseta e uma troca de roupa de baixo. Então ela se enfiou sob o jato de água quente e tentou não pensar em nada enquanto lavava a cabeça. Quando terminou, esfregou um pouco o cabelo com a toalha, escovou os dentes e voltou ao quarto. Leopold ainda não havia acordado, então Catalina se sentou em uma cadeira ao lado da cama e o observou dormir, ainda torcendo as mãos nervosamente.

Depois de alguns minutos, as pálpebras dele se abriram e os olhos cinza totalmente lúcidos encontraram os amedrontados olhos castanhos. Leopold apenas deslizou o olhar para as pernas compridas que os shorts deixavam a mostra, os cabelos molhados, a camiseta limpa e as mãos femininas que não paravam, e um sorriso, levemente brincalhão, surgiu em seus lábios.

— Bom dia, Catalina.

Catalina achou que o tom do vizinho parecia íntimo demais e ela percebeu que estava ficando vermelha novamente.

— Leo. Você e eu...? — Sem saber como proceder, ela mordeu o lábio inferior, envergonhada.

— Diga-me, querida, o que você quer saber?

Ao ouvir o nome afetuoso, um calafrio fez os cabelos de Catalina se arrepiarem.

— Meu Deus! — Ela escondeu as bochechas coradas atrás das mãos. — O que aconteceu à noite? Não me lembro de nada.

— O que quer dizer? — Catalina pensou ter detectado um tom dolorido na voz do vizinho, então fez um esforço, ergueu o rosto para ele e, sem tirar as mãos dos olhos, entreabriu um pouco os dedos para olhá-lo.

— Desculpe, Leo, não me lembro do que aconteceu ontem — confessou ela, envergonhada.

— Você está me dizendo que não se lembra de como apaixonadamente fizemos amor ontem à noite? Que você apagou de sua mente seus pedidos para fazer você minha? Que você esqueceu seus gritos me pedindo mais? — ele disse com uma expressão magoada.

Ela olhou para ele entre horrorizada e fascinada e assentiu silenciosamente.

— Eu... não sei o que... o que aconteceu... — ela gaguejou,

envergonhada como não se lembrava de ter estado antes, e parou mais uma vez. Incapaz de suportar o gesto desanimado de Leopold e com uma terrível sensação de culpa, Catalina sentou-se na beira do colchão e passou um braço em volta da cintura, tentando confortá-lo — Desculpe Leo, eu juro que não lembro de nada...

— Talvez isso ajude você a recuperar sua memória. — Leopold empurrou-a de volta suavemente até que ela deitasse na cama.

Ela olhou para ele intrigada, mas não se mexeu.

— Eu te beijei nos lábios primeiro... — a boca masculina desceu sobre a dela e ele começou a beijá-la delicadamente. Catalina permaneceu completamente rígida, sem responder ou se retirar. — Então eu comecei a acariciá-la em alguns lugares estratégicos... — ele sussurrou contra os lábios dela com uma voz rouca que a fez tremer quando a mão quente entrou sob a blusa e pousou em um de seus seios, acariciando o mamilo sobre o sutiã com o polegar.

Incapaz de se mover, Catalina apenas o encarou com os olhos arregalados.

— E justamente quando tudo estava começando a ficar realmente interessante...— Sua mão desceu em uma carícia hipnótica pela barriga lisa e começou a mexer no botão do short. Você gritou que queria vomitar!

Leopold levantou a cabeça e ergueu uma sobrancelha, zombando, sem tirar os olhos das pupilas que o encaravam com espanto.

— Você quer dizer ... que você e eu ...? — Catalina estava respirando pesadamente.

— Sim, Catalina, lamento confessar que você e eu não fizemos amor. — O profundo alívio que apareceu no rosto expressivo de sua vizinha o fez sorrir apesar de tudo. —Vejo que você está feliz em ouvir as notícias.

Catalina sentou-se e um sorriso enorme iluminou seu rosto.

— Você não pode imaginar quanto.

— Por quê? — seu vizinho franziu a testa, um pouco chateado.

— Você gostaria de acordar uma manhã na cama ao lado de um homem, sem saber como diabos você chegou lá e sem ter idéia se dormiu com ele?

— Na verdade, nem perto de um homem. — Leopold tentou ser engraçado, mas sem prestar a menor atenção, ela continuou:

— Meu Deus, por alguns momentos eu me senti muito mal! Leopold Gallagher, você me assustou até a morte! Por que você não me disse desde o começo que nada havia acontecido entre nós? — ela perguntou indignada.

— Também me diverte rir de você — disse ele, muito sério.

Com um bufo, Catalina saiu da cama.

— É melhor você pegar suas coisas e sair daqui.

— Tem certeza de que não quer terminar o que começamos ontem à noite? — Leopold deslizou a mão do ombro dela até o pulso em uma carícia sugestiva, mas Catalina se afastou dele e apontou para a porta.

— Fora! — ela disse com muita raiva.

— Está bem. Estou indo embora — respondeu o vizinho com uma falsa expressão de resignação. Estava na cara que ele estava gostando da situação.

Com uma calma irritante, ele pegou sua jaqueta e sapatos e, quando passou por uma Catalina furiosa, inclinou-se por cima do ombro e sussurrou em seu ouvido.

— Eu não vou deixar que você beba com ninguém além de mim, devo protegê-la de si mesma...

Ela apenas o encarou com olhos brilhantes e não respondeu, mas o rubor inundou seu rosto mais uma vez. Satisfeito por ter dito a última palavra, para variar, Leopold voltou para casa e tomou um longo banho.



Por alguns dias, sua vizinha o evitou o máximo possível. Leopold não a via mais passeando com o cachorro à noite e os longos jogos de xadrez haviam sido interrompidos. Muito chateado, ele tinha que admitir que sentia falta dela. Harry ainda o apresentava a mulheres, mas ele não estava interessado; ele estava obcecado por Catalina e sabia que não poderia esquecê-la até que fosse sua. A certa altura, seu amigo perguntou a ele:

— Você está apaixonado por alguém?

— Eu? — ele descartou a ideia com uma risada desdenhosa que pareceu falsa até para ele mesmo — Que absurdo! Por que você acha que eu estou apaixonado?

— Não sei. Você está esquisito. Você não gosta de nenhuma das garotas que eu apresento a você. Quando conversamos, parece que você está em outra dimensão. Leopold, qual é o seu problema? Você pode me dizer, caramba, nós somos inseparáveis desde a escola.

Leopold olhou para o rosto redondo de seu amigo, que o observava com

uma expressão preocupada.

— Não é nada, Harry, eu juro. Talvez o trabalho. Estou um pouco estressado.

Harry achou a explicação razoável.

— Foi o que eu disse a Lisa, mas ela enfiou na cabeça que se apaixonou por alguém que não conhecemos.

— Esta Lisa, ela tem muita imaginação — disse ele com indiferença falsa.

— Ha ha, eu direi a ela.

Um pouco mais calmo, Harry começou a falar sobre futebol, seu assunto favorito de conversa, e Leopold deu um suspiro aliviado.



Duas semanas depois, a campainha tocou no apartamento de Catalina e, quando ela foi abrir, era seu vizinho, com sua melhor aparência, que estava ali.

— Olá Catalina.

— Leopold. — Ele ficou surpreso que ela o chamou pelo nome completo e não gostou; também não havia traço do delicioso sorriso com que ele a recebia.

Leopold pigarreou várias vezes.

— Você vai me deixar entrar?

Catalina hesitou alguns segundos, mas finalmente acenou com a cabeça para ele passar.

— Vejo que você estava pintando... — até um cego teria notado, já que ela tinha uma mancha de tinta verde na bochecha e uma vermelha no queixo, e também vestia o jaleco velho e desfigurado que protegia suas roupas.

— Muito perspicaz — disse ela sarcástica.

Parados no meio da sala, eles se entreolharam como dois boxeadores se preparando para lutar.

— Queria me desculpar e pedir um favor — começou Leopold, não deixando qualquer emoção transparecer.

— Além das desculpas, um favor? Há, tem que ser muito cara de pau...

Seu interlocutor apertou as mandíbulas já cerradas.

— Vou começar com as desculpas. Desculpe por ter enchido seu copo de vinho várias vezes. — Ele o puxou o ar, como se estivesse prendendo a respiração até agora.

— Então você admite, hein? — Catalina, com os braços abaixados, olhou-o acusadoramente.

— Eu admito.

— Pode-se saber o que você pretendia com isso? Você estava ciente do efeito que o álcool tem em mim. Eu já te disse.

— Eu estava plenamente consciente de minhas ações.

Catalina achou sua imprudência incrível e levou um tempo para recuperar seu discurso.

— E quais foram seus propósitos? Eu pensei que éramos amigos, eu confiei em você.

Ouvindo essas palavras e notando sua expressão magoada, a figura alta de Leopold estremeceu visivelmente, como se tivesse levado um soco no estômago.

— Eu queria seduzi-la — confessou.

— Me seduzir? — ela repetiu como um papagaio, abrindo a boca com espanto.

— Sim, seduzir.

Catalina conseguiu fechar a boca com muito custo, mas levou alguns minutos para encontrar algo para dizer. Em vez disso, ela observou que seu vizinho parecia muito calmo.

— Não entendo nada, éramos amigos. Amigos não são seduzidos, muito menos embriagados, para alcançar um fim tão perverso. — Catalina parecia estar ouvindo a própria Sra. Dawson, uma professora de religião que a ensinara na escola primária.

— Tem razão.

— Isso é tudo o que você tem a dizer?

— Catalina, confesso que não durmo há muito tempo com uma mulher. — Leopold não conseguia acreditar que estava dizendo isso, mas preferia não parar para pensar no assunto, então limpou a garganta e continuou — Você era a pessoa mais em mãos naquele momento. Eu tinha a beijado algumas vezes e você não pareceu desgostar, mas você não queria ir mais longe. Eu acho que estava um pouco desesperado — embora pudesse ver que Catalina estava achando a explicação insana, ela não o interrompeu — Não tentarei nada assim novamente, você tem a minha palavra.

— Resumindo, o que você está dizendo é que me deixou bêbada tentando dormir comigo porque eu era a única mulher disponível.

— Mais ou menos, embora pareça pior falando assim — disse o vizinho sem perder a rigidez.

— Você não pode dizer uma coisa dessas a uma garota e fingir que isso soa bem, Leo, é muito rude e você deveria saber exatamente isso. É claro que não contribui para aumentar a autoestima dessa garota em questão, neste caso eu mesma.

— Desculpe, Catalina, eu só estava tentando explicar...

— Não continue. — Catalina levantou a mão para interrompê-lo — Eu acho que entendi muito bem. Apesar de tudo, fico feliz que seja apenas isso; por alguns momentos, cheguei a pensar que a maldição se tornara realidade e você tinha se apaixonado por mim.

— Não, não é isso — ele se apressou em negar.

— Quanto ao fato de eu não me importar com o fato de você me beijar, confesso que é verdade. Também não fico com alguém há muito tempo. Bem, imagino que os baixos instintos das pessoas surjam de tempos em tempos. Resumindo, Leo, temos duas opções: uma, entrar de cabeça e ter uma aventura que terminará mais cedo ou mais tarde, porque ambos somos o tipo de pessoas que não se apaixona e, além disso, somos opostos. — Ele tentou interrompê-la, mas Catalina não permitiu — Ou dois, deixar as coisas como estão, nos vemos de tempos em tempos como antes e nos limitamos a um relacionamento amigável.

Seu vizinho abriu a boca novamente, mas ela apoiou as pontas dos dedos nos lábios dele, impedindo-o de falar.

— Eu particularmente prefiro a opção número dois. Aventuras surgem por toda parte como motociclistas na primavera. No entanto, é muito mais difícil encontrar um amigo com quem você se sinta à vontade e possa falar sobre qualquer coisa.

Para Leopold, e ele não sabia muito bem o porquê, todas essas especulações pareciam bastante humilhantes. Então, com muito orgulho, ele disse com aparente indiferença:

— Eu também prefiro a opção número dois.

Catalina olhou para ele encantada, se Leo tivesse insistido em seu plano de sedução, isso lhe custaria muito a resistir.

— Bem — ela mudou de assunto — agora me diga qual é o favor que você queria me pedir.

— Veja bem, minha mãe me pediu, embora talvez “ordenou” fosse a palavra certa, que passasse a Páscoa na Hallcourt Abbey.

— Que nome bonito! É a sua casa?

— É o lar dos Gallaghers há alguns séculos e aí está o problema...

— Você não quer vender, não é?! — Catalina arregalou os olhos.

— Claro que não, Catalina. Você se importaria de não me interromper de vez em quando? — ele perguntou, exasperado.

— Peço desculpas. — sua vizinha fez biquinho.

— Minha mãe está obcecada por eu ter que me casar e ter filhos para perpetuar o sobrenome e a herança, e suspeito que ela pretenda me apresentar a um de suas candidatas. durante a minha estadia lá... — Catalina olhou para ele com grande interesse e desta vez não o interrompeu.

— Eu disse a ele que estava indo com minha noiva. — Leopold lançou-lhe um olhar especulativo.

— Você voltou com Alison? — ela perguntou, atordoada.

— Claro que não. Eu disse que iria com você. — Mais uma vez, Catalina ficou sem palavras, então seu vizinho aproveitou seu silêncio incomum para contar o resto — Não é a primeira vez que ela faz algo assim e, acredite, é bastante desconfortável, para não dizer desagradável.

— E se você apenas recusar? — ela disse quando recuperou sua fala.

— Você não conhece minha mãe, ela tornaria minha vida impossível com censuras e lamentos. Ir com uma mulher vai me deixar em paz por um tempo.

Catalina estava prestes a dizer a ele que sua mãe devia ser um pouco estranha, mas se segurou.

— Desculpe, Leo, não posso. Eu decidi ir à França para pintar um pouco. Além disso, todo o plano parece louco para mim. Eu não me sentiria à vontade tentando enganar outra pessoa e menos ainda se ela for sua mãe.

— Por favor, Catalina, vai demorar apenas alguns dias. Você vai gostar da Hallcourt Abbey, lá você pode pintar, prometo que é um dos lugares mais bonitos da Inglaterra. Até farei uma doação para a sua escola, por favor... — Catalina achou muito difícil resistir ao seu olhar suplicante.

— Vou parecer uma acompanhante paga.

— Eu disse que faria a doação para a escola, não para você — disse o vizinho.

— E o que acontecerá quando terminarmos o noivado no final das férias? O que sua mãe vai pensar?

— Vou deixar ela acreditar por mais alguns meses que ainda estamos noivos, assim ela me deixará em paz por um tempo. — Leo fazia tudo parecer tão normal que Catalina começou a duvidar de suas próprias objeções.

— Espero que não tenhamos que gastar todo o nosso tempo fazendo amor e abraçando... E não vamos dormir no mesmo quarto, certo? — ela perguntou como se, de repente, tivesse acabado de lhe ocorrer.

— Claro que não. Minha mãe é antiquada. Além disso, minha família nunca foi propensa a demonstrações de afeto em público. Vou tratá-la educadamente e com amor, você não terá do que se queixar.

— Não sei, Leo — ela fez um gesto hesitante — parece-me que estamos complicando nossas vidas de uma maneira perigosa. Acabamos de concordar que, a partir de agora, teríamos um relacionamento de amizade pura e imaculada, e dois minutos depois você me diz que tenho que agir como se fosse sua noiva. Podemos estar brincando com fogo.

— Bobagem, nada vai acontecer. Você aceita então? — ele olhou para ela ansioso.

Catalina olhou para aquele rosto, tão viril e severo, e se perguntou se ela não teria imaginado que aqueles lábios, agora fortemente apertados, alguma vez a tivessem beijado com paixão. Ela balançou a cabeça, seria melhor não pensar nessas coisas, disse a si mesma, agora tinha que se concentrar em outro assunto: um amigo tinha um problema e estava pedindo sua ajuda.

— Ok, eu vou com você para Hallcourt Abbey — ela finalmente concordou ainda relutante.

— Perfeito. — Leopold soltou o ar que estava prendendo sem perceber, lentamente. De repente, ele quis pular e bater palmas, mas é claro que se conteve.

— Vou precisar de alguma roupa especial?

— Certamente receberemos alguns convites dos vizinhos, mas em geral será bastante calmo. Traga algo para andar de bicicleta e, é claro, seus suprimentos de pintura. É um lugar muito bonito, prometo que não se arrependerá, Catalina — ele assegurou, olhando-a com carinho.

Capítulo 14

Alguns dias depois, em uma manhã ensolarada, no meio da primavera, eles viajavam pela A38 no Range Rover de Leopold – que ia carregado até o topo com a bagagem, telas, pinturas e o cavalete de Cat, e claro, Milo, a caminho da Cornualha. Agora que se decidira, Catalina contemplava com entusiasmo a bela paisagem de campos verdes e pequenas e pitorescas cidades que voavam rapidamente pela janela. Ela só esteve na Cornualha uma vez quando era pequena e lembrou-se de que tinha adorado.

Leopold desviou o olhar da estrada por um segundo e ficou satisfeito por tê-la convencido a acompanhá-lo. No dia em que concordou em ir com ele, decidiu esquecer seus planos de sedução. Catalina estava certa, era melhor continuarem amigos.

Quando, algumas horas depois, pararam o carro em frente à monumental grade de ferro que cercava a propriedade, ela pensou que a viagem havia sido muito curta. Passaram pelo portão ornamentado com brasões de armas em cada um dos portões e uma ampla entrada de cascalho, ladeada por duas fileiras de carvalhos gigantescos com centenas de anos de idade, que os conduziu por um amplo parque até uma imponente mansão construída em um estilo renascentista veneziano original, no qual se destacavam uma grande cúpula e várias chaminés no telhado. Nos belos jardins clássicos que a cercavam, predominavam os canteiros de rosas, que exalavam um perfume agradável.

Catalina arregalou os olhos.

— Meu Deus, Leopold, que casa linda! — seu vizinho desfrutou do prazer óbvio no semblante expressivo.

Quase instantaneamente, a enorme porta de madeira se abriu e um homem mais velho, imaculadamente uniformizado, saiu para cumprimentá-los.

— Bem vindo, Sr. Leopold. É um prazer tê-lo aqui novamente depois de

tanto tempo — o velho cumprimentou solenemente.

— Obrigado, Bates, também estou feliz por estar aqui. Esta é a senhorita Catalina Stapleton, minha noiva. — a cabeça do velho mordomo curvou-se em uma reverência digna de uma rainha, e Catalina se sentiu um pouco atordoada — Que quarto você preparou para ela?

— O quarto verde, senhor.

— Perfeito — ele sorriu. — Chame James e diga para ele carregar nossa bagagem. Ah, e cuide do cachorro.

Leopold pegou Catalina pela mão e subiu a grande escadaria de pedra com ela.

— Leo — ela sussurrou nervosamente — não sei se vou estar a altura do papel. A verdade é que eu não esperava isso.

— E o que você esperava? — ele olhou para ela divertido.

— Eu não sei, mas eu não pensei que você era tão terrivelmente rico...

Leopold apertou sua mão com firmeza, tentando tranquilizá-la.

— Não se preocupe, você vai se acostumar com isso em breve.

— Aham... — um leve pigarro soou atrás dele. Catalina virou-se rapidamente e ficou cara a cara com o rosto inexpressivo do mordomo. Desconfortável, ela se perguntou se ele a ouvira. Senhor Leopold, sua mãe me disse para mandá-lo para a sala amarela assim que chegassem.

Ao ouvir isso, o belo rosto do vizinho ficou um pouco sombrio. Ele deu de ombros.

— Está bem.

Bates, seguido por Leopold e Catalina que ouvia, impressionada, o eco surdo de seus passos no belo piso de mármore do imenso saguão, passou por uma das muitas portas, abriu-a e anunciou:

— Senhora, senhorita Catalina Stapleton e senhor Leopold acabam de chegar.

Leopold olhou de relance para Catalina, tentando adivinhar o que pensava da formalidade com que sua mãe gostava de se cercar, mas o semblante da jovem refletia apenas seu interesse e admiração por tudo o que via.

A sala estava lindamente decorada com móveis antigos, mas, apesar do sol entrar pelas grandes janelas, havia fogo na lareira e a temperatura era insuportável. Eles se aproximaram de um sofá de aparência desconfortável, estofado em seda dourada, no qual uma mulher mais velha, mas ainda bonita, estava sentada com as costas muito retas.

— Olá, Leopold — ela disse friamente e, com um gesto majestoso, ergueu o rosto quase sem rugas para que seu filho o beijasse.

— Oi mãe. — Leopold mal tocou seus lábios na bochecha macia dela.

Catalina ficou surpresa com a recepção gelada, mas tentou não demonstrar. A mulher virou-se para ela.

— Bem vinda à Hallcourt Abbey, Srta. Stapleton.

— Estou encantada, senhora Gallagher. Muito obrigado por me receber em sua linda casa, mas por favor, me chame de Cat. — Catalina estendeu a mão com um de seus sorrisos mais encantadores.

A mulher sacudiu-a languidamente enquanto a olhava de cima e baixo com olhos cinzentos e gelados, como os do filho. Por alguns momentos, Catalina sentiu um desejo quase irreprimível de fugir, mas permaneceu firme, pensando que Leo precisava dela. De repente, seu rico vizinho parecia digno de pena por ter uma mãe assim.

— Sente-se — ordenou a sra. Gallagher, apontando para duas poltronas que combinavam com o sofá e pareciam ainda mais desconfortável, se isso fosse possível.

— Eu gostaria de saber o que você faz... Cat — ela hesitou antes de dizer o nome da garota, como se fosse um palavrão.

Ao ver isso, o temor que invadiu Catalina quando ela chegou à imponente mansão evaporou e ela começou a ver o lado engraçado da situação. Quando contasse a Fiona, ela ia rolar de rir, pensou.

— Sou professora de pintura, trabalho com crianças deficientes — disse ela formalmente, mal encostando as costas na rígida cadeira.

— Que interessante — o tom de sua anfitriã indicava exatamente o oposto.

— Sim, eu admito que é. Eu amo meu trabalho! — ela exclamou com entusiasmo.

— E me diga, querida, quem são seus pais?

— Meu pai é Martin Stapleton, professor aposentado de literatura e minha mãe é Marisa Herrera, também uma enfermeira aposentada. Ambos vivem em uma pequena fazenda em Herefordshire.

— Por um momento, pensei que você fosse parente dos Stapletons, parentes do duque de Norwich...

— Ah, não, não mesmo — Catalina balançou a cabeça com veemência e os cabelos sacudiram de um lado para o outro. — Nem uma única gota de sangue azul corre pelas minhas veias. Pelo contrário, se considerarmos que

meu bisavô paterno era um mineiro galês.

O olhar de horror que sua mãe atirou nele fez Leopold querer rir, mas ele continuou impassível, apenas participando da troca de perguntas e respostas como se fosse um torneio de tênis interessante e muito disputado.

— Não sei se você sabe que o primeiro Gallagher que conhecemos veio na comitiva de Guilherme, o Conquistador — declarou ela com arrogância, como se quisesse mostrar a Catalina como uma mulher como ela era insignificante.

— Caramba, Leo, você não me disse nada! — Catalina olhou para ele com raiva fingida.

— Desculpe, minha querida, por um momento isso não passou pela minha cabeça — disse o vizinho com a calma britânica imperturbável.

— Leo? — sua mãe torceu o nariz como se algo cheirasse mal.

— É uma história maravilhosa — continuou Catalina, como se não tivesse ouvido — Como lhe disse antes, senhora Gallagher, só posso voltar até o meu bisavô galês, nunca se soube quem era o pai do meu avô materno. O pobre homem foi abandonado assim que nasceu na roda de um convento de Sevilha — ela suspirou tristemente. Então se virou para Leopold com um brilho malicioso nos olhos. — Querido, o que você pensaria se chamássemos nosso primeiro filho de Guillermo?

Leopold pegou a mão dela e a levou aos lábios em um gesto galante.

— Nada me agradaria mais, meu amor.

— Veja, senhora Gallagher, Leo e eu estamos tão apaixonados que concordamos em tudo — ela lançou a ele um olhar de adoração que fez seu pulso acelerar.

— Estou vendo — a mulher disse secamente, e com um gesto majestoso, ela rapidamente fechou a audiência. — É melhor irem a seus quartos para se refrescar, o jantar é servido às sete horas.

Aliviados, Leopold e Catalina se levantaram ao mesmo tempo e deixaram a sala sufocante a toda velocidade, como duas crianças escapando de uma punição.

— Muito bem, Catalina — seu vizinho a parabenizou muito a sério — Você passou pela primeira rodada sem se perder, vamos ver como você lida com o resto da batalha.

— Você poderia ter me avisado, Leo! — ela protestou com uma careta — É sempre assim?

— Desde que eu a conheço.

— Pobre garoto rico — Catalina sussurrou com um olhar compassivo, enquanto acariciava sua bochecha suavemente.

Muito rígido, ele se afastou dela rapidamente.

— Não sinto pena de mim, tive muita compensação.

Catalina percebeu que, mais uma vez, estava se refugiando atrás de suas defesas e decidiu mudar de assunto.

— É uma casa linda, Leopold, gostaria que você me mostrasse tudo! — ela se virou, olhando para o belo teto decorado.

— Eu prometo, mas é melhor eu levá-la a seu quarto primeiro. Venha! — seu vizinho agarrou sua mão novamente e eles rapidamente subiram a impressionante escada de mármore que se ramificava em duas, antes de chegar ao último andar.

Leopold abriu uma porta e se afastou para ela passar. O quarto era fresco e iluminado, e estava coberto com um papel de parede com motivo de hera. De um lado da grande cama de dossel havia uma imensa lareira de pedra e, diante dela, uma janela curva, com um banco de madeira e coroado por uma confortável almofada da mesma forma, parecia um canto romântico de leitura.

Catalina não pôde conter seu entusiasmo quando viu seu quarto enquanto Leopold a observava secretamente, tentando capturar todas as emoções que passavam pelo rosto expressivo.

— É o quarto mais bonito que eu já vi!

— Olha, esse é o banheiro — ele abriu outra porta — Você terá que compartilhar comigo. Esse é o problema das casas antigas, é difícil fazer as intervenções necessárias.

O banheiro era imenso e a luz natural se derramava através de uma ampla janela em frente à qual estava colocada uma velha banheira de ferro com quatro pernas que imitava as garras de um leão.

— Adorei, adorei! Meu Deus, que banho eu vou tomar nesta banheira maravilhosa! — Catalina andava de um lado para outro admirando tudo.

No outro extremo havia outra porta, escondida como uma parte da parede, que levava ao outro aposento.

— E este é o meu quarto. — Leo abriu e a convidou para entrar. — Para ter privacidade, tudo o que você precisa fazer é fechar a porta com uma trava.

— Perfeito.

O quarto de Leopold também era sensacional, mas a decoração era muito mais masculina. Em vez de um banco de leitura, em frente à janela dupla de

Cat, uma mesa e uma cadeira antigas de mogno foram colocadas.

— Estou ansiosa para ver o resto da casa! — o entusiasmo de Catalina era contagioso.

— Você não quer descansar um pouco? — ele perguntou, divertido com essa vitalidade avassaladora.

— Você quer? — ela perguntou, por sua vez, decepcionada.

Leopold reprimiu uma risada e respondeu:

— Ok, em vinte minutos eu vou bater na sua porta.

Catalina deu um sorriso deslumbrante e desapareceu pela porta do banheiro, fechando-a atrás dela.



Exatamente vinte minutos depois, Leopold bateu na porta do quarto da vizinha e, durante as duas horas seguintes, passaram o tempo percorrendo a enorme mansão de ponta a ponta. Catalina foi incansável e continuou fazendo perguntas, e através de seus comentários entusiasmados, ele começou a ver a casa com olhos diferentes.

A relação que ligava Leopold à Hallcourt Abbey era de amor e ódio. Entre aquelas paredes, tinha passado uma infância solitária. Seu pai morreu quando ele tinha apenas cinco anos e um tutor cuidou de sua educação até que sua mãe o enviou para Eton aos doze anos. Apesar do fato de que, no plano material, ele tivera mais do que poderia desejar, sua mãe sempre fora mais exigente do que afetuosa e, sendo filho único e herdeiro, todas as expectativas da família caíam sobre ele.

A dolorosa falta de ternura de sua mãe durante seus primeiros anos, e a falta de amigos de sua idade para brincar, fizeram com que aquela criança solitária erigisse ao seu redor uma série de barreiras protetoras. Enquanto caminhava com a garota pelos cantos que traziam tantas lembranças, Leopold compreendeu que aquelas ainda estavam lá, embora, desde que conheceu Catalina, algumas pedras do muro com o qual ele se cercava começaram a quebrar e ameaçavam desabar.

Ele a observou enquanto admirava em êxtase a galeria de retratos de seus antepassados. De repente, ele entendeu por que pensara que não gostava de sua vizinha: desde o início, seu inconsciente sentiu que Catalina seria aquele

tremor que sacudiria suas defesas e, aterrorizado, ele se apegara a elas com unhas e dentes. Ele não tinha certeza de que queria que elas ruissem, afinal, elas o protegeram a maior parte de sua vida e sem isso ele se sentiria nu.

— Quem é este? Ele se parece muito com você. — a voz feminina o tirou de seus pensamentos.

Catalina apontou para uma pintura em que um homem de aparência imponente, vestido à moda do século XIX, os encarava severamente.

— John Leopold Saint Clair Gallagher, meu trisavô. Foi ele quem reconstruiu a fortuna da família comercializando produtos que ele trazia da Índia. As raízes da Gallagher & Associados começaram com sua empresa no exterior.

— É impressionante. Se você se vestir como ele, seriam idênticos — afirmou ela fascinada.

— Você acha que eu olho para você com essa expressão de desaprovação?

Catalina virou-se para ele, sorrindo.

— Claro que sim. Você sempre olhou para mim como se eu fosse um inseto no seu caminho que não pisava apenas por cortesia.

Ele ficou rígido.

— Sinto muito que você pense assim.

— Está vendo? — Catalina gargalhou.

Rapidamente ela estendeu a mão e acariciou o cenho franzido com as pontas dos dedos. Leopold permaneceu muito quieto sob o toque suave, desejando que terminasse e, ao mesmo tempo, implorando para que continuasse para sempre. Quando sua testa relaxou, ela se virou novamente.

— Muito melhor.

— É melhor voltarmos para o quarto e nos trocarmos para jantar — disse ele quando se recuperou da sensação de que os dedos frios de sua vizinha deixaram em sua pele.

Capítulo 15

Catalina tomou um banho quente demorado e colocou um dos vestidos simples que tinha levado. Não sabia se o jantar seria muito formal, mas deu de ombros, essa era a roupa e não tinha nada que pudesse fazer a respeito. Quando entrou na sala que Bates indicou, Leopold, muito elegante com calças escuras e uma camisa branca, a esperava, em pé, junto a lareira.

— Está muito linda, — ele a olhou com evidente admiração.

— Obrigada.

Nesse momento sua mãe entrou, usando um elegante vestido cinza de seda.

— Ah, queridos, já estão aqui. Eu convidei os Atkinson para jantar.

Pela forma com que seu vizinho apertou a mandíbula, Catalina intuiu que a notícia não lhe fazia muito feliz. Nesse momento, a porta se abriu e Bates anunciou:

— A senhorita e o senhor Atkinson.

Uma mulher parecida com Alison, só que em uma versão ruiva e um pouco mais jovem, entrou seguida por um homem atraente de cabelos avermelhados, apenas alguns centímetros mais alto que a própria Catalina.

A mãe de Leopoldo fez as apresentações.

— Cat, esses são Pamela e Robert. Somos vizinhos há anos.

— Encantado.

— Então você é a noiva de Leopold? — o homem a correu devagar, com seus insolentes olhos azuis.

— Com certeza. — Leopold apressadamente colocou um braço em volta da cintura de Catalina e a segurou a seu lado de maneira possessiva.

— Eu gostaria de saber como se conheceram. — a ruiva lançou um olhar maldoso a Catalina e, num tom que contrariava completamente o significado de suas palavras, acrescentou — Eu amo histórias de amor.

— Então — uma luz maliciosa acendeu nos olhos de Leopold — somos

vizinhos e nossos terraços são separados por uma divisória de vidro fina. Jamais esquecerei a noite em que vi Catalina em seu terraço, enrolada apenas em uma toalha de banho...

— Querido, você não precisa dar todos os detalhes. — Catalina enterrou o rosto no ombro masculino em uma timidez fingida.

Leopold não perdeu o olhar assassino que Pamela lançou a garota, mas quando viu a expressão lasciva desenhada no rosto de seu irmão, a situação já não ficou tão divertida.

— Claro que é melhor não dar tantos detalhes. — a senhora Gallagher olhou para o filho com desaprovação.

— Você está certa, mãe, eu não quero envergonhar Catalina. — Leopold ergueu o queixo de Catalina com dois dedos e beijou apaixonadamente seus lábios.

Depois do que lhe pareceu uma eternidade, seu vizinho se afastou lentamente, ainda a olhando nos olhos, e Catalina sentiu-se corar, desta vez de verdade. A voz aguda de Pamela a tirou do estranho transe em que aqueles lábios masculinos a haviam mergulhado.

— Bem, parece que ela está um pouco envergonhada — comentou sarcasticamente, fixando os olhos desdenhosos no rosto corado da jovem.

— Filho, você sabe que as exposições de amor me parecem vulgares. É melhor irmos à sala de jantar — disse a mãe friamente e saiu da sala, seguida por Robert e Pamela.

— Leo, você prometeu que me trataria de maneira educada e carinhosa — Catalina sussurrou com raiva.

Seu vizinho fingiu surpresa.

— Eu não fui educado?

— Você sabe muito bem o que eu quero dizer. Nada de mais beijos ou abraços em público.

— Em particular, sim?

Ela ergueu os olhos para o céu, exasperada.

— Leo...

Leopold colocou a mão da amiga na dobra de seu braço e a levou para a sala de jantar.

— Ok, Catalina, prometo me comportar, só queria demonstrar àquele casal irritante que a nossa união não é uma farsa, como parecem acreditar.

— Mas, de fato, querido Leo, é exatamente isso — ela o lembrou, como se estivesse explicando um assunto óbvio para uma criança pequena.

— Sim, mas eles não precisam saber. — eles já haviam chegado à sala de jantar, então Catalina não pôde responder.

O jantar ocorreu em um ambiente muito formal, cada um sentado em uma das extremidades da imensa mesa de mogno, tornando as conversas frias e pouco naturais. Felizmente, Leopold estava a sua frente e, quando sua mãe ou Pamela, fez um comentário mais absurdo, ele revirou os olhos de uma maneira que, em uma ocasião, Catalina teve que enfiar a cabeça no guardanapo e simular um ataque de tosse. Depois de alguns segundos, ela olhou para o rosto congestionado e franziu a testa para o vizinho, mas ele apenas devolveu um olhar inocente.

Leopold teve que admitir que nunca se divertira tanto em um jantar em sua casa. Ele e Catalina pareciam ser capazes de se comunicar com apenas um olhar e, de vez em quando, ele fazia um esforço para conter uma risada dos comentários que ela fazia com suposta sinceridade.

Quando terminaram o jantar, retornaram à sala de estar e Bates serviu copos de licor e chocolates. Robert aproveitou a oportunidade para se sentar em uma poltrona ao lado de Catalina e começou a falar com ela em voz baixa, sem perder a oportunidade de roçar a pele nua do braço em todas as oportunidades.

Pamela, por sua vez, sentou-se ao lado de Leopold e estava tentando chamar sua atenção, contando-lhe uma série de histórias de caça chatas enquanto sua mãe observava a situação embaraçosa com complacência. O filho dela mal percebia as respostas que estava dando à ruiva; Robert Longhands estava dando nos nervos. Finalmente, a certa altura, ele disse a Catalina:

— Catalina, querida, imagino que você deva estar cansada, talvez devêssemos ir para a cama.

— Você está certo, Leo, foi um longo dia, será o melhor.

— Você está realmente nos deixando agora, linda Cat? Não sei se posso suportar essa despedida. — Robert pegou a mão dela, levou-a aos lábios e deu um beijo molhado na palma da mão, ainda olhando nos olhos dela, insinuante.

Leopold cerrou os punhos e ficou tentado a enfiar um deles em seu rosto, mas com grande esforço conseguiu se conter. Catalina se despediu de todos, colocou a mão no braço que seu suposto noivo estendeu para ela e saíram da sala. Quando estavam a uma distância segura, ela apertou o seu braço e deu-lhe um olhar sorridente.

— Meu Deus, Leopold, você se comportou muito mal, pensei que teria um ataque.

— Eu? Era você com suas perguntas ingênuas. Você estava me colocando à beira do abismo — respondeu o vizinho, fingindo indignação.

Catalina deu uma de suas risadas contagiantes e ele olhou para ela com carinho.

— Estou feliz que você concordou em vir comigo Catalina.

— Estou feliz também, Leo.

Eles pararam na porta do quarto da garota. Ela ergueu o rosto ainda sorridente para ele e, por um instante, as pupilas de um ficaram presas nas pupilas do outro e a respiração de ambos ficou mais difícil. O som de uma porta batendo em algum lugar da casa os tirou do encanto e, um pouco envergonhada, Catalina se apressou em dizer adeus:

— Boa noite, Leo.

— Boa noite, Catalina. — muito lentamente, seu vizinho inclinou a cabeça e deu um beijo delicado no canto da boca que enviou uma enxurrada de faíscas a todas as suas terminações nervosas. Apesar dele não toca-la com nenhuma outra parte do corpo, Catalina achou muito difícil se afastar e demorou alguns segundos até que finalmente conseguiu dar um passo para trás. Então ela entrou no quarto, fechou a porta gentilmente e apoiou a testa na madeira, ofegante.

Leopold permaneceu imóvel do outro lado, enquanto tentava recuperar o ritmo normal da respiração. Finalmente, ele passou a mão pelos cabelos, completamente despenteado, e caminhou lentamente para o quarto.

Talvez ele devesse retomar seu plano de sedução...



Nos dias seguintes, o sol brilhou intensamente e Leopold aproveitou a oportunidade para mostrar a sua hóspede os arredores. Ao meio dia, eles costumavam andar a cavalo e Catalina foi forçada a reconhecer que o local onde ficava a Hallcourt Abbey era um dos mais espetaculares que ela já vira.

A casa estava localizada em uma colina de onde o mar podia ser visto. O tom azul escuro da água refletia o brilho do céu da primavera. Catalina estava ansiosa para começar a pintar, então uma manhã Leopold a levou a um de

seus locais favoritos — que costumava frequentar quando criança e queria fugir do olhar atento de seu tutor — de onde a paisagem que se descortinava era de tirar o fôlego.

— É tão bonito! — Catalina olhou maravilhada para os penhascos íngremes e a pequena praia de areia branca ao fundo.

Leopold observou os cabelos castanhos esvoaçarem com a brisa forte, como uma bandeira tremulando ao vento. Ela vestira seu jeans mais velho e rasgado até o joelho e uma camiseta de mangas compridas desbotada por causa da lavagem, mas, como sempre, a achava perturbadora e sedutora.

— Escolha onde você quer ficar, aqui talvez o vento a incomode.

— Sim, me atrapalharia trabalhar. Tem certeza de que quer ficar, Leo? Eu aviso que, quando começo a pintar, esqueço todo o resto — ela alertou por cima do ombro para o vizinho, que estava carregando uma tela média e o cavalete de madeira enquanto ela levava a caixa de tinta.

— Não se preocupe, eu sempre gostei de vir aqui. Aproveitarei o silêncio para pensar em novas abordagens para a empresa.

Catalina deu de ombros e escolheu um lugar protegido por um grupo de árvores, de onde a vista era um sonho.

— Eu vou ficar aqui — ela anunciou, satisfeita.

— Vou ao carro pegar o resto das coisas. — Mas ela não o ouviu, absorvida como estava em seus preparativos.

Leopold suspirou, sentindo que a garota não iria prestar muita atenção a ele naquele dia, então voltou ao carro que estava estacionado onde a estrada arenosa terminava e tirou a cesta de piquenique que ele havia pedido à cozinheira. A praia não ficava longe do local escolhido por Catalina e ele aproveitou a oportunidade para esfriar algumas garrafas na água gelada do mar.

Quando ele terminou, deitou de lado no prado fofo, perto de onde ela pintava, apoiou a cabeça na mão e a observou enquanto ela trabalhava, ainda mordiscando uma erva que pendia do canto da boca. Ele achou fascinante o modo como Catalina se concentrava em sua pintura. Embora ele tenha feito alguns comentários, ela apenas respondeu com um rosnado ausente. Divertido, ele apenas observou enquanto misturava as cores e as espalhava com traços firmes pela tela imaculada.

Leopold estava tão relaxado que era impossível para ele se concentrar em qualquer pensamento relacionado ao trabalho, por isso se permitiu ser acariciado pelo ar salgado enquanto inalava o cheiro da grama e de flores, e

desfrutava da presença de Catalina que pintava, concentrada, há apenas alguns metros dele.

Fazia muito tempo desde que ele se sentira tão feliz.



Mais de duas horas depois, Catalina se virou e pareceu notar pela primeira vez a presença do vizinho.

— Meu Deus, Leo! Receio ter sido terrivelmente rude. Você ficou muito entediado? — ela olhou para a figura masculina sentada na grama, os fortes braços bronzeados saindo das mangas da camisa pólo azul rodeando uma das pernas longas. Apesar de estar vestido casualmente e com cabelos grisalhos despenteados pela brisa do mar, ele ainda tinha aquele toque aristocrático que o diferenciava do resto e, mais uma vez, ela não pôde deixar de pensar que aquele era o homem mais atraente com quem ela já tinha cruzado.

Os olhos cinzentos brilhavam enquanto arrumava os cabelos desgrenhados de Catalina, o rosto bonito, com várias manchas de tinta, e aquela camiseta velha que agora contava com quase tantas cores quanto a tela.

— Eu não estou nem um pouco entediado. Não me lembro da última vez que me senti tão confortável. Além disso, assistir você pintar é um espetáculo.

Catalina caiu ao lado dele.

— Estou cansada. Estou de pé há muito tempo e quando pinto fico muito tensa.

— Você quer que eu lhe faça uma massagem? — ele ofereceu solicitamente.

Ela sorriu maliciosamente para ele.

— Não, obrigado, querido vizinho. — vendo sua expressão de decepção exagerada, ela riu alto — Você pode dizer o que tem naquela cesta grande, Chapeuzinho Vermelho?

— Sou um homem de negócios perspicaz e, antes de sair, pedi à cozinheira que preparasse algo delicioso para nós. Está com fome?

— Estou faminta!

— Se você quiser, tire as coisas da cesta e eu vou pegar as bebidas que

deixei esfriando.

Catalina estendeu um cobertor que encontrou dentro da cesta e colocou pratos de porcelana, dois copos de cristal, sanduíches e bolos. Olhar para a comida deu água na boca, felizmente, naquele momento Leopold chegou com as garrafas.

— Trouxe água e vinho branco, mas prometo que é de baixo teor alcoólico e que não lhe servirei mais de um copo. De acordo?

— Ok, eu confio em você.

— Você tem certeza? Hum. Não sei se gosto dessa afirmação. Parece que você está me deixando com minhas mãos atadas.

Divertida, ela serviu alguns sanduíches no prato.

— Leo, não comece, lembre-se que nós dois preferimos ser amigos.

— Bem, mas lembre-se também de que estamos noivos. Leopold se lançou com fome em um dos sanduíches.

— É melhor você lembrar que é apenas uma farsa para enganar sua mãe e se livrar das garras terríveis da honorável Pamela Atkinson — respondeu Catalina, antes de dar uma mordida no dela.

— Faz tanto tempo desde que uma mulher colocou suas garras, terríveis ou não, em mim, que não sei se isso me deixa feliz ou triste — lamentou, muito sério.

— Pobre menino — Catalina olhou para ele ironicamente, — mas se é isso que você quer, posso anunciar o colapso de nosso compromisso e deixar você livre.

— Eu sabia que você aproveitaria todas as oportunidades para tentar se desviar do caminho — ele rosnou.

— Vamos esclarecer a situação de uma vez — Catalina perguntou com a boca cheia — Você quer que a linda Pamela coloque suas garras em você, sim ou não?

Leopold fingiu engasgar.

— Céus, não! Só estou dizendo que não me importaria se suas garras pousassem em mim de vez em quando.

— Leopold Gallagher, não siga por esse caminho!

— Catalina Stapleton, você é uma moleca!

Os dois se entreolharam e riram.

— Prometo que, enquanto puder, vou protegê-lo — disse Catalina finalmente, pegando um bolo de limão — apenas para agradecer por esse maravilhoso banquete; tudo está delicioso.

— Sim, a verdade é que Doris é uma ótima cozinheira.

Após a refeição abundante, Catalina foi tomada por uma agradável sonolência. Depois de colocar as sobras e as vasilhas sujas na cesta, ela disse sonolenta:

— Acho que vou tirar uma soneca.

— Muito bem, vou explorar um pouco.

Quando Leopold voltou, depois de uma hora de caminhada, ela estava adormecida sobre cobertor. Queria deitar-se ao lado dela e beijá-la para abrir os olhos. Ele a olhou por um longo tempo, se perguntando por que diabos a queria tanto. Ele conhecera mulheres bonitas, mas nenhuma o alterara como Catalina Stapleton o fez. Nesse momento, as pálpebras femininas tremeram e ela abriu os olhos.

— Que belo cochilo – ela se espreguiçou ostensivamente.

— Você já foi informada de que bocejar em público é rude? — Leopold franziu a testa, severo, embora as pupilas cinzas brilhassem de tanto rir.

— Se eu tiver alguma dúvida sobre etiqueta e protocolo, eu o informarei, Sr. Gallagher — respondeu ela, muito digna — Ugh, estou suando...

— Você quer tomar banho?

— Você está louco? A água deve estar congelante, além disso, eu não trouxe uma roupa de banho.

— Esta enseada é como se fosse privada, só pode ser alcançada andando muito ou de barco, por isso está sempre deserta. Podemos dar um mergulho.

— Leopold Gallagher! Justamente você não está sugerindo que tomemos banho nus?

— O que isso significa 'justamente você'? — incomodado, ele imitou sua maneira de enfatizar as palavras. Catalina abriu a boca para responder, mas ele levantou a mão para detê-la — Não responda! Eu prefiro não saber. — É claro que ele não pretendia tomar banho nu — Só de pensar nisso percebia uma repentina excitação — Podemos tomar banho com roupas de baixo, já fiz isso muitas vezes, é claro que estava sempre sozinho, mas prometo não olhar.

— É claro que, se eu estivesse com um amigo, faria isso sem pensar duas vezes — comentou Catalina como se estivesse falando sozinha, a verdade é que ela se sentia pegajosa após a soneca e a idéia de tomar um banho nas calmas águas azuis a atraía poderosamente.

— Você sempre diz que sou seu amigo. — Leopold esperava que não estivesse sendo muito insistente.

— Ok, mas não é o mesmo. Além disso, você confessou uma vez que queria me seduzir — ela lembrou secamente.

— Dou a você minha palavra de cavalheiro de que não vou tirar — ele levantou a palma da mão, como se tivesse acabado de fazer um juramento solene.

— A sua palavra de cavalheiro vale tanto quanto a sua palavra de escoteiro? — ela perguntou maliciosamente.

— Caramba, Catalina, você é muito desconfiada e, para piorar, você tem uma boa memória irritante! — exclamou o vizinho com falsa indignação.

— A verdade é que eu realmente sinto vontade de tomar um banho... — ela olhou ansiosamente para as águas límpidas.

— Eu prometo que ficarei aqui até que você esteja na água, então grite e eu entrarei, ok?

— De acordo — Catalina finalmente cedeu à tentação.

Capítulo 16

Catalina se aproximou da pequena praia de areia branca e certificou-se de que Leopold não pudesse vê-la de sua posição. Tirou a camiseta e o jeans e ficou apenas com a calcinha branca. Rapidamente, ela entrou na água e quase engasgou quando percebeu como estava fria.

— Leo, você pode! – ela gritou, incapaz de parar de bater os dentes.

Começou a nadar para se aquecer enquanto ainda olhava para o homem que, naquele momento, cruzou os braços vigorosos na frente do peito e os ergueu acima da cabeça, tirando a polo azul.

Vendo aqueles ombros largos e seu torso moreno e musculoso, ela se perguntou quando seu vizinho, tão ocupado, encontrava tempo para se bronzear. Disse a si mesma que não era certo espioná-lo e tentou se forçar a virar a cabeça, mas uma curiosidade irresistível a impedia de tirar os olhos daquele corpo esplêndido quando Leopold desabotoou os botões do jeans e ficou com apenas uma cueca branca. Catalina enterrou o rosto nas águas geladas, numa tentativa fútil de aliviar sua súbita asfixia. Não havia como negar que o estilo clássico assentava perfeitamente a ele, disse a si mesma. Leopold entrou na água, deu algumas braçadas e chegou bem perto dela.

— Está boa, não? — ele balançou a cabeça, jogando gotas de água em todas as direções, e dentes brancos brilharam em um sorriso atraente em seu rosto bronzeado.

— Está congelado - disse Catalina, aterrorizada.

— Aposto uma corrida, chorona.

Eles passaram muito tempo brincando e nadando até Catalina conseguir se aquecer. Então os dois flutuaram de costas por um tempo, recebendo os raios quentes do sol em seus rostos.

— E agora o que fazemos?

— Vou sair primeiro e pegar o cobertor de piquenique. Enquanto isso, aproveite a oportunidade para remover a roupa molhada e colocar o resto de

suas roupas, tudo bem?

— Uma sincronização perfeita.

Leopold já se afastava em direção ao bosque onde haviam comido, quando, levado por um impulso incontrollável, virou-se o mesmo tempo que a mulher e, ao instante, ficou paralisado, como se ele também se tivesse convertido em estátua de sal.

De costas para ele, Catalina saiu do mar. Tinha aberto o fecho do sutiã e agora estava puxando as alças pelos braços, depois deslizou os polegares pela calcinha e tirou o resto da roupa íntima. Por alguns segundos em que o tempo pareceu parar, a figura feminina, esbelta e sensual, completamente nua como uma deusa da antiguidade, se destacou no horizonte e Leopold ofegou. Em seguida, Catalina vestiu sua camiseta e jeans, e o rapaz conseguiu recuperar o uso de suas pernas trêmulas e se afastou para onde estava o cobertor.

Depois de terminar de se vestir, Leopold teve que ficar por um longo tempo atrás da rocha, onde antes havia se protegido do vento, na tentativa de voltar ao normal. A imagem nua de Catalina o atormentou e ele estava determinado a não sair até ter certeza de que não pularia nela para devorá-la assim que a visse. Quando finalmente achou que suas paixões estavam sob controle, deixou seu esconderijo e foi em direção a ela. A vizinha estava sentada na areia, observando as ondas quebrarem suavemente a alguns metros de seus pés.

Leopold entregou-lhe o cobertor.

— Aqui. — sua voz soou mais rouca que o normal.

— Demorou muito tempo — repreendeu-o — estava começando a congelar. Venha sentar aqui.

Catalina bateu as mãos na areia.

— Deixa pra lá, eu não estou com frio — ele mentiu, se levantando.

— Não seja bobo, você tem os lábios roxos.

Relutantemente, ele se sentou ao lado dela e Catalina colocou uma ponta do cobertor sobre os seus ombros. Segurando cada um de um lado, eles contemplaram as poucas nuvens que embaçavam o céu que começavam a ficarem amarelas, roxas e alaranjadas. A garota se aproximou dele, buscando seu calor, e Leopold teve que conter um desejo avassalador de acariciá-la.

— Foi um dia maravilhoso, Leo, eu sempre lembrarei. — Catalina agarrou seu braço e, amorosamente, se apoiou ainda mais. Ele cerrou os dentes para não gemer; sua cabeça estava girando com o desejo.

— Há algo de errado com você? — Sinto que está um pouco tenso.

— Não... não é nada — ele se apressou a responder.

— Você não se divertiu?

— Há muito tempo que não me divertia tanto. — a sinceridade que transparecia em sua voz profunda era evidente.

Eles ficaram por um longo tempo em um silêncio amigável, vendo o sol afundar lentamente no mar.

— Acho que devemos voltar — disse Catalina por fim, arrependida por quebrar a quietude do lugar.

— Tem razão. Em alguns minutos estará muito escuro.

Leopold ergueu-se e estendeu a mão calorosa e acolhedora para ajudá-la; Catalina colocou nela os dedos gelados e, quando ele a soltou para pegar a cesta e o cavalete, ela sentiu uma estranha sensação de abandono. Eles colocaram tudo no carro e voltaram para casa. Estavam prestes a subir as escadas quando a voz de Pamela Atkinson, que deveria tê-los ouvido chegar e saiu a seu encontro os deteve.

— Cat, Leopold, de onde você vem a essa hora? Nós já jantamos.

— Não importa, Pamela, estamos bem — respondeu Leopold irritado. Ele gostaria de passar despercebido e subir para o quarto sem ser visto.

— Sua mãe quer falar com você, está se queixando de que quase não o viu por esses dias.

Com um suspiro resignado, Leopold passou o braço pela cintura de Cat e a levou para a sala.

— Olá mamãe. Atkinson — ele cumprimentou friamente o outro ocupante da sala.

— Leopold, querido, eu não sei o que você e Cat estão fazendo o dia todo por aí, eu quase não os vi desde que chegaram — foi a resposta da mãe dele enquanto deslizava um olhar de desaprovação pela longa cabeleira de Catalina, emaranhada com sal e a brisa do mar, suas roupas velhas manchadas de tinta e as bochechas avermelhadas pelo sol.

Catalina percebeu e se sentiu um pouco desconfortável ao pensar na visão desganhada que devia ter, em contraste com a perfeição do vestido e da maquiagem que Pamela usava.

— Desculpe, mãe, eu fui mostrar a Catalina os arredores.

— Receio que fui eu quem sequestrou seu filho, senhora Gallagher, as paisagens ao redor de sua casa são tão bonitas que forcei Leo a me mostrar tudo.

Ele se divertiu ao ver sua amiga correndo em sua defesa como se, a essa altura, a desaprovação de sua mãe pudesse machucá-lo. Era mais uma amostra de seu grande coração.

— A verdade é que foi um dia muito longo e nós dois estamos muito cansados. O que você queria me dizer, mãe?

— Robert e Pamela vieram nos convidar para uma festa campestre amanhã. Eu aceitei em seu nome, achei que você não se importaria. Portanto, aproveitaremos a oportunidade para apresentar o Cat aos nossos vizinhos.

Leopold disfarçou uma careta irritada; ele odiava que sua mãe organizasse a agenda para ele e ainda mais se fosse para fazer planos em companhia dos Atkinson. Não suportava Robert, e desde que percebeu como ele olhava para Catalina, muito menos. Mais uma vez, ele aproveitou a oportunidade para se sentar ao lado dela e a despiu com olhos vorazes. Ele apertou os punhos com força. Ansiava arrebentar aquela boca que exibia um sorriso arrogante permanente e teve que cravar as unhas nas palmas das mãos até que doessem para se conter.

Tentando se acalmar, ele se virou para olhar para Pamela e não pôde deixar de compará-la com Catalina. A primeira parecia uma flor de estufa exótica e ligeiramente artificial, enquanto a graça natural e um tanto selvagem de Catalina Stapleton parecia deslocada na pequena sala amarela impecável de sua mãe. Parecia que uma praia selvagem ou os prados verdes ingleses após uma boa tempestade seria uma moldura mais apropriada para sua beleza.

— Agradeço o convite. — o rosto de Leopold, como sempre, permaneceu impassível, sem demonstrar seus pensamentos — Conte conosco, mas agora devemos dizer boa noite, Catalina confessou-me há alguns minutos que estava exausta.

A mencionada cobriu a boca com a mão, como se tentasse esconder um bocejo, e piscou para ele secretamente e, mais uma vez, Leopold foi forçado a conter um sorriso.

Robert agarrou Catalina pelo braço.

— Vamos, fique mais um pouco — implorou.

Ela deu um sorriso educado, soltou-se gentilmente e levantou—se.

— Desculpe, sério, estou exausta.

— Boa noite — Leopold pegou a mão dela e eles saíram da sala juntos. Assim que ficaram fora do alcance da voz, ele disse — Eu odeio esse cara.

— Quem, Robert? Você não vai ficar com ciúmes, vai? — Catalina

levantou uma sobrancelha, zombeteira.

— Eu não gosto que toquem em minha noiva.

— Eu lembro de você...

Ele a interrompeu sem questionar.

— Sim, eu sei que nosso compromisso é uma farsa, mas ele não sabe disso e eu não gosto de compartilhar o que é meu, mesmo que apenas na aparência.

Catalina parou no meio da escada e olhou para ele com os olhos arregalados.

— Caramba, Leopold, com o cabelo um pouco mais comprido você pareceria um homem das cavernas de verdade!

— No fundo, é isso que sou, mulher, então não brinque comigo — ele rosnou, com raiva fingida.

— Mas eu lembro que estamos no século XXI e que não sou de homem algum — respondeu Cat em tom esnobe.

— Ah, não?

— Não — os olhos castanhos o desafiavam maliciosamente.

— Veremos — Leopold se abaixou, agarrou-a pelas coxas e a jogou por cima do ombro como um saco de batatas.

— Me solte, Leo! — Catalina não conseguiu conter o riso quando chutava e batia os punhos contra as costas largas do captor.

— Você é minha, não lute! — seu vizinho ordenou, dando-lhe um tapa forte na bunda.

— Ai!

Carregando-a no ombro, ele foi para o quarto e a jogou sem cerimônia na cama.

— É assim que você aprenderá — disse ele, franzindo a testa para o rosto congestionado de tanto rir, os cabelos compridos bagunçados no travesseiro e a pele macia da barriga, que aparecia sob a camisa fora do lugar. — E agora eu vou violentar você — ele anunciou, antes de se jogar em cima dela e afundar o rosto no pescoço feminino, ainda emitindo uma série de grunhidos ferozes.

Catalina se contorceu de rir sob o corpo, tentando em vão lutar contra as cócegas daquelas mãos que pareciam estar por toda parte, e seus movimentos causaram uma excitação repentina e violenta. Leopold levantou a cabeça e olhou para o rosto risonho. Suas pupilas colidiram e, vendo a paixão que as íris cinzas destilavam, Catalina recuperou sua seriedade e engoliu em seco

quando viu os lábios masculinos se aproximando pouco a pouco.

— Leo... — ela sussurrou quase contra a boca dele, fazendo-o queimar ainda mais.

— Catalina... — Sua respiração a tocou, leve como a brisa.

— Não faça isso — ela implorou.

Leopold ficou muito quieto e, finalmente, com esforço sobre humano, ele se afastou dela e se levantou. Sua respiração difícil revelava que ainda estava lutando para recuperar o controle.

— Boa noite, Catalina — ele se despediu e desapareceu rapidamente pela porta.

Catalina ficou deitada por um longo tempo na cama, olhando para o teto. Ela estava terrivelmente frustrada. Não sabia como tinha conseguido pronunciar as palavras que o impediram, mas, no entanto, estava feliz por ter feito. Algo lhe dizia que, se tivesse permitido que Leopold a beijasse mais uma vez, teria perdido completamente a cabeça.

Temia que isso não fosse uma boa ideia ...



O dia amanheceu perfeito para uma festa no campo. Leopold já estava na sala quando ela desceu para tomar o café da manhã e, embora se sentisse um pouco desconfortável depois da noite anterior, tentou não demonstrar. O vizinho, por outro lado, se comportava como se nada tivesse acontecido. Seu rosto permaneceu inexpressivo e seu tratamento foi tão polido e educado como sempre.

“Ok” — disse a si mesma irritada, embora não soubesse o porquê — “Se você quiser fingir que nada aconteceu aqui, mostrarei que também sou uma boa atriz”.

— Que dia maravilhoso para uma festa no jardim! — ela comentou como se fosse uma duquesa de idade e o tema previsão do tempo fosse o mais emocionante do mundo.

— De fato, apesar de ensolarado, há uma brisa agradável — a resposta do velho duque correspondia às circunstâncias.

— Parece que a ameaça de chuva está muito distante — Catalina agarrou delicadamente a alça da caneca, seu dedo mindinho erguido de maneira

exagerada e tomou um gole.

Leopold reprimiu um sorriso ao contemplar o desempenho da mulher, embora não pudesse evitar seus olhos cinzentos brilhando de diversão. No entanto, ele respondeu muito a sério:

— É verdade, minha querida, podemos brincar na grama como coelhos sem medo de ficar encharcados.

Ao ouvir sua resposta, Catalina riu e, como acabara de tomar outro gole de café, engasgou e começou a tossir. O vizinho levantou-se calmamente, deu a volta na mesa e deu um tapinha nas costas dela. Quando recuperou o fôlego, ela conseguiu dizer:

— Um dia desses você vai me matar, Leo.

Leopold puxou uma cadeira e sentou-se ao lado dela.

— Eu imagino que tenho direito a uma pequena vingança... — ele sussurrou em seu ouvido com uma voz carinhosa.

— Agora, falando sério, o que é uma festa no campo? — Catalina tentou parecer calma, embora seu ouvido ainda estivesse fazendo cócegas.

— É um lanche entre vizinhos que geralmente se transforma em jantar; com um grande buffet, onde cada pessoa se serve do que quer e come sentado em cobertores espalhados pelo jardim. As crianças jogam críquete, os pais conversam sobre futebol, as mulheres trocam receitas e passam a tarde. Quando a noite cai, as tochas são acesas e todos continuam conversando ao luar, até que decidem dormir.

— Parece emocionante, você acha que nossa “Massa depois do Tsunami” fará sucesso?

— Acho que ela será uma das estrelas da temporada.

Os dois se entreolharam com um sorriso e Leopold foi forçado a admitir que, embora Catalina frequentemente o empurrasse ao limite de sua resistência, ele sempre se divertia ao seu lado.

— A que horas vamos sair?

— Pode ficar pronta às cinco, será mais do que suficiente.

Quando chegaram à bela mansão de Atkinson, um pouco menor que a dos Gallaghers, embora em um estilo mais sóbrio, a maioria dos convidados já estava reunida, passeando ou brincando com seus filhos nos gramados bem cuidados que cercavam a casa. A mãe de Leopoldo, ladeada por ambos, cumprimentou seus conhecidos e os apresentou a Catalina. Todos a examinaram com discreta curiosidade. Eles sabiam que ela não pertencia ao círculo fechado em que circulavam, mas poucos minutos depois de conhecê-

la, a maioria a aceitava com amabilidade.

Leopold observou-a conversar com um e o outro com grande animação. Ela estava usando um vestido esvoaçante em cores claras que a fazia parecer tão fresca quanto a primavera. Seu cabelo caia solto nas costas e, quando captava os raios do sol, alguns fios iluminavam com um brilho dourado. Ela era tão bonita que Leopold achou difícil tirar os olhos dela.

— Você é um grande sucesso, Catalina. Algo que não é muito comum entre os amigos da minha mãe — ele disse em um dos poucos momentos em que eles estavam sozinhos.

— Você acha? — ela levantou os calorosos olhos castanhos para ele.

— Normalmente, assim que o novo membro da comunidade dá as costas para eles, é esfolado. Não demora mais de um minuto e meio para começar, eu já cronometrei.

— E como sabe que eles não fizeram o mesmo comigo? — ela disse sorrindo.

— Está brincando? — respondeu muito sério — Ouvi a sra. Lodge-Burrell dizer que você parecia uma jovem encantadora.

Catalina lembrou-se da matrona recauchutada a que acabara de ser apresentada e não pôde segurar a gargalhada.

— Você deve estar brincando, Leo. Assim que me viu, ela fez um gesto curioso com o nariz, como se houvesse um peixe podre por perto.

— É um tique que ficou depois de sua última cirurgia plástica. Estou falando sério, Catalina, o velho dragão deu sua aprovação e isso significa que você conseguiu.

— A verdade é que estou me divertindo muito, Leo, todo mundo é muito legal.

Naquele momento, a mãe de Leopold a chamou para apresentá-la a outro grupo de pessoas e não tiveram escolha a não ser se separar. Pamela, que ficou de olho neles, aproveitou a oportunidade para grudar no braço de Leo e segurá-lo por mais de meia hora. O pobre Leopold só se livrou dela quando anunciaram que a comida era servida. Foi difícil para ele atravessar o grupo de vizinhos que cercavam Catalina, mas, com a desculpa de fazê-la comer alguma coisa, ele passou o braço pela cintura da garota e conseguiu levá-la dali.

— É incrível o fato de estarmos noivos e não podermos ficar mais do que alguns minutos a sós — ele reclamou.

— A vida é injusta, querido. Isso parece muito bom! — Catalina serviu-

se de uma generosa porção de salada de macarrão, posta em uma bandeja de prata.

— Você tem que experimentar o bolo de carne — Leopold colocou um pouco no prato dela antes de servir a si próprio — é a especialidade da cozinheira de Atkinson.

Rindo, encheram os pratos com uma quantidade indecente de comida e serviram duas taças de champanhe. Então eles caminharam para um dos cobertores, estrategicamente posicionados pelo vasto parque que cercava a mansão, e sentaram-se à sombra de um imponente salgueiro-chorão, cujos galhos acariciavam o fluxo de um riacho próximo. Alguns dos convidados decidiram imitá-los e, em pouco tempo, várias outras pessoas ocuparam o cobertor, de modo que o desejo de Leopold de ficar a sós com Catalina por um tempo foi frustrado mais uma vez.

Apesar de tudo, a refeição foi muito animada e eles se divertiram muito. A certa altura, Catalina riu com entusiasmo de algo que o honorável Anthony Robinson, que estava sentado ao lado dela, acabara de lhe dizer, e seu vizinho ficou boquiaberto.

— Claro, Leopold, você não pode esconder sua loucura por ela. — a senhora Lodge-Burrell deu-lhe um tapinha cúmplice em sua coxa.

Ao ouvir isso, Leopoldo notou que, pela primeira vez em sua vida, ele estava corando como uma virgem tímida e era incapaz de responder. Os olhos apertados da mulher pareciam expressar algo semelhante à alegria e ela riu.

Claro que ele não podia esconder que era louco por ela...

Embora Leopold continuasse a participar da conversa como se nada tivesse acontecido, as palavras da mulher ecoaram sem descanso em sua cabeça.

“Bobagem”, ele disse a si mesmo. “Catalina é uma amiga que eu aprecio muito. Pode me atrair um pouco... ok, vamos ser honestos, isso me deixa louco e não há nada que eu gostaria do que levá-la para a cama e fazer amor com ela por horas, mas é isso: puro desejo físico”.

Naquele momento, alguém perguntou sobre seu amigo Harry e Leopold foi forçado a deixar de lado suas especulações sem chegar a uma conclusão satisfatória.

Já estava escuro quando eles terminaram o jantar. Alguns dos convidados organizaram jogos, outros adormeceram em cima das cobertas e alguns decidiram dar um passeio. Robert se ofereceu para mostrar a Catalina um lugar no vasto parque do qual se podia ver uma paisagem esplêndida, e

ela foi relutantemente forçada a aceitar, pois não conseguia encontrar uma maneira de recusar o convite sem parecer rude.

Para sua surpresa, seu anfitrião se comportou como um homem sensível e engraçado e não tentou flertar com ela como sempre. Eles caminharam por um tempo ao longo de um caminho de cascalho, iluminado por tochas, que levavam a um belíssimo mirante de mármore do qual uma vista espetacular da cidade iluminada a seus pés podia ser vista. A noite estava quente e perfumada, e o céu claro estava pontilhado de estrelas brilhantes.

— É maravilhoso! — apoiada na balaustrada, Catalina olhou para a vista, em êxtase.

— Não falei? — mas você tem que ver durante o dia. — Robert deu um sorriso atraente e, por um momento, Catalina pensou que talvez ela estivesse errada ao julgá-lo.

Eles andaram por um caminho estreito, alinhado com espetaculares canteiros de flores, sem parar conversando amigavelmente. Eles tinham acabado de passar por uma curva acentuada que marcava o caminho, quando Catalina parou atônita. À sua frente, iluminados pela luz de uma tocha, ela viu a inconfundível cabeça prateada de Leopold dobrada sobre Pamela Atkinson enquanto seus braços envolviam o pescoço masculino em um abraço apaixonado. Ela ficou parada olhando a cena por alguns segundos, mas Leopold estava de costas e não a viu.

—Vamos sair daqui! — ela sussurrou, virando-se e se afastando de lá com pressa. Robert quase teve que correr para alcançá-la.

As emoções borbulharam violentamente no peito de Catalina enquanto ela voltava pela trilha em alta velocidade, e ela se surpreendeu com a raiva que sentia. Por alguns segundos, ela se perguntou se não estava com ciúmes, se seus sentimentos por seu vizinho iam além de uma atração física.

“Nem vou falar” — ela disse a si mesma sem rodeios — “Eu simplesmente não entendo para que toda essa comédia se, no final, o que ele quer é estar com Pamela.”

— Desculpe, Cat, sério. Eu não sabia... — Robert estava se desculpando desde o mirante.

— Pare com isso, Robert, não é sua culpa! — ela o interrompeu, parando ao lado da balaustrada.

Catalina recostou-se no corrimão frio de pedra tentando acalmar a respiração e olhou em silêncio o maravilhoso vale que cochilava ao luar. De repente, ela notou que Robert tinha um braço em volta da cintura dela,

puxando-a para ele, e ela não resistiu. Ela pensou que ele estava apenas tentando confortá-la e, espantada, ela percebeu que sentia mais necessidade de simpatia do que imaginava. Então seu anfitrião colocou a outra mão sob o queixo dela e gentilmente ergueu seu rosto para ele e a beijou nos lábios. Catalina apoiou a palma da mão no peito dele e tentou empurrá-lo com cuidado, mas só teve tempo de pensar que era curioso o quão pouco se comovia com aquela carícia, antes que um grito de fúria os separasse, assustados.

— Você pode dizer o que diabos está acontecendo aqui ?!

Os olhos de Leopold soltavam faíscas prateadas quando ele caminhou na direção deles, rejeitando com raiva as tentativas desesperadas de Pamela de detê-lo.

Capítulo 17

Quando Pamela passou os braços em volta do pescoço dele e o puxou para beijá-lo, Leopold ficou surpreso demais para resistir; mas depois de alguns segundos ele se afastou dela com firmeza e, visivelmente desconfortável com a situação, disse:

— Desculpe, Pamela, mas estou noivo.

— Não seja antiquado, querido, há muitos homens comprometidos, até casados, que não dão a mínima para embarcar em um flerte ao mesmo tempo...

— Mas eu não sou um desses homens — ele interrompeu categoricamente, retirando aquelas mãos que estavam tentando atraí-lo de volta — É melhor voltarmos para o resto das pessoas.

— Está bem, Leopold, não fique com raiva de mim — implorou — Sinto muito.

Eles começaram a andar no meio de um silêncio embaraçoso. Leopold a queria fora de sua vista, então ele andou o mais rápido que suas longas pernas permitiam, e alguns minutos depois chegaram ao belo mirante.

Quando viu Cat nos braços de Robert Atkinson, viu tudo vermelho, e uma fúria assassina o invadiu. Rapidamente, avançou em direção ao homem que estava abraçando sua suposta noiva e, sem dizer uma única palavra, lançou um soco direto em sua mandíbula, fazendo-o cair no chão, esparramado. Em seguida, ele agarrou o braço de Catalina e a arrastou atrás dele. Sem parar, ele ordenou por cima do ombro para a ruiva que estava olhando para ele com a boca aberta:

— Pamela, faça com que os Wilson levem minha mãe para casa. Estamos saindo agora. Muito obrigado por tudo.

Catalina teve que acelerar o passo para segui-lo.

— Você está me machucando — ela protestou, tentando se libertar da pressão dolorosa de seus dedos.

— Fique quieta! — Leopold afrouxou o aperto, mas não a soltou — Não quero fazer uma cena. Vamos conversar em casa.

Eles chegaram rápido ao carro. Leopold abriu a porta, do lado do passageiro e, quando ela entrou, fechou com força. Deu a partida em silêncio e dirigiu a toda velocidade para a grande mansão de pedra. Bates abriu a porta para eles sem expressar surpresa pelo fato de sua mãe não acompanhá-los e os levou a uma das salas de estar da casa.

— Os senhores desejam tomar uma bebida?

— Não, obrigado Bates, não precisamos de nada, você pode se retirar — Leopold falou calmamente, embora Catalina sentisse que estava prestes a explodir.

Quando o mordomo saiu, fechando a porta discretamente, seu vizinho perguntou com uma voz distorcida pela raiva:

— O que você estava fazendo beijando Atkinson?

Catalina ergueu o queixo desafiadoramente e respondeu com outra pergunta:

— O que é isso, então você possa beijar Pamela e eu não posso me divertir?

— Não beije Pamela.

— Claro, agora eu entendi! De repente, você percebeu que ela não estava respirando e decidiu realizar uma RCP de emergência — depois do que aconteceu com sua aluna, Catalina se matriculou em um curso de primeiros socorros e agora a ressuscitação cardiopulmonar não era segredo para ela.

— Quero dizer que foi ela quem me beijou.

— Ah sim? Bem, parecia que você estava se divertindo muito — ela respondeu no mesmo tom sarcástico.

— Eu não gostei e não mude de assunto! Você veio aqui como minha noiva e eu não vou permitir que você me faça de bobo na frente de todos. — Catalina nunca tinha visto seu vizinho tão bravo, mas não apenas não se esquivou, como o confrontou, desafiadora.

— Claro, a única coisa que importa para você é o seu orgulho ferido. E o meu? Devo permitir que você me deixe como um tola? Enfim, para sua informação, Robert e eu não nos beijamos... bem, quero dizer... Enfim, o pobre homem deve ter pensado que, depois da cena que acabamos de testemunhar, eu me sentiria magoada e só queria me consolar.

— Mas é claro que você não precisava de conforto, porque não se importava em nada que Pamela me beijasse. O que acontece é que você

sempre tem que estar beijando todo mundo. Você gosta de provocar homens! — ele declarou com raiva.

Agora, Catalina estava furiosa e começou a ofensiva, liberando a coisa mais dolorosa que ela conseguia pensar.

— Nós não estamos realmente noivos, então nós dois somos livres para beijar quem quisermos. Não sei de onde vem esse namorado ciumento, Leo, os melodramas sempre me entediaram. — sua voz estava pesada com desdém.

Ao ouvir isso, a raiva de Leopold transbordou como a espuma de uma garrafa de champanhe que alguém tivesse sacudido vigorosamente e, pela primeira vez desde que o conheceu, Catalina testemunhou o que ela sempre quis testemunhar: ver seu vizinho, sempre tão centrado, perdendo o controle.

O espetáculo foi aterrorizante.

Leopold se aproximou dela e, vendo sua expressão, Catalina, assustada, virou-se e fugiu. Ela subiu os degraus de dois em dois enquanto ouvia os passos do vizinho a seguindo, aproximando-se cada vez mais. Ofegando, ela se jogou para dentro do quarto, bateu a porta com força e girou a chave. Ela encostou as costas na madeira tentando recuperar o fôlego e fechou os olhos, mas de repente uma voz ameaçadora soou muito perto de sua orelha e, assustada, ela os abriu novamente.

— Eu acho que você esqueceu um pequeno detalhe...

Leopold havia entrado pela porta do banheiro e estava parado ao lado dela. Assustada, Cat lutou com a fechadura para escapar, mas ele colocou a mão na porta e a impediu de abri-la.

— E agora? — ele a desafiou suavemente. As laterais de seu nariz aristocrático se abriram e se fecharam como as de um cavalo puro-sangue e, sem saber o porquê, esse movimento quase imperceptível lhe deu arrepios.

— Olha, Leo, não é o que você pensa. Calma, é melhor conversarmos como pessoas civilizadas. — tentou parecer calma, embora sua voz tremesse um pouco.

— Estou muito calmo, querida Catalina. — Ele se aproximou lentamente, fazendo-a recuar em direção ao centro do quarto até que, a certa altura, suas pernas colidiram com a cama e ela não conseguiu mais se afastar.

— Isso não faz sentido, Leo. Lembre-se de que nosso compromisso não é real, eu não te enganei. — as íris cinzas queimavam, emitindo chamas prateadas, e Catalina mal reconheceu naquele estranho ardente seu vizinho amigável, que sempre exibia um autocontrole exemplar.

— Você concordou em se tornar minha noiva por um tempo, então o mínimo que pode fazer é se comportar com um pouco de dignidade. Eu acho que não é pedir muito que, por alguns dias, você pare de abraçar e beijar o resto dos homens que povoam esse universo.

— Chega, você é injusto! — com raiva, ela empurrou o peito imponente que estava tão perto do dela, embora não pudesse movê-lo um centímetro.

As pupilas de Leopold deslizaram lentamente por seus cabelos despenteados, seu rosto corado e pararam nos olhos castanhos, que pareciam maiores do que nunca.

— Querida Catalina, estou me segurando há séculos. Você sabe muito bem que eu quero você há um longo tempo. Se são beijos o que você quer, eu posso dar a você, lembre-se de que você me disse que não beijo mal... — esse tom, frio e calmo, em profundo contraste com a paixão que aparecia em seu olhar, a fez estremecer, mas Catalina não estava disposta a ser surpreendida por alguém, então respondeu desafiadora:

— Eu não quero beijos, muito menos um homem como você. Eu pensei que éramos amigos, mas sei que você não tem idéia do que é amizade. Não apenas chega facilmente a conclusões erradas, como também é um ser frio e egoísta.

— Frio? — as pupilas incandescentes pareciam refutar o adjetivo.

Deliberadamente, Leopold se aproximou e ela foi forçada a recuar um pouco para evitar tocá-lo, mas a cama estava mais perto do que ela pensava e ela perdeu o equilíbrio, caindo de costas no colchão.

No ato, ele se esticou sobre ela e rapidamente imobilizou suas pernas com as dele. Catalina se mexeu sob o peso do corpo, mas era como tentar mover uma pedra de duas toneladas. Leopold colocou uma das mãos grandes em volta dos pulsos dela e segurou seus braços acima da cabeça. Incapaz de se libertar, ela ficou muito quieta.

Leopold olhou para ela, com os olhos persistentes nos seios firmes que subiam e desciam agitados sob o tecido fino do vestido. Depois de um tempo que pareceu infinito para Cat, suas pupilas se fixaram novamente nos grandes olhos castanhos nos quais, apesar do esforço da jovem para parecer calma, um leve medo apareceu.

— Não entre em pânico, minha querida Catalina, eu não pretendo machucá-la — ele sussurrou tão perto de seus lábios que ela não conseguiu reprimir um arrepio.

— Não tenho medo! E não me chame de querida! — ela exclamou com

raiva.

Ele olhou para ela ironicamente.

— Você não está com medo, minha querida? — ele inclinou a cabeça ainda mais, até que sua boca quase roçou a dela. Os lábios trêmulos de Catalina a traíram, embora ela fosse incapaz de decidir se era medo ou algo completamente diferente, mas por fim balançou a cabeça — Tem certeza? — o tom baixo de sua voz, rouco e sedutor, arrepiou todos os poros da pele e Catalina olhou para os olhos ardentes que a mantinham imóvel, como as de uma cobra tentando hipnotizá-la.

— Não — aquele leve suspiro acariciou os lábios masculinos e um flash de desejo selvagem brilhou no olhar de Leopold. Catalina adivinhou suas intenções e implorou novamente — Não, Leo, por favor...

— Sim, Catalina, sim. Vou lhe mostrar que não sou frio nem egoísta — ele murmurou, e incapaz de se conter por mais um segundo, sua boca caiu sobre a dela.

A princípio, Catalina tentou resistir e manteve os lábios apertados, mas o beijo do vizinho, ao contrário do que ela esperava, não foi violento. Foi exatamente o oposto. Lentamente, Leopold circulou a boca feminina com a ponta da língua, depois mordiscou o lábio inferior com uma habilidade que a fez fechar as pálpebras, perdendo-se na voluptuosidade daquela carícia.

— Abra sua boca, Catalina — ele ordenou, mal tirando os lábios dos dela.

Catalina obedeceu sem poder evitá-lo e permitiu que o beijo se tornasse mais íntimo, apagando de sua mente tudo que não fosse aqueles lábios enlouquecedores. A boca de Leopold a segurava em transe, do qual ela não queria acordar. Ela esperou que uma voz viesse de algum lugar em sua cabeça, pedindo-lhe que se recusasse a continuar essa loucura, mas sem sucesso;. A fome que a invadia era maior que sua força e, finalmente, desistiu e começou a responder às carícias dele com uma veemência reprimida.

Percebendo sua resposta apaixonada, a empolgação de Leopold cresceu quase insuportavelmente. Os dedos longos puxaram a tira fina do vestido e ele deslizou os lábios sobre a pele aveludada do ombro, traçando um caminho de fogo que a chamuscava por onde passava. Com muito cuidado, ele removeu a outra alça e os seios de Catalina foram expostos. Leopold se afastou por um momento para olhar para os seios, cobertos apenas pelas pequenas roupas íntimas.

— Você é tão linda — ele suspirou e se inclinou sobre eles novamente,

pronto para devorá-los.

Sentindo o toque quente e úmido daquela boca em seus mamilos, Cat se arqueou para mais perto dele. Cega de desejo, ela desabotoou os botões da camisa masculina, um por um, para acariciar, sem impedimentos, aquele peito duro e bronzeado, no qual ela não parava de pensar desde o dia em que tomaram banho na pequena enseada.

Como se a vida de ambos os tivesse levado irremediavelmente a esse exato momento, estavam envolvidos em um frenesi de loucura. Mãos e lábios avidamente procuravam cantos escondidos; pernas entrelaçadas emaranhadas em lençóis amarrotados. As roupas amarrotadas foram jogadas de lado descuidadamente e, finalmente, os corpos de ambos se fundiram com o abandono, varridos por uma torrente de paixão incontrolável que os elevou a alturas desconhecidas. Quando, muito mais tarde, a calma voltou, eles se entreolharam sem dizer uma palavra por vários minutos, como se fossem vítimas de um deslumbramento.

—Catalina...

—Leo...

Depois disso, eles continuaram em silêncio, abraçados, até que Leopold sentiu um desejo urgente de fazer amor com ela novamente. Catalina estava meio adormecida ao lado dele, quando sentiu uma mão quente deslizar entre as coxas.

— Leo...? — ela disse sonolenta.

— Não me detenha, Catalina, por favor. Preciso de você de novo, estou morrendo por você. — a voz rouca em seu ouvido e aquelas carícias hipnóticas acenderam novamente uma brasa que se espalhou em um fogo incontrolável.

Leopold entrou nela com um forte impulso que a fez proferir um gemido profundo. Perdida em sua própria paixão, Catalina cravou as unhas nos músculos das costas dele, enquanto ele continuava a deslizar para frente e para trás com fúria profunda e, quando a maré de excitação que os envolvia alcançou alturas quase insuportáveis, ela chamou o nome dele, e ambos se derramaram como uma cachoeira um no outro.

Ficaram esparramados nos lençóis, respirando com dificuldade e completamente exaustos. Sem soltá-la por um instante, Leopold a abraçou e, segundos depois, os dois adormeceram, colados um ao outro.

Antes do amanhecer, ele a acordou novamente com uma chuva de beijos no rosto e, pela terceira vez naquela noite, eles mergulharam em um turbilhão

de emoções que ninguém, a não ser o outro, era capaz de desencadear e satisfazer.



Devia ser bem tarde quando Catalina foi despertada por um raio de luz que timidamente entrava por meio de um vão entre as cortinas. Ela se espreguiçou lentamente e sentiu seu corpo doer agradavelmente em certos pontos, mas, quase instantaneamente, o que aconteceu na noite anterior voltou à sua memória e seus olhos se abriram. Ela olhou para o rosto cheio de paz do homem que descansava ao seu lado e, por um momento, ela quis estender a mão e acariciar a bochecha onde a barba já estava apontando. No entanto, usou toda a sua força de vontade e resistiu ao desejo. Como se a luz do dia tivesse devolvido o juízo de uma vez, e se perguntou o que diabos tinha feito.

Seu vizinho ainda estava dormindo, completamente alheio a sua turbulência interior, e Catalina aproveitou a oportunidade para deslizar o olhar sobre o rosto, apreciando as atraentes características masculinas: o queixo quadrado, ligeiramente entalhado no centro, denotando determinação; o nariz grande e reto, com um toque aristocrático; os lábios, firmes e sensuais, que a haviam enlouquecido algumas horas antes... e, de repente, ela percebeu que seus sentimentos por Leopold eram muito diferentes dos que ela já havia sentido por qualquer outro homem e ela sabia, sem dúvida, que eles iriam muito além de um mero desejo passageiro.

De alguma forma, sem ela estar ciente disso, Leopold havia se tornado essencial para sua felicidade e Catalina ainda não conseguia entender. Por que ele? Por que alguém com quem, em princípio, ela tinha tão poucas coisas em comum? Balançou a cabeça, incapaz de encontrar a resposta para suas perguntas. Tudo o que sabia era que, depois de tantos anos de relacionamentos superficiais, apaixonara-se pelo vizinho como uma idiota. Não estava claro que Leopold sentisse mais do que apenas atração física por ela.

Assustada pela primeira vez em sua vida, Catalina saiu do colchão, com cuidado para não acordá-lo. Ela ficou ao lado da cama e olhou para ele em silêncio por mais alguns segundos, lutando contra o desejo ardente de deitar

novamente e beijá-lo mais uma vez.

“ Como algo assim pode ter acontecido”? — ela mordeu o lábio inferior nervosamente — “Sou uma estúpida. Tenho que sair daqui, preciso pensar...”

Incapaz de lidar com o choque que o reconhecimento de seu amor havia produzido, Catalina fez o que costumava fazer quando achava que as coisas estavam ficando mais complicadas do que o necessário: decidiu fugir. Sem emitir nenhum som, ela recolheu suas coisas da melhor maneira possível. Felizmente seus materiais de pintura estavam no porta-malas do carro. A toda velocidade, escreveu um bilhete com uma mão não muito firme.

Um assunto urgente surgiu, devo ir. Desculpe levar seu carro comigo.

Por favor, quando você retornar a Londres, traga Milo.

Obrigado por tudo, diga adeus à sua mãe.

Cat

Com a mala na mão, Catalina olhou para o homem adormecido mais uma vez e saiu do quarto, fechando a porta suavemente.



Algumas horas depois, Leopold acordou com um sentimento de felicidade que não se lembrava de ter experimentado. Com um sorriso nos lábios, esticou a mão para o outro lado do colchão e ficou desapontado ao encontrá-lo vazio e gelado. Sem se preocupar, ele abriu os olhos pensando que Catalina estaria no banheiro.

“Que pena” — disse a si mesmo — “estou morrendo de vontade de tê-la em meus braços novamente”.

Ele começou a percorrer os eventos da noite anterior em sua mente. Ele nunca fez amor com alguém com tanta intensidade, e a coisa mais surpreendente foi que ainda não estava saciado. É claro que sua vizinha perversa fez um bom trabalho, pensou sem perder o sorriso. As defesas que lhe custaram tanto para construir ao longo de sua vida estavam em pedaços aos seus pés. Ele nunca se sentiu tão vivo, ele até queria cantar em voz alta.

De repente, seus olhos esbarraram na folha de papel dobrada na mesa de

cabeceira e seu sorriso desapareceu instantaneamente. Inquieto, como se tivesse um mau pressentimento, jogou os lençóis para o lado e se levantou para pegá-la. Ele abriu devagar, com dedos nervosos. Ele teve que ler várias vezes até entender o significado e, quando finalmente o fez, se jogou no colchão como se alguém o tivesse atingido com uma barra de ferro e ficou sentado da cama, olhando fixamente.

Catalina se foi.

A única mulher que ele já amou — pela primeira vez ele conseguiu reconhecer sem rodeios que amava Cat com uma paixão muito além do mero apetite sexual — havia desaparecido, deixando apenas uma nota rabiscada às pressas. modo de despedida. Furioso, Leopold amassou o papel em uma bola e jogou-o com raiva do outro lado do quarto.

Maldita! Como ela o deixara assim depois dos momentos que acabaram de compartilhar? A noite anterior não significou nada para ela? Cheio de raiva, Leopold foi para o quarto e se vestiu a toda velocidade.

Não ia ficar assim! — prometeu a si mesmo.

Ele desceu as escadas correndo e encontrou o mordomo que estava indo para a sala de jantar com uma enorme cafeteira de prata na mão. Leopold respirou fundo, tentando se acalmar, e perguntou:

— Bates, você viu a senhorita Stapleton esta manhã?

— Sim, senhor Leopold. Miss Stapleton saiu há algumas horas, dirigindo seu Range Rover. Ela me pediu para dizer à sua mãe que havia sido chamada em casa e que era necessário que voltasse imediatamente. Espero que não sejam más notícias.

— Eu também espero — respondeu ele, sem saber o que estava dizendo — Assim que arrumar minhas coisas, vou para Londres. Por favor, Bates, diga a James para me trazer Milo o mais rápido possível e coloque-o em um dos carros.

— Muito bem, senhor Leopold.

— Minha mãe já desceu?

— Sim, senhor, está tomando café da manhã na saleta agora.

— Obrigado, Bates.

Leopold abriu a pesada porta de madeira e encontrou sua mãe, impecável como sempre, sentada em uma das extremidades da mesa, franzindo o cenho levemente para uma bandeja cheia de *brioche*s e *croissants*.

— Bom dia, filho — ela cumprimentou friamente, enquanto Bates, ao seu lado, servia café — Posso saber por que você não me esperou ontem para

voltarmos todos juntos?

— Eu tinha algumas coisas para discutir com Catalina — respondeu Leopold, impaciente.

— Bates me disse que Cat teve que sair de repente. — Seu olhar parecia dizer: "Já me pareceu que essa jovem é um tanto estranha".

— Sim, surgiu um problema de família, mas não se preocupe, não é nada sério. Também estou voltando para Londres hoje.

A mãe dele parou a mão com a qual ela segurava um *croissant* na boca e o olhou com espanto.

— Mas, querido, os Cameron nos convidaram para jantar amanhã.

— Desculpe mãe, e desculpe-se por mim. Devo voltar a Londres sem falta.

— Mas...

O filho a interrompeu sem cerimônia.

— Adeus, mãe. — ele se inclinou e roçou os lábios levemente na bochecha de sua mãe e, sem dar tempo para protestar, desapareceu rapidamente pela porta.

Dez minutos depois, Leopold estava retornando a Londres a toda velocidade, sem se importar nem um pouco com o fato de poderem multá-lo.



Assim que chegou, foi direto ao apartamento de Catalina e tocou a campainha furiosamente. Por alguns segundos, ele pensou que não havia ninguém dentro, mas finalmente a porta se abriu e Leopold congelou.

— Bom dia, Gallagher. — Paul Winston o cumprimentou com um sorriso — Olá Milo, olá garoto!

O homem se inclinou e acariciou carinhosamente o enorme bulldog que estava latindo freneticamente ao ver seu mestre novamente.

— Eu não sabia que você estava de volta da Itália — disse Leopold, assim que se recuperou da surpresa de encontrá-lo lá.

— Voltei ontem à noite e realmente não poderia ter sido em melhor momento. Minha sobrinha chegou como um turbilhão de manhã cedo e me disse que havia surgido um assunto urgente e que ela era forçada a deixar o apartamento imediatamente. Os jovens de hoje são muito pouco responsáveis

— Winston balançou a cabeça em desaprovação.

— Ela não disse mais nada para você? — uma raiva selvagem tomou conta de Leopold.

— Apenas me disse que era uma questão de trabalho e que eu não estaria disponível por alguns meses.

— Alguns meses!

Winston lançou-lhe um olhar indulgente, como se estivesse adivinhando o motivo pelo estranho comportamento do vizinho.

— Uma garota adorável, minha sobrinha, hein? — Paul piscou conscientemente, mas seu interlocutor apenas deu de ombros, o que pareceu divertir o homenzinho gorducho ainda mais. — Embora eu deva confessar que ela sempre foi um pouco louca. Às vezes eu não consigo entender o que está passando por sua cabeça.

— Bem, se ela voltar, diga que eu gostaria de falar com ela, por favor — interrompeu Leopold, tentando parecer o mais calmo possível.

— Não se preocupe, eu digo.

— Até mais, Paul.

— Até, Leopold.

Leopold entrou em sua casa e discou o número de Catalina novamente. Pela enésima vez, ela ouviu uma voz feminina avisando que o telefone estava desligado ou fora de alcance. Ele xingou baixinho e sentou no sofá, tentando pensar em alguém mais para ligar. Um segundo depois, pediu a sua secretária que conseguisse o número dos pais de Catalina e o número da loja de sua amiga Fiona.

Assim que conseguiu, ligou para a mãe dela. Marisa, muito gentil, disse a ele que Catalina tinha telefonado para anunciar que iria sair de Londres por alguns meses para se dedicar a suas pinturas, mas não havia dito para onde iria, o que não era surpreendente, porque quando a filha decidia sair para pintar não gostava de ser incomodada. Leopold se despediu, agradecendo a informação e, assim que desligou, tentou a loja de Fiona, mas uma secretária eletrônica o informou que o local ainda estava fechado para férias.

Desesperado, ele enterrou a cabeça nas mãos, sem saber o que fazer. Alguns minutos depois, ele decidiu tomar um banho para ver se a água esclarecia suas idéias. Sob o fluxo quente, imagens ardentes dos dois juntos na cama projetavam-se em sua mente, incontrolláveis, causando a sensação de vazio que o dominava desde que Catalina desapareceu até atingir níveis insuportáveis.

Faltavam alguns dias para o final do feriado, então ele não tinha escolha a não ser esperar, disse a si mesmo. Desesperado, começou a trabalhar tentando enganar seu cérebro para parar de pensar, repetidas vezes, no que havia acontecido entre eles. Durante esses dois dias, embora tivesse seu celular consigo, Leopold não saiu de seu apartamento para o caso de Catalina decidir ligar para ele em casa ou retornar, mas ele não recebeu nenhuma notícia de seu paradeiro. Na manhã do terceiro dia, ele foi à loja de Fiona, antes mesmo do horário comercial, e a surpreendeu levantando a trava de metal.

— Olá, Leo, é você? — a ruivinha notou as olheiras sob os atraentes olhos do homem e a face com a barba por fazer.

— Olá, Fiona, eu queria perguntar se você sabe alguma coisa sobre Catalina.

— Cat? Ela ligou para me dizer que iria pintar por alguns meses e que estaria inacessível.

— Você não sabe para onde foi? — Leopold passou os dedos, tremendo levemente, pelos cabelos grisalhos e curtos.

Fiona olhou para ele com pena.

— Desculpe Leo, eu não tenho ideia. Quando Cat decide ir a algum lugar para pintar, não gosta de se distrair com nada, então ela geralmente não leva o telefone.

— Entendo. — esfregou a ponta do nariz entre o dedo indicador e o polegar em um gesto de exaustão.

— Posso fazer mais alguma coisa por você? — a jovem perguntou, ansiosa por ajudar com alguma coisa. A verdade era que ela não gostava de ver um homem tão atraente sofrer.

— Nada, muito obrigado, Fiona.

Abatido, Leopoldo se despediu dela e voltou para casa, mas assim que chegou, saiu novamente e foi para a escola onde ela ensinava. Lá eles disseram o mesmo que ele já sabia: que Catalina havia decidido passar alguns meses pintando e que ela lhes enviara um substituto para o restante do curso. Leopold voltou para casa mais uma vez, deitou-se na cama e ficou ali o resto do dia. O profundo desconforto que ele sentia era quase físico. Ele estava tonto e sua cabeça doía muito. De repente, lembrou-se de que há apenas algumas semanas estava convencido de que só precisaria dormir com Catherine Stapleton para esquecê-la.

Que idiota!

Uma careta depreciativa vincou seus lábios. Fazer amor com Catalina foi o pior erro que ele já havia cometido. A jovem tinha penetrado tanto na pele dele que agora não havia como saber qual parte era dele e qual pertencia a ela.

Com uma raiva impotente, ele socou o travesseiro várias vezes com o punho. Então o agarrou desesperadamente, como se fosse o corpo de Catalina que estava segurando, e enterrou o rosto nele, sentindo-se como o homem mais digno de pena de todo o universo.

Capítulo 18

Cinco meses depois, Leopold Gallagher estava trabalhando em seu escritório quando sua secretária entrou com uma cópia do The Times em uma de suas mãos.

— Obrigado, Janet, deixe aí, por favor — disse ele sem desviar o olhar dos documentos que estava revisando.

Quando terminou, abriu o jornal e deu uma olhada rápida nas notícias do dia. Ao virar uma página, ele olhou de relance um dos numerosos anúncios da seção de cultura de passagem. Incrédulo, ele congelou e releu com cuidado.

HOJE QUARTA—FEIRA, 19:00
INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO DE PINTURA
“PAISAGENS INTERIORES”
DE CATALINA STAPLETON
GALERIA TORRES

Leopold passou muito tempo olhando o anúncio sem realmente vê-lo. A dor aguda que o atingiu o surpreendeu. Tinha se convencido de que o tempo decorrido havia conseguido mitigar os danos causados pelo desaparecimento de Catalina, sem lhe dar nenhuma explicação. Sua primeira idéia foi rasgar a página, amassá-la entre os dedos e jogá-la no lixo, mas ele imediatamente mudou de idéia. Ao longo de sua vida, ele enfrentou problemas de frente e desta vez não seria exceção.

Embora não acreditasse mais ter sentimentos profundos por Catalina, pensou que seria melhor ter certeza. Leopold refletiu por um longo tempo e tomou uma decisão: ele iria à galeria e a cumprimentaria como um ser civilizado cumprimenta outro com quem compartilhou alguns momentos especiais.

Nada mais.

Satisfeito quando percebeu o quão calmo se sentia depois de tomar essa decisão, decidiu ligar para a esposa de Harry para acompanhá-lo.



Assim que entrou na galeria, Leopold viu Catalina conversando com Diego Torres e um casal desconhecido em um canto. Apesar de saber que ele iria encontrá-la, Leo não estava preparado para a onda de emoção que tomou conta dele quando a viu. Ela estava ainda mais bonita do que se lembrava. Usava uma calça justa e uma blusa rosa folgada e estava radiante, como se uma lâmpada a estivesse iluminando por dentro. Gallagher parou, incapaz de dar outro passo, e Lisa, que estava andando ao lado dele, olhou com curiosidade.

— Algo errado com você, Leopold?

Ele respirou fundo antes de responder.

— Nada, Lisa. Venha, vamos dizer oi para a artista. Com o braço em volta da cintura da amiga, se aproximaram de Catalina, que estava rindo de algo que Diego havia dito.

— Olá Catalina.

— Leo! — qualquer traço de cor desapareceu instantaneamente de seu rosto, e Leopold, testemunha de sua palidez, sentiu como um fantasma do passado que tinha vindo assombrá-la novamente — Não... eu não esperava... te ver por aqui.

Notava-se que Catalina não encontrava as palavras para dizer, o que lhe deu uma certa satisfação. Com interesse oculto, o olhar de Lisa mudou de um para o outro, como se sentisse as tumultuosas correntes ocultas que circulavam entre os dois.

— Vi o anúncio da exposição no jornal e decidi cumprimentá-la — a vantagem que ele tinha sobre ela permitiu que se dirigisse à ex-vizinha com aparente indiferença.

— Estou... feliz em vê-lo. — sua voz soou embargada, era evidente que ainda estava sob os efeitos da comoção produzida ao vê-lo mais uma vez.

— Fico feliz em vê-la também, Catalina. Você está muito bem. — O olhar masculino deslizou arrogantemente sobre seu corpo como se estivesse

avaliando cada centímetro de sua carne e descobrindo que não estava à altura da tarefa.

Catalina estava começando a se sentir doente e nervosamente mordeu o lábio inferior.

— Obrigada — ela sussurrou. De repente, ela parecia apagada, sem deixar vestígios de sua habitual vivacidade.

Por fim, Leopold conseguiu desviar os olhos do rosto bonito e, fazendo um esforço enorme para continuar aparecendo indiferença, se despediu sem que seu tom calmo traísse sua agitação.

— Bem, deixamos você continuar conversando. Vamos dar uma volta.

— Perfeito. — Catalina ainda estava um pouco pálida, mas poderia dizer que estava começando a recuperar o controle de si mesma.

Leopold e Lisa caminharam calmamente pela exposição e pararam em cada pintura, examinando-a cuidadosamente antes de seguir para a próxima.

— Sua amiga é muito boa — afirmou Lisa, olhando a pintura da pequena enseada da Cornualha que trouxe de volta tantas lembranças.

— Sim — ele se limitou a responder, seguindo a figura de Catalina que agora estava conversando com outro grupo de pessoas.

Naquele momento, Diego Torres se aproximou dela por trás e colocou uma das mãos em sua barriga. Leopold observou Cat virar a cabeça e sorrir gentilmente para ele. De repente, como se um raio tivesse liberado toda a sua carga eletrostática em sua cabeça, ele congelou.

— O que há com você, Leopold? Você ficou pálido. — Lisa descansou preocupada a mão no braço masculino e instantaneamente sentiu sua rigidez.

— Desculpe, Lisa, mas eu tenho que levá-la para casa agora. Prometo que explicarei a você mais tarde. — as palavras pareciam mal sair por entre as mandíbulas cerradas do amigo e, muito surpresa, Lisa se deixou arrastar em direção à saída sem protestar.



Catalina os viu partir sentindo um doloroso ataque de ciúmes brutais. A mulher com seu ex-vizinho não era nada como Allison. Ela era alta, morena e muito atraente, e tinha um rosto bonito. Em outras circunstâncias, se não soubesse que estava com Leopold, teria gostado dela, mas apenas de pensar

que, com certeza, seria sua nova conquista, ela queria matá-la. Surpresa por essas emoções violentas, Catalina tentou se acalmar. Não permitiria que a aparição repentina de Leopold depois de tantos meses destruísse sua tranquilidade.

Foi um choque real vê-lo novamente. Achou que ele estava um pouco mais magro, mas continuava tão bonito como sempre e, assim que se aproximou para cumprimentá-la, soube, sem dúvida, que não tinha conseguido esquecê-lo. Apesar do tempo que passou, embora ela tentasse se dedicar à pintura, não conseguiu apagar a imagem de daquele homem, que voltava a sua mente para atormentá-la várias vezes.

Aborrecida, Catalina balançou a cabeça, decidida a não pensar mais nele, pelo menos por um momento, e voltou-se para o senhor com quem estava falando, tentando se concentrar em suas palavras. Quando tudo acabou, Diego se ofereceu para acompanhá-la até sua casa e se despediram na rua em frente ao seu portão.

— Boa noite, Cat, e parabéns. A exposição foi um sucesso, você vendeu mais da metade das pinturas.

— Muito obrigado, Diego, eu não poderia ter feito isso sem a sua ajuda.

— Você pode descansar, meu anjo. Lembre-se de que somos uma equipe, vamos nos tornar muito, muito ricos. — ele piscou para ela, que gargalhou.

— Vamos ver se é verdade, boa noite.

Diego se inclinou e a beijou suavemente nos lábios. Catalina ficou olhando que seu amigo entrou no carro e foi embora, depois começou a procurar as chaves em sua enorme bolsa.

— Catalina... — a voz profunda e viril a assustou, e o pesado chaveiro que ela finalmente conseguiu encontrar caiu no chão com um tinido alegre.

— Leo, o que você está fazendo aqui?!

— Eu te segui — ele confessou, franzindo a testa para ela. — Queria saber onde você morava, nenhum de seus amigos queria me dizer.

— Talvez seja porque eu não queria que você descobrisse — ela respondeu, irritada, e se inclinou para pegar as chaves.

— Parada, deixa que eu pego! — ele se abaixou rapidamente e lhe entregou.

Cat não pôde deixar de olhar para aqueles olhos cinza e gelados que, paradoxalmente, pareciam queimar com pura fúria e, assustada, ela recuou.

— Você faz bem em ter medo — disse o ex-vizinho em um tom de voz

estranhamente calmo.

— Eu não tenho medo de você! — os olhos castanhos o encaravam desafiadoramente, mas a ele não escapou a maneira como mordeu o lábio inferior para impedi-lo de tremer.

— Então você correu para se jogar nos braços do seu amante, não foi? O que Fiona acha do seu relacionamento?

Suas acusações a surpreenderam e a feriram imediatamente.

— Você só fala bobagens. Para sua informação, embora não precise explicar, um amigo me emprestou uma casinha no sul da França e fui pintar por alguns meses. — sem tentar esconder a expressão desdenhosa no rosto, Catalina se virou para abrir a porta.

— Um amigo... que conveniente. — cego de raiva, Leopold agarrou seu braço e a forçou a se virar mais uma vez.

— Aí, você me machucou!

— Eu não me importo, e se não fosse sua condição, eu juro que te sacudiria até que todos os ossos do seu corpo estivessem fora de controle! — sussurrou violentamente entre os dentes, embora tenha afrouxado o aperto.

— Deixe-me em paz, você não pode vir aqui me ameaçando. — furiosa, ela se mexeu, tentando se libertar.

— Ah não? — As mãos grandes dele apertaram seus braços e a sacudiram levemente.

— Me solte ou eu vou gritar — ela avisou.

— Vejo que você não está casada. Por quê?

— Casada? Você continua falando bobagem. — Catalina fez beicinho petulantemente.

— Ele não quer reconhecer seu filho? — perguntou com raiva.

Ela o olhou intrigada, como se não tivesse ideia do que diabos ele estava falando. De repente, ao ver sua expressão, uma idéia foi desenhada com uma nitidez ofuscante na cabeça de Leopold.

— Porque é dele, não é? De quanto tempo você está? — ele empalideceu.

— Cerca de vinte semanas.

Leopold fez alguns cálculos rápidos e seu rosto ficou pálido.

— Não será...

— O que? — ela o encarou desafiadora.

— Não é... meu filho?

Sem afirmar ou negar, Catalina prendeu seu olhar. Aturdido, Leopold

estendeu a mão e colocou a mão na barriga ligeiramente abaulada.

— Deixe-me em paz, não me toque!

— É meu... — ele afirmou como se ainda não pudesse acreditar.

— Não se preocupe, eu não vou pedir nada.

— Como você pôde...?! — Leopold teve que respirar fundo algumas vezes antes de poder continuar; os olhos prateados tinham um olhar enlouquecido e Catalina começou a se sentir realmente assustada. — Como você pôde esconder uma coisa dessas de mim?!

Embora ele tentasse falar em tom moderado, suas palavras saíram como tiros entre os dentes cerrados.

— Não é da sua conta — ela respondeu com uma voz tão baixa que quase não era audível. No fundo, tentava silenciar consciência há meses.

Profundamente ferido, Leopold apertou os braços um pouco mais.

— Ah não? Então, quem mais, se não? — incapaz de suportar esse olhar, furiosa e magoada, Catalina olhou para baixo — O que eu não entendo é que... Você não pensou em...? — Leopold não conseguiu terminar a frase; só pensar nisso fazia seu estômago revirar.

Ela tentou esconder a tristeza que esta pergunta lhe causou.

— Aborto? Nem por um momento me passou pela cabeça. Tenho idade suficiente para assumir a responsabilidade por minhas ações, mas ele é meu filho e de mais ninguém, então não se preocupe.

— Ele também é meu filho, tenho o direito de me preocupar. E eu também sou responsável por minhas ações.

— Olha Leo, estou cansada e quero ir para a cama. Não estou com vontade de ter essa conversa agora. — pela primeira vez, Leopold notou a aparência cansada de Catalina e as leves olheiras sob seus olhos, e a soltou lentamente.

— Está bem. Vá dormir, mas prometo que conversaremos sobre isso por muito tempo. Dessa vez você não vai me escapar tão facilmente — ele a advertiu em um tom calmo. Então se virou e se afastou na direção de seu carro. Profundamente aliviada, Catalina abriu rapidamente a porta do apartamento e desapareceu no corredor.

Leopold ficou sentado atrás do volante por um tempo. Notou que ainda estava respirando com dificuldade.

Catalina ia ter um filho dele.

Ele passou a mão nervosa pelos cabelos. Ele não tinha certeza de que estava pronto para ser pai. Era obviamente a última notícia que ele esperava

receber naquela noite e ele se sentia como um boxeador nocauteado que não sabia de onde vinham os socos que choviam sobre ele. Depois de alguns minutos, quando conseguiu se acalmar um pouco e o tremor em suas mãos pararam, ele se afastou dali a toda velocidade.



Dois dias depois, quando saiu de casa, encontrou Leopold esperando por ela, encostado em um carro esporte preto.

— Bom dia, Catalina, venha, eu levo você — disse ele em uma voz calma.

— Onde você vai me levar, se posso saber?

— Falei com sua mãe e sei que tem uma consulta com o ginecologista. Vamos lá, eu vou com você.

— Você falou com minha mãe? — ela ficou boquiaberta.

— Aparentemente, você esqueceu de contar a ela os pequenos detalhes de que o pai de seu filho não fazia ideia de que ele estava a caminho. Eu acho que uma boa briga espera por você.

Catalina olhou para ele.

— Não sei por que diabos você tinha que falar com minha mãe, ninguém lhe deu uma vela neste funeral e eu não quero que você me acompanhe a qualquer lugar.

— Vamos. — paciente, Leopold manteve a porta do veículo aberta.

Ela gostaria de recusar, mas o olhar severo que acompanhava a ordem não lhe deu escolha;. Ele parecia determinado e não queria fazer uma cena no meio da rua. Muito aborrecida, sentou-se no banco do passageiro.

— Eu pensei que tinha deixado claro que não te queria em minha vida.

— Lamento decepcioná-la, querida Catalina, estou aqui para ficar e você não será capaz de me impedir. — sua expressão determinada e implacável a fez entender o segredo do sucesso de seu ex-vizinho nos negócios. Assim, desamparada, Catalina não teve escolha a não ser indicar o hospital para onde deveria ir e, depois, não disse nem mais uma palavra pelo resto do caminho.

Ocasionalmente, Leopold olhava de soslaio seu belo perfil enquanto ela, muito digna, ainda mantinha os olhos na estrada. Apesar da atitude de Catalina, ele estava ansioso para estender a mão e pegar aqueles dedos finos

que se torciam nervosamente.



— Entre, Catalina, deite-se na maca e abra o botão da calça. — a enfermeira sorridente conduziu-a para uma pequena sala contendo o aparelho de ultrassom. — Hoje você vai fazer o ultrassom das vinte semanas. Imagino que seu marido também queira estar presente.

Leopold interveio antes que ela pudesse negar o relacionamento.

— Claro, eu não perderia por nada no mundo.

Catalina notou a enfermeira caia no encanto do sorriso do ex-vizinho e deu uma bufada indignada. Assim que estavam sozinhos, ela se virou para ele com raiva.

— Eu não gosto de você posando como meu marido.

— Você não precisa se preocupar, mais cedo ou mais tarde isso será uma realidade. — ela ficou boquiaberta, mas antes que lhe ocorresse uma resposta, Leopold acrescentou — Vamos Catalina, faça o que a enfermeira lhe disse e deite-se de uma vez.

Incapaz de articular uma palavra, Catalina finalmente obedeceu e, deitada na maca, abriu o botão da calça e puxou a blusa. Leopold encarou fascinado a barriga ligeiramente abaulada — o único sinal, exceto por um ligeiro aumento no tamanho do peito, de que ela estava grávida — e sentiu um desejo intenso de acariciá-la. A entrada da médica interrompeu seus pensamentos.

— Bom dia, Catalina, como está se sentindo?

— Muito bem, pelo menos não estou mais adormecendo nos cantos. E claro, desde que a náusea parou, estou com fome o tempo todo — ele respondeu, sorrindo.

— Isso é absolutamente normal — a médica devolveu o sorriso enquanto espalhava um gel claro sobre o abdômen. Em seguida, pegou a sonda exploratória e deslizou sobre a pele.

— O que é isso? — Leopold perguntou, surpreso ao ouvir um barulho estrondoso.

— É o coração do feto.

— Não está rápido demais? Isso é normal? Há algum problema? —

nervoso, ele fez uma pergunta após a outra.

— É sempre assim, tudo parece bem. Já mede 14 centímetros e pesa cerca de 250 gramas — disse a médica com gentileza, tentando tranquilizá-lo. — Você quer saber o sexo do seu bebê, Catalina?

— Sim, por favor. — Catalina olhava maravilhada para a imagem em preto e branco no monitor.

A médica examinou a tela cuidadosamente por um longo tempo e finalmente anunciou:

— Serão pais de uma menina. Felicidades aos dois.

— Uma menina! — Leopold disse com voz rouca.

Incapaz de conter sua emoção, ele pegou uma das mãos de Catalina. As pupilas de ambos se encontraram e Leopold percebeu nos grandes olhos castanhos o brilho das lágrimas. Sem poder evitar, os dois sorriram ao mesmo tempo e algo caloroso e delicado aconteceu entre os dois.

Capítulo 19

Ao sair do hospital, Leopold quebrou o silêncio constrangedor que os envolveu mais uma vez.

— Temos que conversar com calma, Catalina. — se quiser podemos ir para sua casa?

— Melhor não. Eu divido o apartamento com duas outras garotas, e uma delas pode estar lá agora.

— Então iremos ao meu.

— Hoje não vai trabalhar? Estou surpresa que você não precise ir ao escritório na terça-feira.

— Há coisas mais importantes do que trabalho — afirmou ele sem rodeios.

— Eu nunca pensei que ouviria você dizer algo assim, Leo.

Ele olhou para ela muito a sério.

— Talvez você não me conheça tão bem quanto pensa.

— Talvez... — ela sussurrou.



Quando chegaram a sua casa, Leopold se ofereceu para preparar algo rápido para comerem.

— Seria ótimo. Como sempre, estou com fome. — ela o acompanhou até a cozinha — em que posso ajudar?

— Você não precisa fazer nada, sente-se na sala e agora vou levar tudo lá. — seu ex-vizinho começou a abrir e fechar gavetas e tirar coisas da geladeira.

Mais uma vez, as bochechas de Catalina coraram de indignação.

— Leo, não gosto de ser tratada como inválida, sou perfeitamente capaz de preparar uma salada ou o que você me disser.

— Parece que a gravidez deixou você muito suscetível — ele brincou com um sorriso malicioso nos lábios.

— Só porque eu quero ajudá-lo, você não precisa... — sem deixá-la terminar a frase, Leopold a ergueu em seus braços e, apesar dos protestos de Catalina, levou-a para a sala e a colocou gentilmente em um dos sofás.

— Espero que amanhã suas costas doam terrivelmente por carregar todo esse peso — praguejou, com um olhar maligno, e Leopold não pôde deixar de rir. Como sempre, a proximidade do ex-vizinho a fez se sentir tremendamente viva.

Ela ficou furiosa por achá-lo tão atraente, então desviou o olhar daquele sorriso deslumbrante que a deixava completamente idiota, pegou uma das revistas de economia sobre a mesa e começou a folheá-la como se fosse a coisa mais interessante.

Depois de alguns minutos, Leopold voltou com um lanche saudável. Durante a refeição, Catalina esqueceu sua raiva e conversaram com a animação que costumavam fazer, como se esses cinco meses de separação nunca tivessem existido. Observando-a rir depois de ouvir um de seus comentários, Leopold se perguntou como pode suportar tanto tempo sem vê-la. O lindo rosto de Catalina brilhou e ele teve que fazer um grande esforço para não atacá-la e beijá-la várias vezes, até que finalmente desistisse e aceitasse ser sua para sempre.

Quando eles terminaram de comer, ele a proibiu estritamente de ajudá-lo a recolher a louça e levou tudo para a cozinha. Quando voltou à sala, viu que Catalina havia saído para o terraço, sem emitir nenhum som, ele se aproximou dela, olhando-a encantado. Catalina estava de pé com as duas mãos apoiadas na barriga, o olhar perdido no horizonte cheio de arranha-céus e uma expressão sonhadora no rosto que o fascinava.

Incapaz de se segurar por mais um minuto, ele veio atrás dela e a abraçou. Desta vez, ela não resistiu e descansou a cabeça no ombro dele. Leopold beijou seus cabelos enquanto colocava a mão em sua barriga protuberante e, surpreso, notou um leve movimento sob a palma da mão.

— Nossa filha está dando um oi — Catalina murmurou com os olhos fechados.

Leopold ficou em silêncio, incapaz de expressar a quantidade de

emoções que estavam se acumulando em seu peito naquele momento. Depois de um longo tempo, ele conseguiu fazer a pergunta que queria fazer há tanto tempo:

— Por que você fez isso, Catalina? — a garota não teve que perguntar o que ele quis dizer. A dor profunda em sua voz atingiu fundo Catalina.

— Entrei em pânico — ela confessou com sinceridade desarmante. — Quando acordei ao seu lado, só consegui pensar em me afastar um pouco para pensar, depois descobri que estava grávida e imagino que isso decidisse tudo.

— Você achou que eu era capaz de abandoná-la em tais circunstâncias? — ele fechou os olhos por um momento, atormentado.

— Eu não sei o que pensei. Eu apenas sabia que... — ela parou, angustiada.

— O que você sabia? Por favor me diga. Eu preciso entender — ele implorou.

— A única coisa que sabia era que não queria que você fosse forçado a tomar uma decisão contra sua vontade, por esse motivo — ela finalmente admitiu.

Gentilmente, Leopold a forçou a se virar, segurou-a pelos ombros e olhou fundo em suas pupilas.

— Catalina, eu amo você. Acho que te amei no momento em que te vi no terraço coberta apenas com aquela toalha. Naquele momento, embora inconscientemente, eu sabia sem dúvida que você era alguém especial. Ainda me lembro do meu desejo de matar Paul quando pensei que você fosse amante dele.

Ela olhou para ele atordoada.

— Sério, Leo? Eu estava convencida de que ficou nervoso quando nos conhecemos.

— Isso também. De alguma forma, só sua presença ameaçou as barreiras que me custaram tanto erguer ao meu redor. Eu estava apavorado.

A sinceridade dos olhos cinzentos era inquestionável e, comovida, Catalina timidamente estendeu a mão e acariciou gentilmente a face áspera.

— Você tinha medo de mim? Não posso acreditar.

— Bem, é melhor você acreditar. Conhecer você destruiu as bases sobre as quais eu havia fundado minha existência, segura até agora. Não entendi o porquê, mas você me deixou insatisfeito com a vida que levava, o que me pareceu uma impertinência de sua parte. — um sorriso escapou dela com

essas palavras — Eu precisava ver você, tocar em você o tempo todo. Quando dançamos juntos no baile Health4U, percebi que havia me apaixonado por você.

— É por isso que você estava tão estranho? — Catalina estava começando a entender algumas coisas.

Leopold assentiu sem afastar o olhar daqueles olhos carinhosos que olhavam para ele com ternura.

— Eu lutei comigo mesmo, negando repetidamente. Eu disse a mim mesmo que a única coisa que sentia por você era desejo sexual, que uma vez que eu dormisse com você tudo isso desapareceria.

— Então você decidiu me deixar bêbada... — Cat franziu a testa e olhou para ele com raiva fingida.

— Eu te deixei bêbada e, como bem sabe, eu não consegui meus propósitos malignos o que só serviu para me fazer te querer ainda mais. — delicadamente, os dedos longos afastaram uma mecha de cabelo do rosto e o colocaram atrás da orelha — No dia em que te vi nua na praia, pensei que iria explodir.

— Você me espionou enquanto eu me trocava! Leopold Gallagher, lembre-me de nunca confiar na sua palavra de escoteiro, ou na de um cavalheiro, ou...! — seus olhos castanhos brilharam e Leopold a achou completamente adorável. Incapaz de se conter, ele gentilmente agarrou o rosto dela com as duas mãos e apoiou os lábios nos lábios dela, fazendo-a calar a boca instantaneamente.

O choque que ela experimentava toda vez que Leopold a beijava surgiu novamente, e Cat teve que descansar as mãos no peito masculino para se sustentar.

— Leopold — ela sussurrou contra os lábios dele alguns minutos depois. Eu tenho que confessar algo para você...

Muito lentamente, Leopold afastou a boca da de Catalina e olhou maravilhado para o belo rosto corado e aqueles olhos castanhos aveludados, tão expressivos que não conseguiram esconder sua paixão. Tudo brilhava como um milhão de diamantes e ele não conseguia desviar os olhos de tal visão.

— Vamos lá, confesse. — o tom áspero de sua voz fez Cat estremecer com um calafrio que não era exatamente assustador.

— Eu... eu também te espiei quando você ficou de cueca na praia...

Seu vizinho jogou a cabeça para trás e riu alto.

— Catalina Stapleton, eu já sabia que você era sem vergonha! Lembre-me mais tarde de puni-la por sua ousadia, mas agora vou continuar com minha história. — Como se tivesse vontade própria, sua mão acariciou sua bochecha suave sem parar e a garota aproximou o rosto daqueles dedos, longos e quentes, que ela havia sentido tanta falta nos últimos meses. — Não sei se você sabe, Catalina, que depois de um tempo decidi abandonar meus planos de sedução. Cheguei à conclusão de que estava tão à vontade com sua companhia que preferia não arriscar por uma satisfação sexual passageira. No entanto, o que eu era incapaz de reconhecer, mesmo para mim, era que me aterrorizava pensar que, uma vez satisfeito o desejo, você poderia se cansar de mim e, no final, perderia tudo. Mas na noite em que vi você beijando Atkinson, todos os meus planos foram pelos ares...

— Pare! Eu não o beijei, foi ele quem me beijou. Robert só queria me oferecer conforto depois de pegar você beijando Pamela em flagrante. — Catalina interrompeu, muito interessada em esclarecer esse ponto.

— Repito que não beijei Pamela. Como você bem sabe, não tenho olhos para outra mulher além de você há muito tempo — disse ele, impaciente, olhando-a severamente.

— Eu não sei nada disso — protestou Catalina, e sem tirar os olhos dos dele, perguntou ironicamente — E a mulher de cabelos escuros que o acompanhou até a exposição? Ela também é uma fantasia da minha mente doentia?

— Está com ciúme? — Leopold abriu um sorriso que parecia irritante para ela.

— Eu deveria estar? — ele respondeu desafiadoramente.

— Lisa é a esposa de Harry, meu melhor amigo. — Leopold recuperou a seriedade e confessou — Desde que te conheci, Catalina, não estive com nenhuma outra mulher. Eu nem fui capaz de voltar para a cama com Allison.

— Eu não fazia ideia — Catalina disse sinceramente e, sentindo uma profunda emoção, ergueu os braços, envolveu o pescoço masculino e enfiou os dedos nos cabelos curtos. Sentindo o corpo imenso de seu ex-vizinho tremer sob seu toque, Cat se alegrou com o poder recém-descoberto.

— Se você continuar com isso, não sei se poderei continuar com minhas explicações — alertou Leopold, que começou a respirar pesadamente.

A garota o soltou instantaneamente e cruzou os braços. Maliciosa, ela levantou uma sobrancelha e disse em tom de desdém:

— Está bem, continue, vizinho, você conseguiu despertar o meu

interesse.

— Estou feliz por ter conseguido tal feito, Srta. Stapleton, lembre-me de lhe dar uma punição dupla por sua impertinência mais tarde — disse ele ameaçadoramente. — Como eu estava dizendo, quando vi Atkinson *te beijando*, (e você sem resistir muito) — ela bufou, indignada — eu perdi a cabeça. Naquele momento, eu só conseguia pensar que você tinha que ser minha, todo o resto foi apagado da minha mente e você sabe o que aconteceu depois...

— Sim, eu sei muito bem... — as imagens tórridas daquela noite de paixão retornaram à mente de Catalina, como haviam feito milhares de vezes durante os longos meses de separação.

— Não sei o que aconteceu comigo naquela noite. Era como se eu não conseguisse parar de tocar em você por um segundo... isso nunca tinha acontecido comigo. Diga a verdade, Catalina, eu te assustei? Te machuquei? — a voz masculina refletia a angústia e o remorso que o acompanhavam há muito tempo, e Cat sabia sem dúvida que havia chegado a hora de parar de fugir. Ela tinha que enfrentar o que havia entre eles e ser completamente honesta.

— Não, Leo, você não me machucou e sim, você me assustou... — ela passou a mão pela carranca dele, como se quisesse apagar aquela expressão atormentada, depois pegou o rosto nas mãos e o olhou no olhos cinzentos que tanto gostava — Me assustou tanto perceber o que eu sentia por você que fugi como uma covarde.

Leopold ficou muito quieto, sem tirar os olhos dela, e finalmente se atreveu a perguntar, tentando não tremer a voz:

— E o que você sentiu por mim?

— Eu percebi que, pela primeira vez na minha vida, eu me apaixonei.

A sinceridade mais absoluta brilhava naqueles olhos castanhos que olhavam para ele com tanto amor, que Leopold sentiu um repentino aperto na garganta e foi obrigado a engolir várias vezes. Lentamente, ele pegou o queixo de Catalina entre o polegar e o indicador e, trazendo-a gentilmente para ele, tocou seus lábios sensuais como um homem faminto se jogando em um banquete.

Catalina passou as mãos em volta da nuca e o puxou para mais perto. O abraço foi longo e abrasador, e qualquer coisa, menos a sensação daqueles lábios firmes que devoravam sua boca, foi apagada de sua mente. A certa altura, Leopold se inclinou um pouco, pegou-a como se não pesasse nada e

caminhou com ela para o quarto.

A luz dourada da tarde, filtrada pelas cortinas nas janelas, inundavam o quarto. Gentilmente, ele a deitou na cama e deitou-se ao seu lado. Leopold descansou a cabeça no braço dobrado e, olhando o rosto de Catalina corado de excitação e os lábios avermelhados por seus ávidos beijos, ele disse mais uma vez que ela era a mulher mais bonita que ele já conhecera. Então ele se inclinou para ela e sussurrou com voz rouca no seu ouvido:

— Catalina, eu preciso de você... estou muito tempo sem você. —

Catalina notou o desejo selvagem que estava aparecendo no olhar de Leopold e sabia que era o reflexo fiel daquilo que ela sentia. Os enormes e quentes olhos castanhos olharam para ele com profunda ternura e ela apenas respondeu:

— Sim.

Muito gentilmente, Leopold começou a desabotoar a roupa larga que ela estava usando. Desta vez, estava determinado a não se apressar, ele não apenas queria dormir com Catalina, queria mostrar a ela até que ponto seu amor ia. Quando terminou de soltar todos os botões, ela tirou a peça, depois desabotoou o sutiã, jogou-o para o lado e fez o mesmo com o resto de suas roupas e ficou por um tempo olhando seu corpo completamente nu com reverência.

— Você é tão bonita...

Corando com a sensação daquele olhar ardente deslizando por todo o seu ser, Catalina perguntou:

— Apesar de estar grávida?

— Isso te deixa ainda mais bonita aos meus olhos.— ele acariciou sua barriga suavemente antes de inclinar a cabeça e começar a espalhar beijos leves na pele sedosa e firme que a cobria.

As mãos de Catalina se enroscaram nos cabelos grisalhos curtos e, forçando-o a levantar a cabeça, então ela o puxou em sua direção e o beijou na boca.

— Eu te amo — ela sussurrou contra os lábios dele.

— Você me ensinou a viver, Catalina — ele respondeu com voz rouca.

Apesar do calor causado pelas carícias ardentes de Leopoldo, Catalina tremeu com as palavras dele e o apertou com força. Então ele se afastou um pouco e desabotoou a camisa, tirou-a e fez o mesmo com a calça e o resto da roupa. Nus, deixaram se envolver pelo delírio e se acariciaram até que, sufocados e sem fôlego, atingiram o limite de sua resistência.

Leopold separou os joelhos e, com um impulso suave, entrou no interior feminino quente, enquanto Cat passava as pernas ao redor dos quadris dele, tentando ficar ainda mais perto dele. A certa altura, ainda dentro dela, Leopold apoiou-se nos braços e olhou para o rosto feminino, cujas pálpebras mal escondiam o delírio em que suas carícias a afundavam.

— Este é um novo tipo de tortura perversa? — ela perguntou com uma voz trêmula. Leopold lhe deu o sorriso mais terno que a jovem já tinha visto.

— Não, isso é amor, já que fazemos juntos...

Catalina o abraçou com toda a força e pressionou a boca na dele, enquanto arqueava os quadris contra seu corpo. E com esse ataque apaixonado, Leopold, impotente diante de suas carícias, não conseguiu mais se conter por um segundo e, com movimentos suaves e profundos ao mesmo tempo, continuou até que os dois, ofegantes e com os corpos escorregadios de suor, chegassem a um clímax pulsante que os deixou completamente exaustos.



Muito mais tarde, deitada no peito masculino, Catalina se sentiu absolutamente feliz. O braço de Leopold foi ao redor de sua cintura e pressionou contra ele como se não pudesse suportar a idéia de perder o contato com a pele dela, nem por um segundo. De repente, Cat olhou para cima e ofegou de surpresa:

— O quadro de Peter! Leo, foi você!

Leopold olhou para a pintura e depois olhou para ela com um sorriso largo.

— Sim, eu comprei.

— Porque não me disse? — ela esfregou o rosto no peito dele, mimosa.

— Fiquei envergonhado por você ter adivinhado que eu não poderia viver sem ter algo seu por perto, mas disse a mim mesmo que havia comprado apenas como amante da arte. Não conseguia dormir sem contemplá-lo por um longo tempo não parecia importar, nem que era a primeira coisa que ele olhava quando acordava de manhã, mas agora... — De repente, ele ficou muito sério. Um segundo depois, ele se sentou no colchão, agarrou os braços dela e a forçou a sentar-se até os dois olhos terem a mesma

altura. Com o coração espreitando o dele, ele acrescentou: — Agora quero contemplar o original, por todas as manhãs, pelo resto de minha vida. Diga-me que se casará comigo, Catalina. Não vou permitir que você saia do meu lado novamente.

Ela olhou para ele sem fazer qualquer tentativa de esconder o profundo amor que sentia.

— Sim, Leo, eu te amo. — Leopold apertou-a com força e beijou-a até que, entre as brumas de sua paixão, sentiu as palmas das mãos de Catalina contra seu peito, tentando afastá-lo.

— Que foi? — Ele perguntou preocupado.

— Espere, eu vou casar com você, Leo, mas com uma condição...

Vendo as manchas brilhantes de ouro, maliciosas, nos olhos castanhos, ele franziu o cenho.

— Hum. Não gosto nada disso...

— Eu quero que você admita que agora acredita em maldições.

Por um momento, Leopold não sabia a que ela estava se referindo, mas imediatamente se lembrou das palavras de aviso que lhe dera na primeira vez em que a beijara; muito a sério, ele colocou a mão no coração.

— Catalina Stapleton, admito que me comportei como um incrédulo estúpido. Quando você me avisou que todo mundo que a beijou se apaixonou desesperadamente por você, você estava absolutamente certa, você é uma bruxa de verdade.

— Você viu? Não foi tão difícil. — ele sorriu.

— Então você quer se casar comigo? Catalina, responda imediatamente, eu não gosto dessa incerteza — ele ordenou em tom severo, sacudindo-a levemente.

Sua torturadora levantou o nariz arrogantemente e disse, muito séria:

— Meu amado vizinho esnobe, é claro que vou me casar com você, mal posso esperar para lhe dar outra surra no xadrez.

— Malvada! — ele se lançou para ela e a pressionou contra seu corpo com todas as suas forças.

— Oh, você está me esmagando! — Catalina protestou, apesar de seus próprios braços, entrelaçados ao redor do pescoço masculino, apertarem-no como se nunca mais o soltasse.

— Catalina...? — o tom áspero na voz de Leopold tão perto de seu ouvido provocou um arrepio violento que subiu e desceu por sua espinha, sacudindo, uma a uma, todas as suas vértebras.

— Sim, Leo...?

— Eu não sei o que você faz comigo, Catalina, mas ao seu lado me sinto como um animal no cio. Eu preciso com toda a minha alma fazer amor com você de novo — ele sussurrou, afundando a cabeça na curva do pescoço dela a mordiscando a pele macia.

Catalina arqueou contra ele, e seus seios inchados e barriga se cravaram em seu torso. Instantaneamente, a excitação de Leopold aumentou como mercúrio de um termômetro quando aproximado de uma lâmpada.

— Um animal... hmm, eu gosto... — a nuance quente e sensual da voz de Cat, que ele nunca ouvira antes, fez com que qualquer sugestão de sanidade desaparecesse da mente de Leopold e ele não conseguisse mais pensar em outra coisa senão em se fundir a ela mais uma vez.

Obrigada!

Obrigada por ler *Algo mais que vizinhos*, espero que tenha gostado!

Quer saber quando sairá o meu próximo livro?

Pode se inscrever na minha Newsletter em www.isabelkeats.com
(só enviarei informações sobre os futuros lançamentos),
seguir-me no twitter [@IsabelKeats](https://twitter.com/IsabelKeats) ou curtir minha página no [Facebook](https://www.facebook.com/IsabelKeats).

As opiniões são muito úteis para ajudar a outros leitores a encontrar
meus livros.

Agradeço todo tipo de opiniões, tanto positivas, quanto negativas.

Meus outros romances são:

[El protector](#)
[Algo más que vecinos](#)
[Empezar de nuevo](#)
[Abraza mi oscuridad](#)
[Vacaciones al amor](#)
[Nada más verte](#)
[Cuéntaselo a otra](#)
[Te quiero, baby](#)
[Te odio,pero bésame](#)
[Un bonsái en la Toscana](#)
[Mi tramposa favorita](#)[Mil “tequieros”](#)
[Escrito en mis sueños](#)
[Escrito en las estrellas](#)
[Me vuelves loco](#)
[Los príncipes solo viven en los cuentos](#)
[El sol sale por el Oeste](#)
[Mil campanas](#)

Meus relatos:

[Patas de alambre](#)
[Nunca es tarde](#)

Espero que goste deles também!

Sobre a autora

Isabel Keats é uma mulher comum que um dia resolveu escrever. Mãe de uma família numerosa (com cachorro incluído), ela tem sorte de ter algo mais valioso que o ouro: tempo livre, embora não tanto quanto ela gostaria. Gosta de romances, adora finais felizes, então, em resumo, escreve romances, porque neste momento de sua vida é o que mais deseja ler.

Isabel Keats — Vencedora do Prêmio HQÑ Digital com *Empezar de nuevo*; finalista do Primeiro Prêmio de Contos Harlequin com seu romance *El protector* e finalista também do III Concurso de Romances Românticos Vergara-RNR com *Abraza mi oscuridad*. — É o pseudônimo por trás do qual se esconde uma licenciada em Publicidade madrilenha, casada e mãe de três garotas. Até hoje, publicou mais de uma dúzia de obras entre romances e relatos, alguns das quais foram traduzidas em inglês, alemão, italiano e português.

Encontrará mais informações sobre a autora em:

www.isabelkeats.com